

· LETICIA VILELA ·



LA PROFECIA
DE SAMSARA

GUTENBERG

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

·LETICIA VILELA·

A PROFECIA
DE SAMSARA



GUTENBERG

Copyright © 2014 Leticia Vilela

Copyright © 2014 Spikez

Copyright © 2014 Spikez

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja cópia xerográfica, sem autorização prévia da Editora.

GERENTE EDITORIAL

Alessandra J. Gelman Ruiz

EDITOR ASSISTENTE

Denis Araki

ASSISTENTES EDITORIAIS

Carol Christo

Felipe Castilho

PREPARAÇÃO

Geisa Oliveira

REVISÃO

Raquel Fernandes

Kyanja Lee

CAPA

Diogo Droschi

ROTEIRO

Marcos Massao Inoue

ILUSTRAÇÕES

Leticia Vilela

Marcos Massao Inoue

DIAGRAMAÇÃO

Marcos Massao Inoue

Christiane Morais

PRODUÇÃO DO E-BOOK

Schaffer Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Vilela, Leticia

A Profecia de Samsara / Leticia Vilela. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2014.

ISBN 978-85-65383-90-5

1. Ficção brasileira I. Título.

14-04294

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

EDITORA GUTENBERG LTDA.

São Paulo

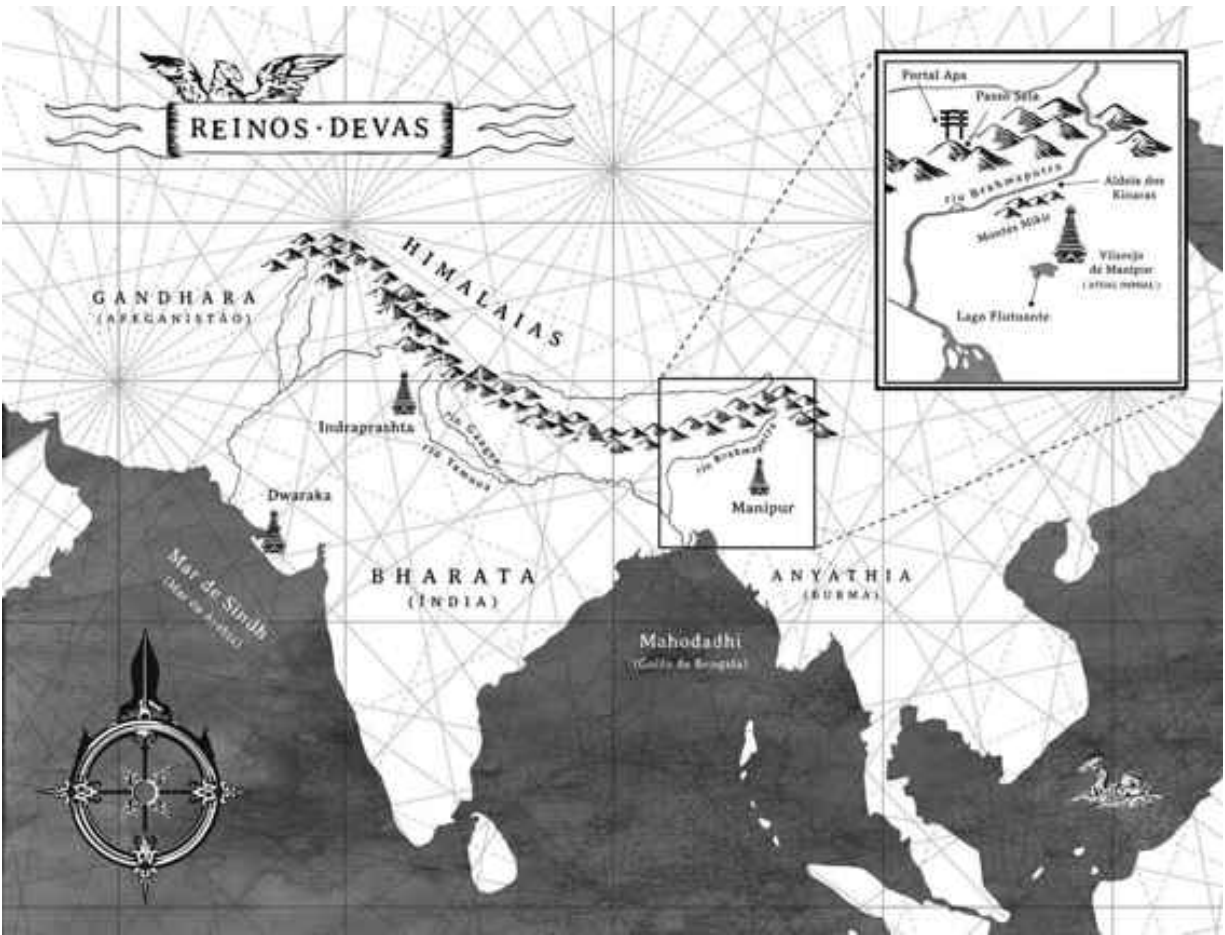
Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2.301
Cerqueira César . 01311-940
São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte

Rua Aimorés, 981, 8º andar
Funcionários . 30140-071
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3214 5700

Televendas: 0800 283 13 22
www.editoragutenberg.com.br

*À avó Stella, carinhosa,
louca e atenciosa, fonte de bons
e maus exemplos, que me ensinou a
importância de ser eu mesma.*



OS CLÃS HOLLOW

Há cerca de trinta mil anos, o soberano da dimensão mágica de Maan, conhecido como Hollow Deva, passou a viver na Terra ao encarnar sob forma humana, dando início à Grande Era da Magia. Ele e seus descendentes formaram o Clã dos Devas, que se mantém vivo a partir da energia mágica emanada pelos humanos, chamados por eles de Alayas.

Dez mil anos depois, na aurora da civilização humana, surgiu na Terra outro Clã misterioso, considerado uma abominação pelos Devas, pois vivia a partir da energia proveniente do sangue humano: os temíveis Varnis, liderados por Hollow Varni.

Muito tempo depois, já no século XX, fatos inusitados culminaram no surgimento de um novo e diferente Clã de seres fantásticos: os Auras. O grupo consegue se manter sugando as emoções humanas, porém interfere definitivamente no destino e nos rumos da história da humanidade.

OS DEUSES E AS GUILDAS MÁGICAS DOS DEVAS

Existem três tipos de deuses magos no Clã dos Devas: Gaias, Animatas e Ignis. Cada um deles se organiza em três tipos de guildas, que são grupos de trabalho e estudo para criar e aperfeiçoar encantamentos. Um humano, que é chamado de Alaya, ao se tornar um Deva ou mago junta-se à guilda com a qual tiver maior afinidade.

MAGOS GAIAS

Os Gaias são os Devas mais antigos e, portanto, os mais integrados à natureza. Eles controlam as magias relacionadas à Vida. Suas guildas são:

✦ **Guilda dos Quiméricos:** Formada pelos Gaias que se unem fisicamente a seus totens, sendo metade humanos e metade animais. Os Quiméricos ainda subdividem-se em tribos, de acordo com sua metade animal.

- Tribo dos Nagas - Quiméricos metade cobra
- Tribo dos Mermis ou Sereias - Quiméricos metade peixe
- Tribo dos Kinas - Quiméricos metade cavalo
- Tribo dos Garudas - Quiméricos metade ave
- Etc.

- ✦ **Guilda dos Herbalistas:** Formada pelos Gaias que se unem fisicamente a seus totens, sendo metade humanos e metade vegetais. É formada por uma única tribo, apesar de toda exuberância do reino vegetal, composta por curandeiros e perfumistas.
- ✦ **Guilda dos Apas:** Apesar de serem Gaias, os Apas são mais urbanos sendo intermediários entre Gaias e Animatas. Não se unem a totens, mas manifestam elementais feitos de água. Dominam magias de teleporte através da água.

MAGOS ANIMATAS

Os Animatas controlam magias relacionadas à Matéria. São magos construtores pois dominam os elementos físicos. As cidades são resultado de seu trabalho. Suas guildas são:

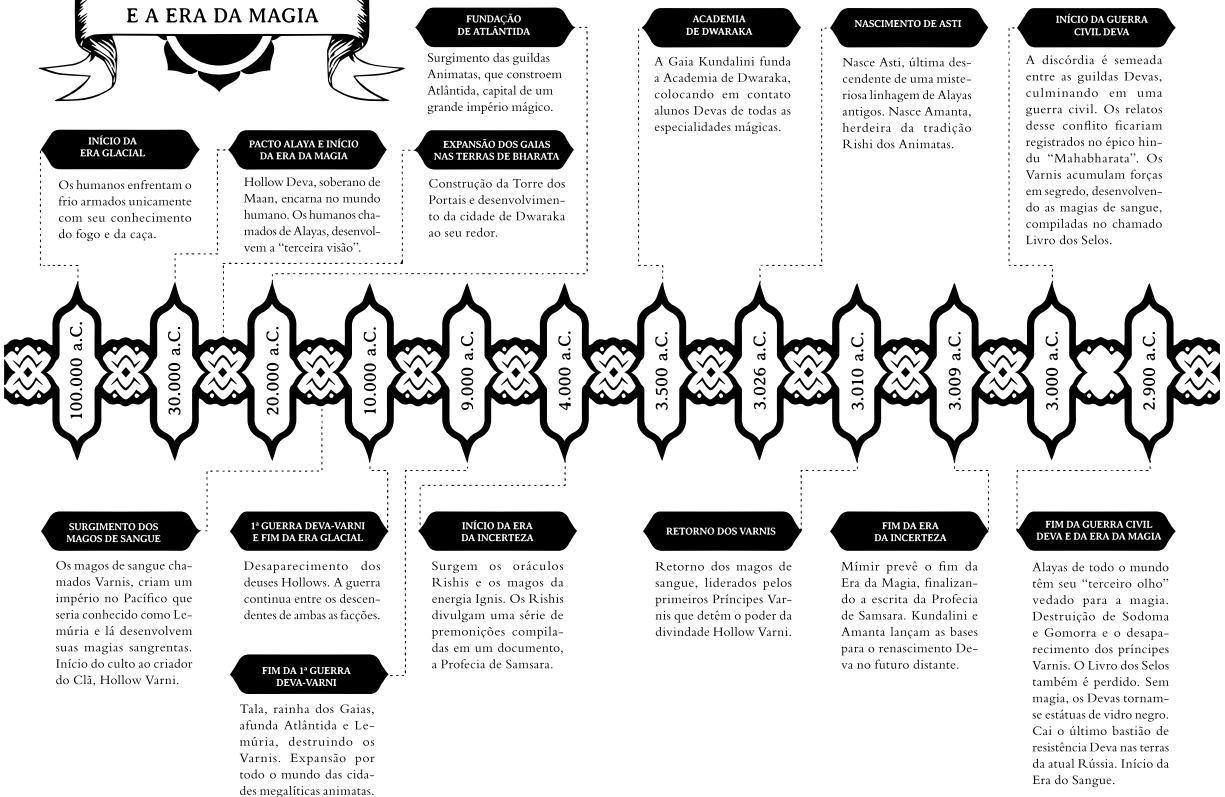
- ✦ **Guilda dos Ayas:** Seu nome deriva do termo sânscrito (a linguagem Deva) e significa metal, que é o elemento que eles controlam. São associados aos ferreiros, mas são capazes de controlar outras substâncias inanimadas, como rocha ou areia.
- ✦ **Guilda dos Gandarvas:** São domadores de tornados e músicos inigualáveis, por controlarem o ar, e portanto, o som.
- ✦ **Guilda dos Rishis:** Dominam o espaço-tempo, conseguindo visualizar o passado e o futuro.

MAGOS IGNIS

Os Ignis controlam magias relacionadas à Energia. Surgiram como uma dissidência dos magos Animatas e dominam todas as formas energéticas. Suas guildas são:

- ✦ **Guilda dos Vajras:** Senhores dos fenômenos elétricos e magnéticos, o que inclui a luz. São espiões inigualáveis.
- ✦ **Guilda dos Rajas:** Sua especialidade é direcionar energia, dissipando ou concentrando calor à sua volta. Também controlam as chamas, que lhes vale a alcunha de “mestres do fogo”.
- ✦ **Guilda dos Bindus:** Seu poder vem do núcleo do átomo, o coração da matéria. Emitem uma luz tão venenosa que precisam estar permanentemente encerrados em chumbo.

A HISTÓRIA DO MUNDO E A ERA DA MAGIA





A ERA DO SANGUE E A ERA DA ALMA

EXPANSÃO VARNI

Estabelecimento do Reino Oriental dos Varnis na China. A Varni Mei é coroada rainha. Estabelecimento do Reino Ocidental em terras egípcias.

FUNDAÇÃO DE ROMA

Estabelecimento da Sociedade Armaya, os informantes e guardiões diurnos dos Varnis ocidentais.

DESTRUIÇÃO NA CRUZ

Um construto Deva que pregava uma filosofia contrária aos deuses pagãos é destruído na cruz. O construto torna imortal um humano que seria conhecido como Judeu Errante.

EXPANSÃO ARMAYA NA PRIMEIRA CRUZADA

Os Armayas unem-se às Cruzadas para descobrir o paradeiro do Livro dos Selos, encontrado no Mar Morto e levado para a Biblioteca de Constantinopla.

A ÚLTIMA ARMAYA

Nasce Jana Kammler, predestinada a levar a cabo os eventos finais da Profecia de Samsara, que culminarão no renascimento Deva.

FIM DA ERA DO SANGUE E INÍCIO DA ERA DA ALMA

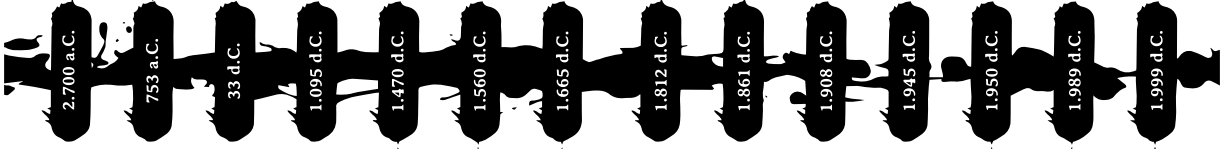
Fim da Segunda Guerra Mundial e detonação da primeira bomba atômica. Asti é despertada pela energia da explosão. Surgimento da primeira Grande Aura, a "Garota Sagrada", mãe dos misteriosos Auras. Asti percorre os infernos em busca da alma de 108 Devas, que reencarnariam como novos Alays no futuro e trariam de volta a magia ao mundo.

INVASÃO NAPOLEÔNICA À RÚSSIA

Alisa, auxiliada pelo humano Miguel, encontra o Livro dos Selos, que cai em posse de Merian, uma traidora de Ângela.

GUERRA CIVIL NORTE-AMERICANA

Alisa destrói a organização Armaya. Alguns membros do núcleo mais secreto da sociedade sobrevivem.



BIBLIOTECA DE LIBÉRIA

Após a queda do Império Bizantino alguns anos antes, Sofia Paleologa, sobrinha do último imperador bizantino, parte para Moscou para casar-se com o monarca russo. Leva como dote, livros da biblioteca de Constantinopla, entre eles o Livro dos Selos. Construção da biblioteca de Libéria, onde o livro é guardado.

IVAN, O TERRÍVEL TORNA-SE VARNI

Ivan, o Terrível, monarca russo, toma posse do Livro dos Selos e começa a experimentar algumas de suas magias.

A GRANDE PRAGA EM LONDRES

A humana Alisa é salva da morte pela rainha Ângela e torna-se sua herdeira. Seus poderes de sombra, no entanto, são considerados vergonhosos pelos Sorrows, clã Varni ao qual Ângela pertence.

DESAPARECIMENTO DA RAINHA MEI

A capital dos Varnis orientais, a cidade murada de Kowloon em Hong Kong, é evacuada. Surge Kaede, segunda dos três grandes Auras. A Varni Lady Sun torna-se a nova rainha dos Varnis orientais. Expansão furtiva dos Auras, que se juntam a associações criminosas como a Yakuza e as triades chinesas.

RAFE É CONVERTIDO EM AURA

O grafiteiro Rafael "Rafe", a ponte entre os clãs, é convertido em Aura no Japão. Passa a pertencer ao núcleo da Aura Kaede.

RETORNO DOS DEVAS

Nascimento do primeiro novo Alaya, Artur, no Brasil. Retorno de Asti ao plano terreno.

GLOSSÁRIO

- ✦ **Bansuri:** Flauta de bambu.
- ✦ **Chapati:** Espécie de pão achatado ou panqueca.
- ✦ **Dothis:** Tipo de saiote masculino amarrado na cintura.
- ✦ **Falguni:** Nascido durante o mês “Phalgun”, do calendário hindu. Um dos muitos nomes pelos quais era conhecido Arjuna no épico hindu “Mahabharata”.
- ✦ **Alayas:** Como eram conhecidos os humanos na Era da Magia.
- ✦ **Gazua:** Chave falsa, ferro curvo que serve para arrombar fechaduras.
- ✦ **Ghee:** “Manteiga purificada”, muito utilizada na culinária hindu.
- ✦ **Gorata:** Unidade de medida na Índia antiga, equivalente a três ou quatro quilômetros.
- ✦ **Grande Bhárata:** Índia.
- ✦ **Ksatria:** Guerreiro, segunda posição mais importante no sistema de castas hindu.
- ✦ **Lei:** do código de Manu.
- ✦ **Mar de Sindh:** Mar da Arábia.
- ✦ **Modak:** Bolinho de arroz, recheado de açúcar mascavo e coco.
- ✦ **Namasté:** Cumprimento hindu (“O deus que vive em mim saúda o deus que vive em você”).
- ✦ **Oniromancia:** Previsão do futuro pela interpretação dos sonhos.
- ✦ **Passo Sela:** Um “passo” corresponde ao ponto mais baixo entre dois picos adjacentes. Os passos de maior altitude da Terra encontram-se no Himalaia.

- ✦ **Pulu:** Polo.
- ✦ **Provérbio hindu “Quando um elefante está com problemas, até um sapo irá chutá-lo”:** significa que não importa o quão poderoso você seja; quando estiver em uma posição de inferioridade, todos irão tirar vantagem de você.
- ✦ **Sári:** Traje típico das mulheres indianas. Um longo pedaço de pano de seis metros, que envolve todo o corpo.

SUMÁRIO

- PRÓLOGO A intrusa
- CAPÍTULO 1 Festival em Manipur
- CAPÍTULO 2 Fome
- CAPÍTULO 3 Vingança
- CAPÍTULO 4 A chave da profecia
- CAPÍTULO 5 O caminho do Passo Sela
- CAPÍTULO 6 A Cidade Dourada
- CAPÍTULO 7 Herbalista
- CAPÍTULO 8 Veneno Dvesha
- CAPÍTULO 9 Sombras
- CAPÍTULO 10 Mercado Alaya
- CAPÍTULO 11 Varnis
- CAPÍTULO 12 Sangue Amaldiçoado
- CAPÍTULO 13 Gandiva
- CAPÍTULO 14 Fuga
- CAPÍTULO 15 Mistério de Radha
- CAPÍTULO 16 Promessas não cumpridas
- CAPÍTULO 17 Serviçal
- CAPÍTULO 18 Sonhos e presságios
- CAPÍTULO 19 Portal reaberto
- CAPÍTULO 20 Festival de luzes
- CAPÍTULO 21 Mantra Brahmadanda
- CAPÍTULO 22 A procura do Cálice

CAPÍTULO 23 Vozes na névoa
CAPÍTULO 24 Falguni
CAPÍTULO 25 Tatuagem
CAPÍTULO 26 Cela sombria
CAPÍTULO 27 O Portal de Samsara
CAPÍTULO 28 Astras
CAPÍTULO 29 A Maldição do Sol.
CAPÍTULO 30 Luz
EPÍLOGO



Prólogo
A intrusa
Arjuna

Era estranho ser príncipe aos 7 anos de idade. Essa posição exigia certos sacrifícios que eram ainda estranhos para um garoto tão pequeno, que não sabia nem se iria se acostumar com aquela vida que seus irmãos tanto lhe prometiam.

Fazia apenas poucas semanas que tinha deixado o vilarejo dos Alayas para se mudar para o castelo dos Pandavas, mas Arjuna tinha a impressão de que aquilo tinha ocorrido havia muito mais tempo. Sua vida até então parecia ter acontecido em alguma encarnação anterior.

Acostumado a dormir em meio a muitos outros alunos e aprendizes, agora ele tinha um quarto somente para ele, na torre mais alta do castelo. Poucos tinham o privilégio de conviver com um Deva – e eventualmente de se tornar um –, mas mesmo assim ele achava que o quarto real era frio demais e que ficava muito no alto. Talvez aquilo fosse mesmo um lembrete de que, em algum momento, no futuro, ele deixaria de ser um garoto mortal. Certamente, aquilo era mesmo um grande privilégio e ele estava sendo apenas ingrato. Pelo menos gostava da vista.

Da varanda para onde davam os quartos reais, era possível enxergar toda a cidade sagrada de Indraprashta. Ainda não havia tido coragem de se aproximar do parapeito porque Bhima, seu irmão e orientador, havia dito a ele que se uma gota de água caísse da torre, ela secaria antes de chegar ao chão, tão alta ela era. Isolada de tudo, apenas o barulho do vento podia ser ouvido dali.

Certa noite, presenciou um fato estranho do qual nunca mais se esqueceu. Estava já em sono profundo, no calor de seu leito, quando um estrondo vindo da varanda o fez saltar da cama. Ao andar pelo quarto,

percebeu que estava sozinho. Yudistira, o líder da família Pandava, não estava ali. Nem Bhima, que parecia haver saído há algum tempo. Aquilo deixava Arjuna assustado, mas curioso. Seu corpo diminuto arrepiava-se com o contato dos pés com o chão gelado, mas no escuro não se atreveria a procurar seus calçados.

Lentamente, dirigiu-se para a varanda, tomando o cuidado para não fazer nenhum ruído. Viu então que na varanda havia uma vimana, um elegante veículo flutuante, jazendo ao final de uma trilha de ladrilhos estilhaçados. Sua condutora, uma mulher alta e de longos cabelos esverdeados, levantou-se da nuvem de poeira causada pelo pouso desajeitado. Conforme os olhos do garoto se acostumavam à luz, podia ver que era certamente uma Deva, como seus irmãos. Ele a reconheceu pelas vestes e pelo porte, mas principalmente pela cor de pele arroxeadada.

A intrusa adentrou o quarto de Bhima, que ficava ao lado do de Arjuna, e o garoto prontamente a seguiu. Por detrás de uma cortina pôde vê-la carregando um fardo e colocando-o com cuidado sobre uma almofada. Mesmo de longe, conseguiu ver que entre os panos havia um bebê. Seus olhos brilhavam como se neles houvesse fogo. Viu que a mulher levou o indicador aos lábios, como se estivesse pedindo silêncio à criança, que até parecia compreender o gesto.

O pequeno Arjuna ficou observando que a Deva voltou à vimana e retirou dela outro fardo, dessa vez bem maior. Viu-a depositar com cuidado o envoltório em uma cama, e descobrir os panos que envolviam seu conteúdo. Quando ele foi exposto, Arjuna sentiu um arrepio na espinha. Eram pedaços de uma estátua humana, feita de vidro negro. E ele sabia que era isso o que acontecia quando os Devas morriam: eles se transformavam em vidro. Se esse vidro quebrasse, a morte era irreversível.

Contudo, ao olhar a cabeça da estátua... Arjuna quase caiu com o choque. Era o rosto de Bhima! Não podia ser! Então ele estava morto? Incrédulo, paralisado e perdido, ainda observou a mulher juntar as palmas das mãos em uma reverência silenciosa e depois levá-las ao rosto. Seu estado de aturdimento foi quebrado por um grito.

– Draupadi! – Era Yudistira, que havia chegado sem aviso, empunhando sua espada cristalina. A luz azulada mortal que emanava da arma contrastava com a escuridão do quarto.

– SUA TRAIIDORA ASSASSINA!

Assustada, Draupadi fugiu para a varanda agarrando o bebê e evitando por pouco o golpe da espada, que apenas cortou o tecido que envolvia a criança. Uma tatuagem macabra – o desenho de um crânio acorrentado –, revelou-se nas costas do pequeno bebê. Em um ato de desespero, a Deva conjurou um clarão intenso para cegar Yudistira por alguns segundos. Pego de surpresa, Arjuna também foi cegado, e só conseguiu ouvir o barulho da vimana acionando suas hélices, até que o zunido desapareceu no vento.

Quando recuperou a visão, não havia mais qualquer sinal da intrusa. Apenas o corpo estilhaçado de Bhima indicava que tudo aquilo não tinha sido um pesadelo.



O jovem príncipe Arjuna Pandava viajava sem escolta ou pompa, e percorria sozinho o caminho íngreme rumo ao vilarejo de Manipur. Andar não era a melhor maneira de um nobre viajar, ele sabia, mesmo para um homem forte como ele. Se usasse sua vimana, apesar de chegar muito mais rápido, todos saberiam da sua chegada. Para sua missão, porém, a discrição era tão essencial quanto chegar no exato momento.

Não fazia questão de estar acompanhado por seu séquito de criados. Não estava cansado e poderia andar por dias a fio, se necessário. O que o incomodava mesmo era a demora. Enquanto caminhava, repetia mentalmente para si a previsão feita por seu irmão, o astrólogo Sahadeva. Queria fixar na mente as palavras exatas do curto texto:

“Durante o grande festival na sagrada Manipur, no templo dos Nagas, encontrarás aquela que esculpe a luz...”

Em dado momento, parou e retirou o capuz para olhar melhor ao redor. Seus cabelos lisos e negros começaram a brincar ao vento. Retirou das vestes um mapa e começou a examiná-lo, para se certificar do caminho. A seguir, voltou a se cobrir, escondendo o rosto de pele arroxeadada.

Era um jovem magro, porém, bem mais forte do que seu corpo sugeria. Sua postura ao andar irradiava confiança incomum, mesmo para um nobre. Apesar de ser um dos príncipes da renomada família Pandava, Arjuna não era acomodado à vida palaciana; pelo contrário, mostrava-se o mais aventureiro

dos irmãos e o que mais tinha viajado para além das terras dos Devas. Conhecia boa parte da Grande Bhárata e um pouco além.

Avistou ao longo o extenso lugar chamado de “lago flutuante”, o que indicava que estava chegando ao seu destino. Até o cheiro era característico, e lembrava a terra úmida após a chuva, muito diferente do ar poeirento da trilha montanhosa que estava percorrendo. Inúmeras ilhas verdejantes, que de longe pareciam enormes plantas de lótus, espalhavam-se por até onde a vista alcançava. Eram montes de junco e húmus trazidos pelos rios que ali desembocavam formando verdadeiras ilhas flutuantes, daí o nome do lugar. Costumeiramente, eram locais de pesca tranquilos para os que ali moravam. Entretanto, nos dias sem nuvens, apresentavam-se como os lugares mais disputados para assistir às corridas de canoas que abriam o festival em homenagem aos Nagas. As ilhas balançavam e mal suportavam a multidão de torcedores, que se acotovelavam para gritar bem alto encorajando os remadores.

– Parece que o festival já começou... Maldição!

A voz veio de um clarão familiar que surgiu sobre seu ombro, revelando uma salamandra de fogo, que encarou Arjuna com urgência estampada em seus grandes olhos. O príncipe falou com o ser flamejante em voz alta.

– Calma, Gandiva! São vários dias de festa; hoje é só o primeiro deles. Temos tempo para encontrar “aquela que esculpe a luz”! – A afirmação foi feita tentando esconder a incerteza que ele mesmo sentia.

Arjuna nem precisava ter respondido à salamandra em voz alta, uma vez que os dois se comunicavam mentalmente. De vez em quando, porém, falava alto com ela por hábito. O príncipe apertou o passo e puxou de suas costas um arco de madeira, para que Gandiva saltasse dentro dele e o preenchesse com sua magia. A criatura se contorceu como se estivesse vestindo uma roupa apertada.

As goratas restantes foram percorridas com rapidez e logo as montanhas descortinaram-se diante dele, revelando um vilarejo em festa às margens do lago. A corrida de canoas havia terminado, mas as competições do dia pareciam longe de acabar. Os vencedores da prova eram carregados por ruas estreitas ladrilhadas e enfeitadas com bandeiras e flores. Barracas de comida

em tendas coloridas impregnavam o ar com o cheiro do gengibre, do curry e dos bolinhos apimentados “momo”. O espírito do festival era comer e se divertir, e, se fosse possível, ainda brilhar nas competições.

Mesmo incomodado com a algazarra, Arjuna buscou misturar-se à multidão. Era uma experiência estranha andar incógnito em meio aos Alayas. Um Deva costumava causar todo tipo de reação, desde a mais profunda reverência até as mais incômodas súplicas.

– Onde será o templo dos répteis? – murmurou, referindo-se com despeito aos Nagas, enquanto tentava atravessar uma procissão de crianças e dançarinas exuberantes em trajes espalhafatosos, que reboavam alegremente para a felicidade de quem assistia.

Começou a procurar por alguma construção decorada com motivos de serpentes, e a busca não durou muito. O templo, cuja entrada era uma grande cabeça de cobra que parecia vigiar todo o vilarejo, brotava do chão, lembrando uma serpente em posição de bote. Os pilares adornados por esqueletos esculpido se abraçavam em uma dança de gosto duvidoso. Agachado nas muradas de uma praça próxima, Arjuna observava com discricção o movimento das guardas nas escadarias do templo. Chamadas “Naguinis”, as mulheres Nagas tinham a pele arroxeadada como a dele. No lugar das pernas havia uma cauda de serpente, livre de qualquer ornamento que impedisse os movimentos rastejantes. O torso, diferentemente, era protegido por uma armadura que ia até os quadris. Entre os Nagas, eram as mulheres que, com maior frequência, assumiam o papel de guerreiras.

“Tantos vigias, mesmo em um festival...”, Arjuna pensou impressionado. A quantidade de guardas, porém, fazia sentido. Nagas tinham a fama de ser guardiões de tesouros muito valiosos, e seus templos eram conhecidos como verdadeiros cofres-fortes. E continuou com seus pensamentos repetidos, falando para si a profecia completa: “Durante um grande festival na sagrada Manipur, no templo dos Nagas, encontrarás aquela que esculpe a luz. Do santuário repleto de tesouros será furtada a joia nascida do sol”.

Até onde podia observar, tudo transcorria sem acontecimentos incomuns. Pela tranquilidade aparente das vigias, nada havia ocorrido. “Talvez o roubo ainda não tivesse sido descoberto”, Arjuna estremeceu ao pensar

nessa possibilidade. De qualquer maneira, só lhe restava esperar. Acariciando o arco com os longos dedos, fez Gandiva emitir o que parecia um ronronar. Incomodado com o tédio, o arqueiro bocejou, em um gesto inconsciente trazido do tempo em que ele mesmo ainda era um Alaya.

Uma Naguini vinda do festival dirigiu-se ao templo. Não era algo propriamente inesperado, mas algo nela o incomodava, e um pressentimento estranho surgiu. Ela se movimentava de um jeito esquisito, como se não soubesse rastejar direito. Às vezes, sua cauda tremeluzia quando saía da sombra para o sol, como uma miragem ondulante do deserto.

Arjuna levantou-se e, afundando o rosto ainda mais no capuz, seguiu-a de longe. Um de seus dons era passar despercebido pelos olhos dos Alayas quando desejasse, mas entre outros Devas, como os Nagas, precisava se esforçar para não chamar a atenção. As pessoas, em uma atitude respeitosa, abriam passagem para a Naguini, ou pelo menos tentavam fazê-lo, aglomerando-se ainda mais. Uma criança correu apressada por trás dela e surpreendentemente suas pernas atravessaram-lhe a cauda, como se não fosse sólida. Arjuna piscou algumas vezes, pensando ter visto uma alucinação ou algo assim, até entender o que estava acontecendo: a cauda de cobra era uma ilusão, uma escultura de luz!

– Draupadi! – O príncipe exclamou alto e, em um pulo, correu até ela, tentando abrir caminho pela multidão.

A Naguini, que agora ele sabia ser falsa, virou instintivamente o rosto ao ouvir aquele nome e logo percebeu o que tinha feito, expressando revolta com o erro.

– É ela! – Arjuna gritou novamente para Gandiva, como se quisesse a confirmação do companheiro. – Você não me escapa... – grunhiu ameaçador, enquanto apertava o arco, fazendo a salamandra soltar um leve guincho.

– Socorro, irmãs! – ela gritou, fugindo em direção às outras vigias do templo e derrubando uma tora que sustentava uma barraca de comida.

A tenda caiu sobre Arjuna, que corria em seu encalço. O jovem debateu-se ao tentar sair do emaranhado de tecido à sua volta, sendo agarrado de repente por um par de braços da grossura da perna de um elefante.

– Insolente! – O gigantesco dono da barraca chacoalhou Arjuna em meio a um monte de bolinhos esparramados pelo chão. – Vê a bagunça que fez?! Pagará por tudo o que estragou!! – disse furioso, enquanto atirava o príncipe com brutalidade contra o chão.

Na queda, o rosto de Arjuna ficou descoberto e seu disfarce foi revelado. Ao ver que tinha destratado um deus-mago, o pobre comerciante empalideceu como se o sangue tivesse fugido de seu corpo. Ele arfava como um peixe fora d'água, e enterrando o rosto no chão, ajoelhou-se aos pés de Arjuna.

– P-p-perdoe-me, divindade! – gaguejou convulsivamente. – Veja como eu trato um deus que visita minha tenda! N-não tenho o direito de pedir perdão por tamanha ousadia! Sou um idiota!

Mas era Arjuna que estava se sentindo um idiota por ter perdido Draupadi. Quando se recompôs, estava rodeado de pessoas, algumas ajoelhadas e outras querendo tocar em sua capa, julgando-a sagrada.

– Sua divindade não é um Naga! Veio de outro reino para escolher um discípulo? – um senhor perguntou.

– Leve meu filho! – suplicou uma mulher, levantando no colo um menino. – Será um ótimo discípulo!

– Por favor, tenha piedade e cure minhas pernas! – pediu um velho brâmane.

Arjuna tentou se desvencilhar do excesso de atenção que recebia por ter sido reconhecido e perguntou:

– Aquela Naguini! Viram para onde ela foi?

Uma mão gelada agarrou o braço dele.

– Procurando por Naguini, encenqueiro? – disse uma vigia, tomando-lhe o arco com violência. Outros guardas cercaram o rapaz, imobilizando-o. Gandiva saltou de dentro do arco em uma explosão flamejante, fazendo-os recuar, mas não a ponto de soltar Arjuna.

– Sei que nosso festival atrai Devas de todos os reinos, mas um mago Ignis é a primeira vez que vejo! – disse outra Naguini refeita do susto, sibilando muito enquanto falava, especialmente na palavra “Ignis”.

– Magos de energia... Membros da sua guilda não são bem-vindos em Manipur! – acrescentou outra.

– Sou um príncipe e não preciso falar com subalternos! Saiam da minha frente! – bradou Arjuna, como se sua honra dependesse de não dar satisfações àquele tipo de Deva. Estava irritado por ter deixado a situação sair de controle.

Um Naga de ar imponente desceu as escadarias do templo. Era alto e esguio, com ar sombrio. Usava uma capa vermelha feita de couro de cobra e, ao contrário das Naguinis, tinha pernas.

Arjuna lembrava-se de que os Nagas podiam mudar a forma de seus corpos e nem sempre mostravam todas as características dos animais-totens. Mesmo assim, Arjuna pode reparar que o sacerdote tinha olhos com pupilas em forma de fenda de cor amarelada, como as cobras.

– Sou Naguendra, Regente de Manipur! Será que estou à sua altura para conversar, jovem? – disse ele, sarcástico. Falava meio sibilado, mesmo se apresentando na forma humana em vez de “meio animal”.

– Exijo que me solte! O senhor precisa entender a gravidade da sit...

– Arjuna, hein? Da família dos Pandavas? Que prepotência da guilda dos Ignis! Acha que podem pisar impunemente em terras Nagas? – interrompeu Naguendra, alisando o queixo e lendo as informações nas inscrições do colar do arqueiro. – Qual é seu interesse em nossas festividades?

– Vim aqui para impedir um roubo! Sei que há regras para a entrada de Devas em territórios estrangeiros, mas se as seguisse à risca nunca chegaria a tempo de deter a ladra. Ela fugiu, mas você ainda poderia me ajudar a encontrá-la para impedir o crime!

– Que nobre de sua parte! Quer impedir um roubo ao nosso templo! – O sacerdote fingiu comoção, mas logo soltou uma gargalhada que foi imitada pelos guardas ao seu redor. – Nós, guardiões de tesouros, não sabemos como capturar ladrões? Temos de confiar em magos Ignis para isso? É isso o que quer dizer?

– Tenho pena daquele que tem a ousadia de enfrentar Ulupi no santuário – riu a Naguini que segurava Arjuna. Sua risada de alguma maneira o afligia.

Um estrondo ensurdecedor foi ouvido do interior do templo. Uma cobra gigantesca se debatia, derrubando as colunas de pedra ao seu redor com a força de sua cauda. Uma mulher controlava-a com arreios improvisados. Incrédulo, Arjuna viu que era a própria Draupadi, despida de seu disfarce. Ela jogou a cobra em direção a Naguendra, que foi lançado contra uma das paredes do templo.

– Regente! – gritaram as vigias desesperadas, tentando socorrer o líder desacordado.

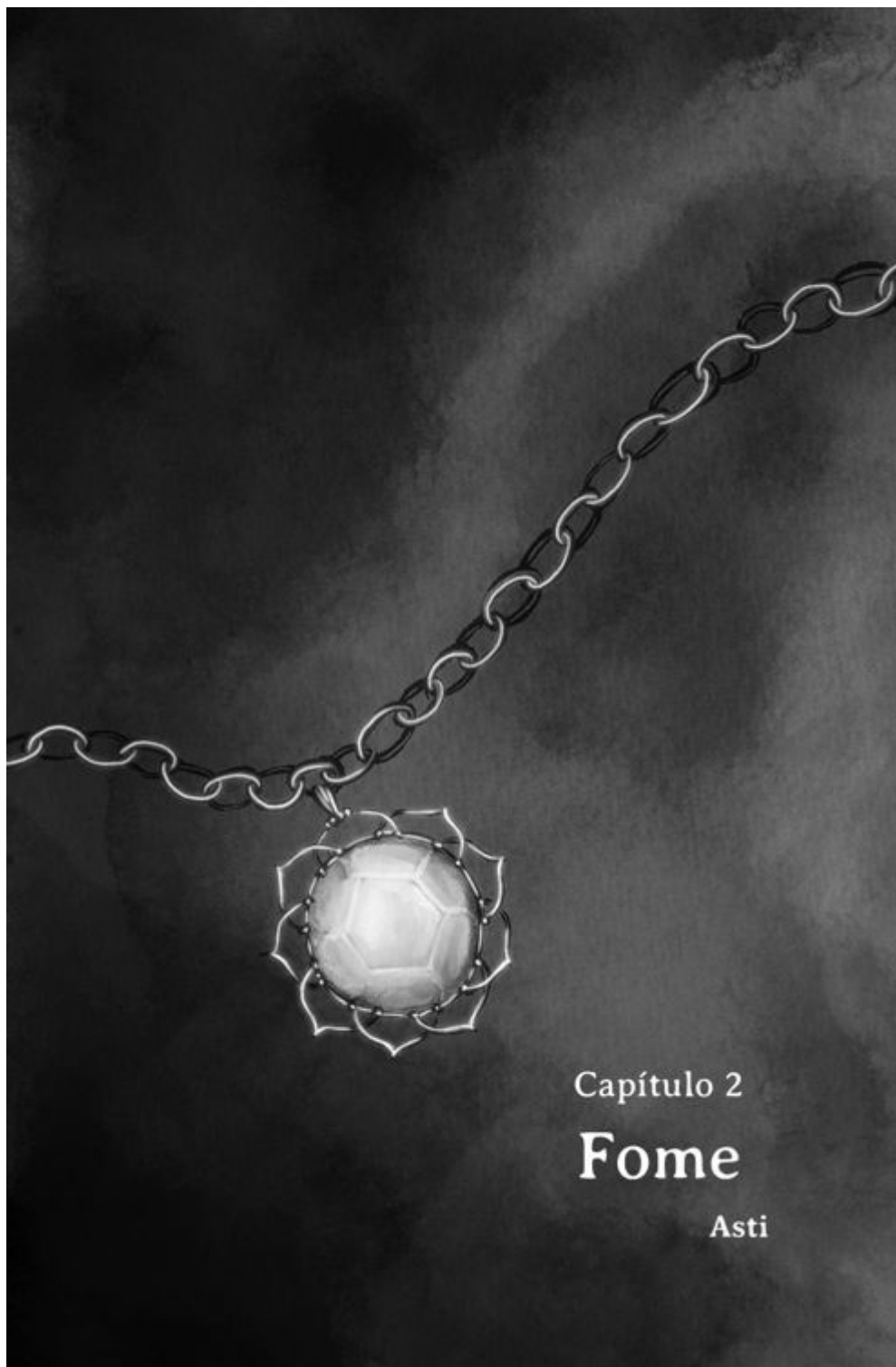
A ladra correu desabalada pelas ruas. Arjuna podia jurar ter visto um olhar vitorioso no fundo de seus olhos cor de âmbar.

– Bhima, dê-me forças... Não deixarei que ela escape de jeito nenhum! – Arjuna aproveitou-se da confusão para recuperar seu arco, que havia caído no chão. Procurando um lugar alto para que pudesse enxergar todo o vilarejo, deu-se conta de que o topo do templo era o local perfeito e a monstruosa cobra oferecia o atalho ideal para o telhado, já que aquele corpo inerte serviria como uma escada improvisada.

Lá de cima, Arjuna enxergou Draupadi correndo por cima das tendas. O príncipe ajeitou o arco, e Gandiva fez surgir uma chama em sua ponta superior. Com um rápido gesto, o jovem fez a chama se propagar até o outro extremo, formando uma corda de fogo e, em um movimento seguro, esticou bem a corda da arma. Uma flecha flamejante surgiu em seus dedos.

– Fácil... – murmurou para si, enquanto mirava. Por um segundo, pensou se não seria desonroso acertar Draupadi pelas costas, mas a hesitação durou somente um instante. “Pense apenas no alvo...”, foi seu raciocínio, e disparou a flecha de fogo. Em um reflexo perfeito, a flecha foi cortada pela espada certa da ladra antes que a atingisse. O impacto foi seguido por um clarão ofuscante, e labaredas de fogo foram lançadas nas tendas. Demorou alguns momentos para que o arqueiro recuperasse a visão; então, já não havia mais qualquer sinal da fugitiva. Seu único rastro era um incêndio que se alastrava com rapidez pelo vilarejo. Arjuna, desesperado, levou as mãos à cabeça.

– Grande Indraprashta! O que foi que eu fiz?



Capítulo 2

Fome

Asti

Uma modesta choupana de pescadores erguia-se sobre um amontoado de junco no “lago flutuante”. Sua única ocupante, uma garota miúda, com seus 15 ou 16 anos, olhou em direção à coluna de fumaça que surgia do vilarejo dos Nagas e cerrou os olhos de cor turquesa, emoldurados por sobrancelhas grossas e arredondadas.

De pele morena e cabelos negros presos desleixadamente em um rabo de cavalo, a menina trazia uma frigideira na mão e, pendurada na boca, uma chapati ainda fumegante, que engoliu em uma bocada. Nem tomou conhecimento do veado sangai, típico da região, que passava por perto, atraído pelo aroma de ghee que impregnava o ar.

– Essa fumaça... Será que... – murmurou Asti, com o coração apertado.

Pensou no pior. Draupadi provavelmente tinha sido capturada pelos Nagas. Lembrou-se das histórias terríveis que a deusa havia lhe contado sobre as serpentes, especialmente as punições engenhosas, com requintes de crueldade, destinadas aos ladrões de tesouros. Afastou os pensamentos de mau agouro repetindo várias vezes o mantra em sua mente: “Poder radiante, destrua meus pecados... Sol Supremo remova minha tristeza... Luz divina ilumine a minha mente...”. Sempre funcionava.

Refeita, pensou se não deveria ir atrás de Draupadi, mas não tinha a menor ideia de onde ela poderia estar ou mesmo qual era sua aparência agora, sob o disfarce de alguma de suas inúmeras esculturas de luz. Além disso, e contra todos os seus temores, e se ela estivesse voltando para a choupana? Decidiu fazer o que estava ao seu alcance: colocar ordem na bagunça de roupas e mantimentos que tomava todo o lugar. Se Draupadi

tivesse obtido sucesso em sua empreitada, as duas teriam de partir dali o mais rápido possível.

– Pare de pensar besteiras, Asti! – disse em voz alta enquanto dobrava um manto com a habilidade de quem já havia arrumado muitas bagagens na vida. – Acredite em sua mãe!

– Boa ideia, concordo com isso! – retrucou uma voz familiar. Draupadi, suja da cabeça aos pés de fuligem, havia entrado na choupana sem que Asti percebesse.

– Mãe! – A menina correu para a Deva, hesitando abraçá-la por causa da sujeira, mas o fez mesmo assim.

– Desculpe a demora, pequena, mas aconteceu um imprevisto. Aquele arqueiro que nos persegue há tempos quase me pegou desprevenida, mas no fim ele acabou proporcionando uma distração melhor que qualquer coisa que eu poderia ter feito! – ela riu, enquanto tirava do bolso um colar de delicados elos de ouro.

Pendurado nele havia um pingente, uma gema cristalina tão transparente que parecia feita de ar. Asti estendeu a mão para tocá-la, mas recuou. Não queria macular a joia com seus dedos agora sujos de fuligem. Mesmo tendo apenas se aproximado da joia, sentiu nela um frio intenso. Sem perceber o que a moça sentiu, Draupadi colocou o colar no pescoço da filha e ele desapareceu no mesmo instante, como se tivesse evaporado. Asti arregalou os olhos, surpresa, tocou o objeto para ter certeza de que ainda estava com ele e alisou suas arestas invisíveis. Podia sentir o peso da gema.

A Deva sorriu, satisfeita com a reação do colar à garota. Era como previa a Profecia.

Do vilarejo dos Nagas até o próximo destino da jornada, as montanhas do Himalaia, era preciso cruzar as pastagens ao longo do poderoso Brahmaputra, um dos maiores rios de toda a Ásia.

– Eu enfrentaria muitas outras cobras por um banho quente, agora... – resmungou Draupadi, prendendo os longos cabelos em um coque desordenado, enquanto atolava os pés no charco.

Asti não deu ouvidos às lamúrias da mãe. Com água até os tornozelos, estava mais preocupada em não deixar sua mochila cair. Suas roupas largas, que encobriam quase todo seu corpo, estavam encharcadas, tornando-se mais um fardo com seu peso. Ao menos em terreno alagado, a dupla não temia ser atacada por tigres de bengala, mas rinocerontes e búfalos eram sempre uma ameaça a se considerar. Andar pelas amplas planícies seria relaxante, não fosse a intensidade da caminhada. Asti achava que poderia se equiparar a um soldado no quesito marcha, mesmo que tivesse sido carregada por Draupadi por boa parte do caminho.

– Bem que você poderia ser uma Gaia, não é? Viajar nas costas de um elefante não ia ser nada mal – disse a garota, observando ao longe uma manada deles bebendo água.

– Ah! De jeito nenhum! – expirou Draupadi levando a mão à testa. – Já tive a minha cota desses naturalistas por um bom tempo! E esse céu deprimente que mais parece uma mortalha cinza? Há quanto tempo estamos andando? Um mês?

– Não faz nem três dias... – respondeu Asti, preocupada.

Sem aviso, Draupadi caiu, enlameando suas roupas.

– Mãe! – a garota correu até ela, ajudando a deusa a se levantar. – O que aconteceu?

– Uma fisgada nas pernas... – disse suando frio. – Não consigo mais senti-las...

Com dificuldade, as duas andaram até uma árvore solitária, onde Draupadi apoiou as costas. Asti retirou as sapatilhas da mãe e, chocada, confirmou suas suspeitas. Os dedos dos pés de Draupadi estavam rígidos, com a aparência de vidro negro. Com os olhos cerrados, murmurava frases desconexas. Draupadi estava com fome. A hora não podia ser pior. Asti retirou um mapa de sua mochila e subiu na árvore em busca de alguma referência.

– Atrás de mim devem ser os montes Mikir... – disse para si examinando os desenhos – e bem lá longe, aquele monte de água sem fim deve ser o Brahmaputra... Aqui... – apontou para um desenho de uma cabana e um cavalo – deve haver um vilarejo. Se o mapa estiver certo. E se havia um vilarejo, devia haver Alayas. Precisaria verificar.

No estado em que estava, conduzir Draupadi era como conduzir uma pessoa ébria a ponto de cair. Mesmo assim, inconscientemente, a deusa lutava contra a dormência de seus membros, procurando não se apoiar demais no frágil corpo de Asti, que já carregava toda a bagagem. Mãe e filha adentraram uma floresta e abriram caminho pela vegetação cerrada. Uma cobra repteou por um galho, sibilando para Draupadi, que lhe devolveu a saudação com um rosnado.

Finalmente, avistaram um acampamento. Tendas de couro branco distribuía-se em volta de uma clareira onde cavalos eram adestrados. Um cavaleiro notou a chegada das duas estrangeiras e interrompeu suas atividades para recepcioná-las. Asti reparou que o cavaleiro não era exatamente uma pessoa montada em um cavalo. Seu corpo era metade homem, metade cavalo.

– Um Kinara... Namasté! – disse a garota juntando as mãos e curvando-se em uma saudação. Nunca havia visto um, embora os conhecesse de histórias de outras terras, onde eram conhecidos como centauros. O Kinara retribuiu a saudação. Draupadi, no limite de suas forças, desabou, sendo logo amparada pela filha e por outros membros da tribo que se aproximavam.

– Sou Batu. Como devo chamá-la, menina? – disse em tom que mesclava formalidade e intimidade. – Você e sua mestra parecem não ter tido o melhor dos dias... – acrescentou, ao reparar no estado de ambas.

– Eu... me chamo Citra e esta é minha mestra Sairandri – disse, lembrando-se que não podia revelar seus verdadeiros nomes. – Somos peregrinas em viagem pelos grandes reinos e subestimamos as distâncias entre as cidades nestas terras Gaias. Minha mestra sofre da fome dos Devas e eu... eu sou apenas uma Alaya aprendiz, ainda incapaz de alimentá-la...

– Chamem Nergui – Batu ordenou. – Preciso que ele ajude nossa visitante.

Draupadi foi acomodada sobre um tapete, no interior da espaçosa tenda de Batu, seguida pela garota apreensiva. Logo o jovem chegou conforme o pedido. Nergui limpou o rosto de Draupadi com movimentos cuidadosos e encostou sua testa na dela, com a naturalidade de um Alaya bem experiente nos assuntos da magia. Instantaneamente, ela despertou, como que atingida por um choque elétrico.

Um brilho intenso veio de uma fenda no ar que flutuava acima das costas do rapaz. Era como se ali houvesse um Portal para um mundo de luz. Atraído por ele, um ser fantasmagórico, um elemental, emanou de Draupadi.

– Dawon... – a Deva sussurrou, ao ver a tigresa feita de cristal e luar. Mesmo não sendo uma criatura física como ela, os efeitos da fome de magia eram óbvios: magra e apática, seu brilho frágil era como a de uma vela ao vento, que podia se apagar a qualquer instante.

A luz mágica que emanava do Portal banhou a elemental, revigorando-a. Ela rugiu satisfeita. Alguns instantes foram suficientes para que se recuperasse. Com o ritual de absorção de magia cumprido, Draupadi fechou os olhos serenamente. Dawon recolheu-se para dentro da Deva, cuja mente se iluminou. Ela voltou a ser a dona de seus pensamentos e seus pés não mais pareciam vidro negro. A fome havia passado.

– Melhor, imagino – comentou Batu que, um pouco afastado, observava o processo. – Sua serva lhe é muito dedicada.

Draupadi olhou para o Gaia, tentando entender o que havia acontecido. Sabia que estavam fora de perigo, mas suas memórias do que ocorreu durante a fome pareciam embaralhadas.

– Obrigada, Kinara... Devo-lhe a vida. E como deve ter percebido, sou uma Ignis...- A conclusão era óbvia. O controle da luz era uma das disciplinas das magias energéticas Ignis. Curvou-se em agradecimento, sendo imitada por Asti. – Obrigada por acolher a mim e à minha discípula.

– Diga-me, mestra Sairandri, agora que está sã: O que faz uma Ignis nestas terras? Sempre achei que vocês preferiam o conforto de sua capital, Indraprashta, ao resto do mundo.

– Sairandri? Ah, sim, claro... – Draupadi dirigiu um olhar orgulhoso à filha pela sua discrição, que respondeu com um sorriso confiante. – Trabalho em uma forja mágica modesta, cujo acervo de mantras ainda não é muito grande. Percorro o mundo trocando mantras com outras guildas mágicas. Algum conhecimento que elas queiram partilhar conosco.

– “Trocando” mantras? Quer dizer que vocês Ignis agora trocam e não mais roubam mantras alheios? – disse Batu com expressão intrigada.

– Esses tempos ficaram para trás, Kinara. Nós hoje fundamos forjas oficialmente reconhecidas pelo Conselho dos Devas. – respondeu Draupadi sem se alterar. Se estava ofendida, não demonstrou. – Gostaria de retribuir sua gentileza de alguma maneira. Em minha forja eu era encarregada de imbuir magia em artefatos comuns. Há algum objeto que você queira consertar?

– Confesso que é uma oferta tentadora! Há muito tempo não vejo alguém que exerça esse ofício. Sim, sim, seria uma ótima ajuda!

Logo, uma pilha de objetos foi trazida para reparos. Os Alayas do acampamento, empolgados com a convidada inesperada, observaram-na trabalhar, alvoroçados do lado de fora da tenda. Asti agachou-se ao lado de Draupadi, um tanto incomodada com a atenção dispensada a elas. Observou que Batu tentava não deixar sua curiosidade transparecer e sorriu. Achava engraçado o orgulho dos Devas. Não queria mostrar interesse em outros talentos que não os de sua própria guilda.

– Aqueça – entendeu Draupadi, passando a mão com leveza em um caldeirão de ferro bastante usado e ornamentado com inscrições em sânscrito.

A falta de reação indicava que seu mantra estava com algum problema. Examinando com cuidado as palavras entalhadas no caldeirão, percebeu que algumas estavam interrompidas por arranhões e batidas. Conjurando uma luz intensa e quente no seu indicador, ela reescreveu os símbolos no metal amolecido.

Terminado o trabalho, o caldeirão foi colocado no chão. Dessa vez, o mantra funcionou, e a base do objeto ficou rubra, como se estivesse sobre chamas intensas. Porém, antes que ela pegasse outro artefato para consertar, ouviu-se uma algazarra. Um jovem Alaya se aproximou de Batu com uma medida, passando-lhe um recado em voz baixa.

– Se me permitem... Nossos competidores retornaram dos torneios de pulu de Manipur e tenho de recebê-los – disse o Kinara antes de sair da tenda – Espero que esteja trazendo vitórias! – murmurou para o garoto.

O Deva se dirigiu a uma caravana de Kinaras, Alayas e pôneis manipuris. Para a decepção geral, os competidores não tinham expressão vitoriosa. Asti,

espionando da entrada da tenda, ouviu Batu consolando-os, dizendo que no próximo torneio seriam imbatíveis.

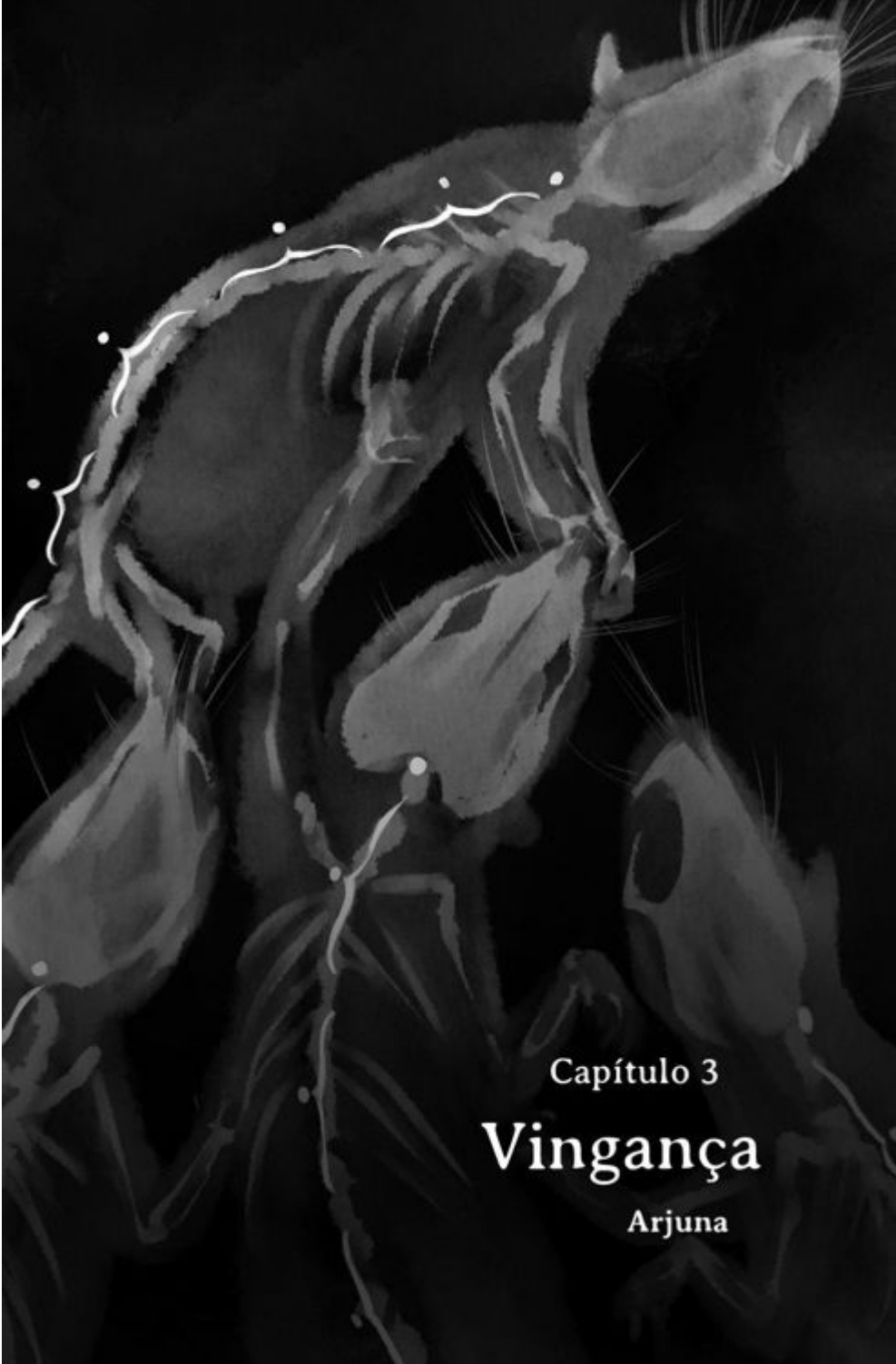
– Quem disse que perdemos? Nunca perderíamos! Nem sequer houve torneio! – disse um dos Kinaras.

– Como assim não houve torneio? – Batu pareceu transtornado com a notícia.

– Um incêndio devastou o vilarejo dos Nagas! Ficamos para ajudar a controlar o fogo. Alayas perdidos, templos destruídos... Ouvi falar que os culpados eram dois estrangeiros Ignis, mas apenas um foi capturado.

– Ignis, hein? – Batu franziu o cenho pensando nas estrangeiras. – Seria muita coincidência...

Puxou uma espada de seu cinto e gesticulou indicando para seus homens cercarem a tenda. Entretanto, quando Batu entrou para “conversar” com as duas mulheres, elas já não estavam mais lá.



Capítulo 3

Vingança

Arjuna

Arjuna estava preso em uma pequena jaula, em que cabia apenas sentado. Tinha acabado de descobrir que havia uma maneira ainda menos digna de um príncipe viajar do que a pé e sem séquito. Estava indo acompanhado por um bando de Naguinis ansiosas por ver sua cabeça em uma bandeja. Sob a vigilância da grande serpente, viajava conforme as ordens de Naguendra: nenhuma comodidade para o intruso que perturbou Manipur. Seu contato com o mundo exterior se resumia a uma pequena claraboia com grades, que servia mais para arejar o fedor da prisão do que para poder apreciar a paisagem. Mesmo não fazendo ideia de onde estavam no momento, tinha certeza do lugar para aonde iam: a cidade-capital dos Ignis.

Sentia-se como um moleque flagrado em uma travessura sendo levado para uma conversa com os pais. Cruzando os braços, Arjuna apoiou-se nas paredes da jaula, sentindo o calor de Gandiva em seu ombro. A salamandra faiscou, como que para comunicar algo, e saltou para a abertura, farejando o ar de fora. O elemental parecia mais empolgado que o habitual, mesmo estando em uma viagem forçada. Arjuna fechou os olhos invocando a visão de seu companheiro.

O sagrado rio Yamuna refletia em suas águas o brilho de uma cidade de luz cristalizada: Indraprashta. Torres gigantescas sobressaíam-se no horizonte, construções que representavam uma obsessiva preocupação com a perfeição geométrica. Eram alinhadas no sentido do sol nascente e distribuía-se pelos bancos de areia do rio, de maneira a formar grandes mandalas quando vistas do alto. Várias torres nem sequer chegavam a tocar o chão: eram prédios flutuantes com todo tipo de função. Algumas funcionavam como bastiões de defesa, reunindo, na improvável ocasião de um conflito, nuvens carregadas de

eletricidade, prontas para carbonizar o inimigo com potentes relâmpagos. Outras eram fontes e jardins que mudavam de posição e altura de tempos em tempos, dando uma configuração sempre nova à cidade que, como se inspirada pelo elemento fogo, fluía no ar.

Às vezes, estrondos eram ouvidos na periferia, vindos das oficinas mágicas, que eram templos subterrâneos que abrigavam salões reforçados escavados na rocha. Impregnar mandalas mágicas em objetos inanimados era algo naturalmente ruidoso, já que, nesse ato, a própria estrutura da realidade era violada por um instante. O transporte de pessoas se dava por meio das vimanas, engenhos voadores em forma de disco e dotados de hélices, quase sempre individuais. Um numeroso grupo dessas máquinas dirigiu-se à caravana dos Nagas. Ao se aproximarem do solo, levantaram uma nuvem de pó enquanto suas hélices, finas como seda, eram recolhidas.

Dois nobres gêmeos Ignis, acompanhados por uma escolta de guerreiros, recepcionaram a caravana. Suas vestimentas eram dhotis coloridos de tecidos finos e bordados complexos, que cobriam apenas suas pernas, deixando o peito à mostra. Essa foi a última coisa que Gandiva viu, antes de ser afastado da janela por uma cajadada de Naguendra.

– Pensei que Yudistira, o primogênito dos Pandavas, viria buscar o incendiário! – sibilou o Naga para um dos nobres.

– Yudistira sente não poder recepcioná-lo, Regente. Sou o príncipe Sahadeva e este é meu irmão, Nakula. Nós cuidaremos de Arjuna daqui para a frente. A audiência do Conselho dos Devas já está marcada para amanhã cedo.

– Tomam-me por idiota? Foi somente o clamor do Conselho por essa audiência que me impediu de enviar-lhes a cabeça do baderneiro em uma bandeja. Se o entregar a vocês, ele certamente escapará para algum lugar no qual a punição não o alcance!

– Não sei como são os costumes em sua terra, excelência – respondeu Nakula, de temperamento esquentado, especialmente ao lidar com seres repulsivos como os Nagas. – Talvez o senhor nos tome por cobras que se escondem com o menor sinal de perigo. Mas, para nós, Pandavas, honra é

algo a que damos muito valor. Tenho certeza de que o príncipe Arjuna prefere a morte à desonra.

– Guardas! Por favor, encaminhem os nobres visitantes para seus aposentos... – contemporizou Sahadeva, temeroso que a discussão acabasse em algo mais sério.

Ainda contrariado, Naguendra ordenou que a gaiola fosse aberta. Com rispidez e violência, agarrou o braço de Arjuna e o puxou para fora da prisão, jogando-o aos gêmeos.

– Fiquem com ele, mas seu arco ficará sob minha custódia, como prova de seus crimes! – Dizendo isso, virou-se e seguiu os guardas com o resto de sua delegação.

– Não imaginava que você teria um regresso assim, tão espalhafatoso, Arjuna! – disse Sahadeva, zombando do irmão, assim que ele e os gêmeos se viram a sós.

– Yudistira quer conversar com você. Ele não está nada satisfeito com essa confusão toda – completou Nakula.

Por “conversar” Arjuna entendeu “torcer seu pescoço”. Os três dirigiram-se às vimanas e, não havendo uma extra para Arjuna, Sahadeva dividiu a sua, estendendo o braço para o irmão. Nakula, taciturno, subiu na outra.

– Você está fedendo! – disse Sahadeva enojado, arrependido de dar carona ao recém-chegado.

– Mas é claro. Fique uma semana com uma serpente gigante alimentada por carniça, e é mais ou menos esse cheiro que você vai ter – resmungou Arjuna.

– Aliás, sobre minha profecia... aham... – pigarreou Sahadeva, enquanto o veículo levantava voo.

– Sim, sim... – Arjuna respondeu aborrecido. Sabia que Sahadeva se preocupava mais com a precisão de suas visões do que com o resultado das missões. – O vilarejo dos Nagas, o templo, aquela que esculpe a luz... Aconteceu tudo como você previu.

– Mais um acerto! – disse o jovem sorrindo, satisfeito.

Flutuaram até os limites da cidade, em direção ao bairro das oficinas mágicas. A entrada de cada uma era uma cratera, cujo tamanho refletia a

importância da família que a controlava. A maior, tão grande como todas as demais reunidas, era a entrada para a oficina da família Pandava. Fazia tempo que Arjuna não visitava a oficina e, não importava quantas vezes fosse lá, nunca se entediava. As instalações para fundição de metais ocupava boa parte do lugar, mas havia também postos para marcenaria e ourivesaria. Ali, objetos tão diversos como lanças ou lamparinas eram projetados e fabricados com meticulosidade para receber as mandalas especiais que os tornariam mágicos.

Os gêmeos ainda trabalhavam como aprendizes, mas em pouco tempo seriam promovidos a mestres. Embora recém-ascendidos, eram os discípulos mais talentosos e graduados do respeitado forjador-mestre. Nakula cuidava da fabricação dos objetos, coordenando e, muitas vezes, trabalhando em alguma peça que julgava complexa e perigosa demais para os Alayas fabricarem. Era uma questão de velocidade e força em vários casos, atributos que os Devas superavam em muito os Alayas.

Sahadeva era o responsável pelos mantras que cada objeto recebia, uma combinação perfeita com sua natureza estudiosa. Era um teórico, afinal de contas. Sob seu comando, estava uma verdadeira legião de aprendizes.

– Por que Yudistira está aqui na oficina, e não na sala do trono? – perguntou Arjuna.

– Você sabe, o poder dele fica cada vez mais difícil de controlar – respondeu Nakula.

Os três entraram em uma câmara revestida por placas negras de chumbo, que conferiam um ar sombrio ao ambiente. Nakula abriu rapidamente a porta da câmara e a fechou logo atrás deles. Rapidez era necessária para proteger os Alayas da oficina; se expostos por alguns minutos à luz de Yudistira, morreriam envenenados.

– Nakula? – perguntou uma pessoa corpulenta, sentada no centro da câmara, coberta por pesadas mantas de metal.

– Sim, sou eu, irmão. E Arjuna está conosco, são e salvo. – respondeu.

Logo Nakula pôs-se a trabalhar, pegando uma grande manopla para ajustar suas medidas à mão de Yudistira. A mão dele emitia um brilho azul ofuscante, e Arjuna cobriu o rosto com o braço até que a peça de chumbo absorvesse a luz, que era mortal para os Alayas.

– ARJUNA! Como ousa trazer vergonha à nossa família?! Não só deixou Draupadi escapar, como também destruiu o vilarejo dos Nagas? Fui mesmo um idiota em dar ouvidos a vocês dois!

O jovem encolheu com o trovejar de Yudistira. Pequenos pontos brilhantes surgiram nas paredes da câmara, rodeando Arjuna: ratos de brilho azulado como o do líder dos Pandavas. Era Musaka, o elemental que podia se manifestar tanto na forma de uma ninhada de roedores como em um único indivíduo. Os olhos penetrantes deles dirigiam-se tanto a Arjuna como a Sahadeva, que se ocupou em fazer qualquer coisa, como se o assunto não o envolvesse. Gandiva nem se atreveu a se manifestar.

– Pode se recolher, Musaka? Demorará mais para liberar a câmara para os Alayas, se você continuar a emitir sua luz venenosa... – pediu Nakula, casualmente.

Os ratos dissiparam-se no ar, para alívio de Arjuna. O arqueiro sabia que tinha errado, e que não havia muito a fazer para encontrar Draupadi, além de apostar nas previsões do irmão astrólogo.

– Vejo que, por minha causa, sua armadura foi inutilizada... – disse Arjuna, lembrando-se que Yudistira mais de uma vez havia derretido armaduras de chumbo em seus acessos de fúria.

– Não ouse desviar do assunto! Sabia que você se tornou o centro de uma crise diplomática entre as guildas? Sua incompetência expôs nossa caçada à Draupadi, um assunto interno dos Pandavas, agora escancarado para todos! Como ainda tem a ousadia de se denominar o “melhor caçador dos Ignis”?

– Bem, chamam-me assim, eu não me dei esse título... – disse Arjuna melindrado, mas sabendo que Yudistira tinha razão.

– Ótimo, já que não o merece! Saiba que não moverei um dedo para salvá-lo, caso o Conselho decida puni-lo! Confiar a um jovem como você a captura de Draupadi foi um erro! Um erro que não cometerei novamente!

Arjuna encolheu. Quanto mais Yudistira precisaria humilhá-lo para se sentir satisfeito?

– Isso é tudo, honrado irmão? – disse Arjuna, rangendo os dentes. Melhor engolir as ofensas do que arriscar uma briga com Yudistira.

– Sim. Agora suma. Espero vê-lo somente amanhã.

Antes de se retirar, Arjuna curvou-se em um gesto de respeito, mesmo que Yudistira não pudesse enxergá-lo por conta de todo metal que o cobria. Ao se dirigir à saída, aproveitou para pedir com discrição que Sahadeva o acompanhasse.

– Não foi tão ruim assim, foi? – Sahadeva tentou consolar Arjuna.

– Draupadi... – Arjuna percebeu que o irmão erguia uma sobrancelha. – Ela é muito mais esperta e poderosa do que eu imaginava. Odeio ter de admitir que ela é uma oponente extraordinária.

– Eu não esperaria menos dela, que foi a melhor forjadora-mestra daqui. Muitos dos mantras que uso são apenas melhorias feitas em cima do trabalho dela. Nunca a vi lutando, mas sei que ela foi mestra de Yudistira e de... Bhima – disse Sahadeva, hesitando ao mencionar esse último nome.

– Eu posso capturá-la! Sei disso! Voltarei a caçá-la, assim que chegar ao fim essa reunião inútil! Mas preciso de sua ajuda.

– Esse é o Arjuna confiante que conheço! Mas por que tenho a impressão de que vai me fazer um pedido estranho?

– O Regente Naga levou meu arco; entretanto, não penso em usá-lo. É insuficiente e fraco contra Draupadi. Você que controla o arsenal da oficina, não tem nada que eu possa usar?

Sahadeva pensou por alguns momentos e sorriu.

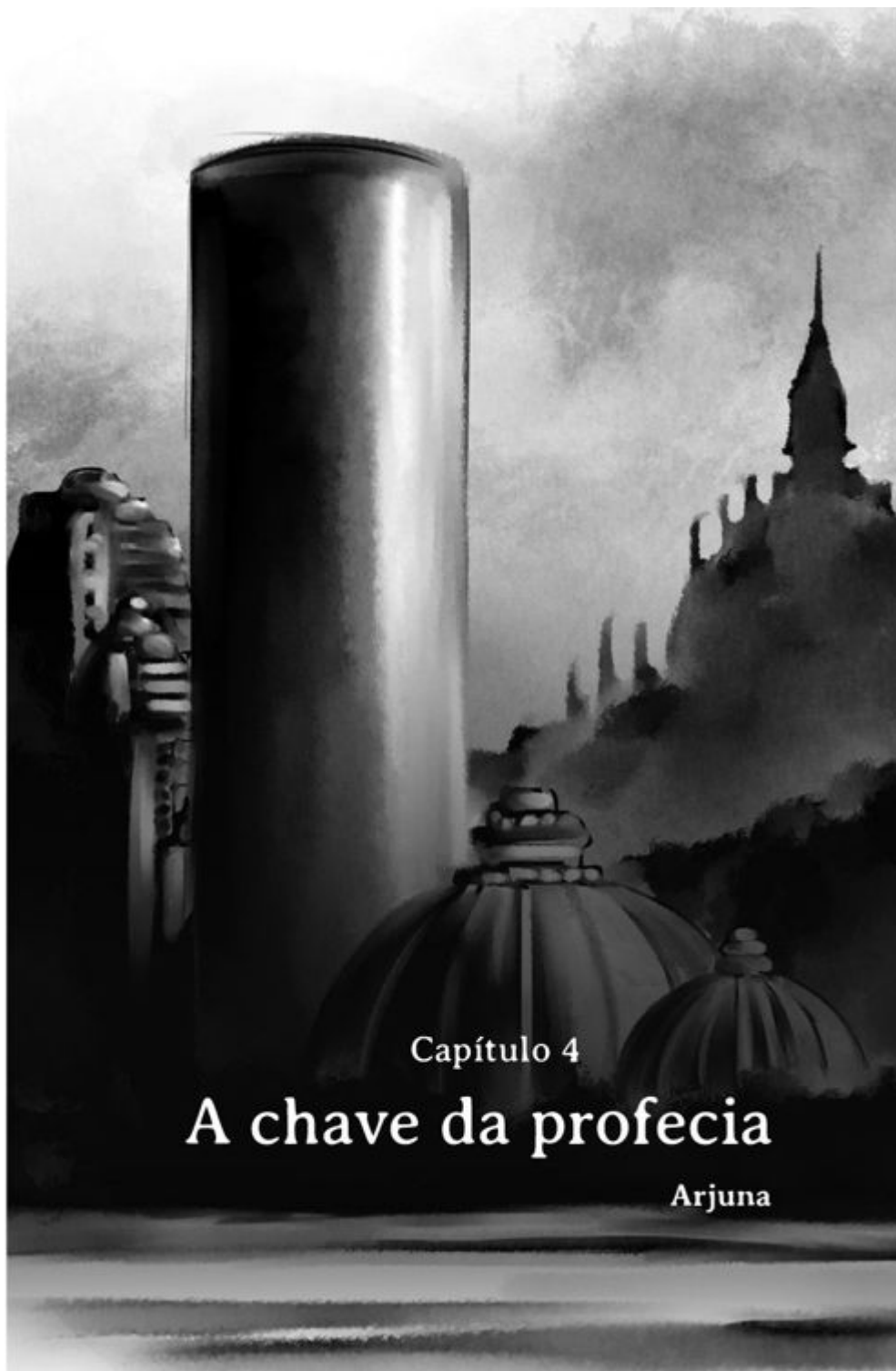
– Tenho algo perfeito! Venha... – convidou-o, em um tom enigmático.

Os dois dirigiram-se até a sala do arsenal, um labirinto de estantes que guardavam todo tipo de armas mágicas. Sahadeva conhecia perfeitamente a disposição dos objetos presentes ali, dirigindo-se sem demora a um baú esquecido em uma das prateleiras mais altas. Dentro havia um arco de madeira escura, bem mais comprido e não tão ornamentado quanto o que tinha antes.

– Este é...? – perguntou Arjuna, com os dedos trêmulos ao reconhecer a arma.

– O arco de Bhima. É uma arma mais poderosa que a sua, mas também muito mais difícil de domar. Não sei se vai facilitar sua tarefa.

Arjuna tomou o arco nas mãos. Impressionou-se com o peso da arma em um primeiro momento, antes de notar as diferenças com relação ao seu próprio arco. Para começar, tinha uma corda material e não uma corda mágica, de fogo. Precisaria de um tempo para se acostumar com seus mantras. Mas não importava, seria um esforço válido diante da bela ironia. Capturaria Draupadi com a ajuda deste arco. Nada mais apropriado do que usar a arma da vítima para vingar a assassina.



Capítulo 4

A chave da profecia

Arjuna

O prédio que abrigava o Conselho dos Devas era a única construção da cidade que não apresentava qualquer ornamento em seu exterior. Era apenas um cilindro liso, exceto pela abertura estreita que servia como portão de entrada.

A manhã surgiu nublada e escura; entretanto, o clima não fazia a menor diferença, já que não era possível diferenciar o dia da noite dentro da torre. Os quatro irmãos Pandavas foram os primeiros a chegar. Dirigiram-se ao grande auditório e aguardaram os representantes das diversas guildas acomodarem-se em seus lugares. Yudistira afastou-se para tomar seu lugar, ao lado do mediador da reunião.

– Acho isso uma perda de tempo... Poderia estar treinando com meu novo arco agora... – resmungou Arjuna, já despido do manto e trajado com dhotis parecidos com os de seus irmãos. Calçava botas de couro com bicos curvos e braceletes adornavam seus braços.

Os Nagas chegaram logo em seguida. Naguendra dessa vez manifestava-se em sua forma metade cobra, metade humana, assim como suas soldadas. Seu corpo de cobra era bem maior que o delas, e Arjuna reconheceu em Naguendra o padrão das escamas coloridas da grande serpente guardião do templo dos Nagas. Não conhecia muito a respeito de magias Gaias, mas o pouco que sabia era que os magos naturalistas eram capazes de misturar-se a seus elementais.

Naguendra percebeu os olhares de Arjuna e sibilou, mostrando-lhe uma língua bipartida. Incomodado, o arqueiro virou para o outro lado enojado. Logo chegaram Devas vestindo armaduras de metal. Outros andavam dentro de grandes estátuas de rocha, que pareciam veículos com pernas. Causavam

certa confusão ao se moverem de forma desengonçada entre as fileiras de assentos.

– O que está incomodando você, Sahadeva? – perguntou Arjuna, reparando no ar de preocupação do caçula ao acompanhar a comitiva que chegava.

– Vyasa... Ele será o mediador desse encontro – sussurrou o Ignis, apontando discretamente para o guerreiro de longas barbas à frente do grupo. Vestia uma armadura de metal reluzente ainda maior que a de Yudistira, que tinha quatro braços, dois deles artificiais. Havia rumores de que a armadura era seu próprio elemental.

Arjuna estremeceu ao entender a aflição do irmão. Vyasa era representante da guilda dos Animatas, e boa coisa não deveria sair daquilo. Os Animatas sempre buscavam razões para se opor à guilda dos Ignis e tinham motivos para isso. Os Ignis, afinal, surgiram como uma dissidência dos Animatas. Só podia torcer para que Vyasa detestasse os Nagas com a mesma ou maior intensidade com que detestava os Pandavas.

– Sentados! – exclamou o Animata com voz grave e poderosa. – Por favor, o réu se dirija ao centro do auditório.

Arjuna obedeceu, seguido dos gêmeos, que ficaram a alguns passos de distância.

– Boa sorte! – disse Sahadeva, tocando de leve no ombro de Arjuna.

Seguiu-se um incômodo silêncio. Arjuna não ousava parar os olhos em ninguém que não fosse o Animata à sua frente. Os assentos ao lado do jovem eram ocupados, à esquerda, pelos Nagas, e à direita por sacerdotes de todas as guildas. Yudistira e Naguendra ficaram em tribunas especiais, encarando um ao outro.

Arjuna não podia ver a expressão de Yudistira atrás de seu impenetrável elmo, mas imaginava o olhar de fúria que estava lhe dirigindo. Quanto aos Nagas, preferia evitá-los.

– Estamos reunidos neste Conselho para julgar as ações de Arjuna Pandava. As ofensas que os Nagas, a parte lesada, lhe imputam são a invasão de seu território e a destruição de seu vilarejo em um incêndio.

– E desrespeito à minha serpente-guardiã! – adicionou Naguendra.

– Só faltava isso! – exclamou Arjuna. Seria acusado pelas ações de Draupadi também?

– Silêncio! – interrompeu Vyasa. – Falem apenas quando solicitados! O que diz em sua defesa, Arjuna Pandava?

– Minhas intenções eram justas, Excelência. Nosso astrólogo previu o roubo de um tesouro em Manipur. Se tivesse de seguir todos os protocolos para entrar no território dos Nagas, como tentei explicar, nunca chegaria a tempo de impedir a ladra.

– Admitimos ter cometido a infração de entrar em território Naga sem aviso ou autorização e oferecemos reparação. Podemos fornecer-lhes belos artigos da nossa oficina... – adicionou Yudistira, com polidez.

– Dispensamos suas bugigangas – retrucou Naguendra, causando comentários indignados entre alguns Ignis.

– Infelizmente, os Nagas não compreenderam minha missão, atrapalhando a caçada ao ponto de permitir a fuga da ladra. Foi ela que causou tanto tumulto no templo e maltratou a pobre serpente-guardiã do Regente...

– Guarde a língua, garoto – alertou o mediador. – Diga apenas o que lhe for solicitado.

– Perdão pela insolência – respondeu Arjuna, fazendo uma reverência para esconder o ranger de dentes. – Admito que o incêndio ocorreu em decorrência de minha inabilidade em prender a criminosa... Tentei remediar a situação, ajudando os Alayas a apagarem o fogo, até ser sumariamente encarcerado.

– Também oferecemos reparações quanto aos danos do vilarejo. Podemos ajudar na sua reconstrução e até mesmo implementar algumas melhorias... – disse Yudistira, reforçando a posição diplomática.

Outro silêncio se seguiu. Arjuna, vencido pela curiosidade, observou os Nagas cochichando entre si, com suas línguas e caudas movimentando-se de forma frenética, tornando impossível esconder a comoção.

– Naguendra, Regente de Manipur, aceita as compensações oferecidas pelos Pandavas? Ou há algo mais a ser discutido? – perguntou o mediador, irritado pela demora na resposta.

Todos os olhares se voltaram para Naguendra, que parecia apreciar a ideia de ser o centro das atenções. Concentrou-se por um momento e levantou-se para discursar.

– A prontidão que os Pandavas demonstram em reparar seus erros é admirável e comovente. Entendo agora as intenções honradas! Impedir um crime em nosso vilarejo! – Arjuna tinha a impressão de ver um sorriso malicioso em seu rosto. – Gostaria apenas de fazer uma pergunta ao nobre Yudistira!

– Pronuncie-se. – O tom de voz do Pandava não transmitia o menor indício de qualquer emoção que pudesse ser lida pelo Naga.

– Por que, meu caro, se deram ao trabalho de enviar um de seus príncipes para meu humilde templo, em vez de um aviso? Não sabem escrever uma carta? – disse ele, arrancando risos dos que não eram Ignis.

– Tínhamos receio de que uma simples missiva não tornasse clara a gravidade da situação – Yudistira respondeu mais rispidamente que o usual.

– Pare com rodeios! Você enviou o príncipezinho para capturar a ladra, que por acaso é Draupadi Yajnaseni, antiga forjadora-mestre de sua oficina e, agora, foragida!

– Como...?! – exclamou Yudistira estupefato. Virou-se para o irmão, mas Arjuna também pareceu surpreso. Como sabiam que a ladra era Draupadi?

– Não importa como consegui essa informação, que claramente nos permite uma queixa adicional: a oficina dos Pandavas, da qual Draupadi faz parte, é responsável pelo roubo de uma joia inestimável confiada a nós! Só com o sangue dela lavaremos essa nódoa em nossa reputação de guardiões de tesouros! – Naguendra tinha uma expressão triunfante na face.

– Príncipe Yudistira, por que não fui informado que a ladra pertencia à sua oficina? – perguntou Vyasa, exasperado com o “esquecimento” desse detalhe. – Fosse ela uma Deva qualquer, o assunto do roubo seria irrelevante para o julgamento. Mas se é uma de vocês, a argumentação do Regente faz sentido. Vocês são responsáveis pelo roubo do tesouro dos Nagas!

– Ela não pertence mais à nossa oficina! – respondeu Yudistira nervoso, seu brilho azulado ameaçando escapar pelas frestas da armadura. – Foi banida

há anos por traição e assassinato de um dos príncipes. Se trata de uma questão interna, e por isso deverá ser capturada e julgada por Pandavas!

– Engana-se! Vocês perderam o controle da situação! Exigimos a responsabilidade sobre a captura de Draupadi! – berrou Naguendra no mesmo tom de Yudistira.

– Isso está fora de questão! – vociferou Yudistira, ao se levantar do assento. A ideia de Draupadi ser julgada por cobras e não pelos Pandavas, depois de todo o tempo de perseguição, era inaceitável. Arjuna sabia que Musaka não havia se manifestado por pouco; não seria adequado aos demais Devas conhecer sua forma repulsiva.

– Sou eu que determino o que está ou não está fora de questão! – trovejou Vyasa. – Vocês, Pandavas, podem ser muito estimados na guilda dos Ignis, mas são novatos aqui no Conselho! E não estão acima das leis dos Devas! – Vyasa não perdeu a oportunidade de alfinetar os Ignis, que estavam ganhando relevância no cenário político com surpreendente rapidez.

– Meu caro... Não percebe que essa sua “questão interna dos Pandavas” ganhou proporções infinitamente maiores? – disse Naguendra, satisfeito em ter irritado Yudistira. – Sua alteza, tão sábio líder, deve conhecer a Profecia de Samsara, não?

A simples menção dessas palavras causou um mórbido silêncio entre os presentes. O próprio mediador levou alguns minutos para se recompor e retomar a discussão.

– Regente Naguendra: existe alguma boa razão para trazer ao Conselho assunto tão... polêmico?

– A joia nos foi confiada há várias gerações, pelo próprio oráculo da Profecia, com recomendações rigorosas de que a mantivéssemos escondida. Ela é um objeto perigosíssimo se estiver em mãos erradas, como as da renegada Draupadi! Ela tem todas as credenciais para ser a agente que desencadeará os eventos descritos na Profecia! – disse Naguendra.

Uma onda de murmúrios e exclamações se propagou entre os presentes. Com muita dificuldade, o Animata conseguiu o silêncio da audiência.

– Explique-se, Regente!

– Preciso lembrá-los da guerra que aconteceu na aurora de nossa raça? Que quase desaparecemos nos conflitos contra os magos Varnis? Todos nós sabemos que eles foram derrotados, e seus templos, que guardavam seus conhecimentos profanos, foram destruídos... Com exceção de um: o Templo de Samsara, cuja localização se perdeu nas brumas do tempo.

– Ora, que absurdo! Varnis?! – exclamou Yudistira, exasperado. – Essas são lendas sem o menor fundamento!

– Não são lendas! Estamos falando de histórias de nossa própria origem! – interrompeu um sacerdote Animata entre os presentes.

– “De Samsara, os mantras obscenos virão. O fim da Era dos Elementais chegará e das sombras os desvirtuados reinarão!” – exclamaram alguns na audiência, somando-se ao coro.

Com um sorriso malicioso estampado no rosto, Naguendra só precisava de uma declaração para encerrar a discussão em seu favor.

– Já que o templo maldito foi mencionado, existe uma informação sobre a joia a nós confiada. Sabem como ela é referida nas escrituras antigas? – Naguendra sentia prazer em cada segundo de silêncio da plateia. Enfim bradou: – A Chave de Samsara!

O caos se instalou no ambiente. Gritos e acusações surgiram de todos os lados, fazendo Yudistira se enterrar em seu assento. Nem mesmo a voz autoritária de Vyasa conseguia restabelecer a ordem.

– Quais serão as intenções da renegada Ignis que não o cumprimento da Profecia?! – Naguendra continuou a berrar, em meio ao pandemônio que se tornou a reunião dos Devas.

Arjuna apenas pensou que aquilo não tinha como acabar bem.

Capítulo 5

O caminho do Passo Sela

Asti



– Mãe! Espere! – arfando, Asti tropeçava nas pedras.

Neve, neve, neve e rochas: era a única paisagem que rodeava Draupadi e Asti, na íngreme trilha do Passo Sela rumo ao Himalaia. O esforço físico e o ar cada vez mais rarefeito desafiavam a capacidade de seus pulmões.

– Não consigo andar mais! – disse a jovem em tom suplicante. Draupadi andava com sua fina sapatilha nos pés, e poderia avançar descalça sem se machucar. Mas não era o caso de Asti.

– Não há tempo! Logo tudo passará e você descansará. Esforce-se agora! – respondeu Draupadi irritada, examinando a toda hora o mapa que tentava abrir contra o vento. Apertava o passo, preocupada em chegar logo ao destino. Começava a se arrepender de ter desperdiçado horas preciosas com os Kinaras, dias antes.

Segurando o choro, Asti parou onde estava e abaixou a cabeça, olhando para os pés machucados. Tudo seria fácil se tivesse a resistência dos Devas. Magoava-a notar que sua mãe não percebia. Vendo que Asti não a seguia mais, Draupadi se deteve por um momento, observando-a com um suspiro.

– Desculpe, faz muito tempo que não entendo como é ser Alaya. – Draupadi passou a mão com delicadeza pelo rosto da menina, enxugando suas lágrimas. – Ajeite suas bagagens, vou carregá-la.

A deusa carregou as bagagens das duas com um braço e abaixou-se para que Asti subisse em suas costas. Os pés latejantes da garota agradeceram. Passados alguns minutos, ela percebeu que Draupadi entoava um mantra em voz baixa.

– Mãe?

– Sim?

– O que você está resmungando?

– Ah... hum, um mantra de aquecimento. – A resposta automática de Draupadi fez com que Asti sentisse uma pontada de remorso. Então era por isso que não sentia frio. Havia um bolsão de ar quente à sua volta.

Horas se passaram na trilha, enquanto Asti alternava entre cochilar e observar a paisagem, até que não resistiu.

– Estou com fome.

– Alayas... Tão cheios de necessidades: fome, sede, frio, calor, sono! – Draupadi suspirou, sem paciência. Logo a seguir percebeu o que disse e continuou. – Vamos parar, mas vamos ser breves. Precisamos chegar ao Portal até o amanhecer.

Em um pulo, Asti desceu das costas da mãe. Retirando uma panela de sua mochila, começou a jogar nela alguns ingredientes. Desde pequena, lidava com suas próprias refeições. Draupadi não comia comida, portanto não precisava e nem sabia cozinhar.

– Aqui, Dawon! – Asti estendeu a panela para o elemental que Draupadi deixava de prontidão. A vantagem de estar com uma Ignis era não precisar carregar lenha para esquentar as refeições. Dawon segurou o caldeirão nas suas patas, aquecendo-o em instantes. – Hum! – disse sorrindo para a tigresa que a observava com ternura preparar a comida.

Draupadi tocava baixinho uma desajeitada melodia no bansuri, enquanto Asti já começava a tomar a sopa fumegante em pequenos goles. Apesar de toda sua habilidade com magia, a aptidão de Draupadi para a música era inexistente e por isso tinha deixado a flauta para a filha. De tempos em tempos, retomava o instrumento, na esperança de conseguir domá-lo.

– Mãe...? – Asti interrompeu Draupadi, hesitante.

– Sim?

– Lembrei agora... Enquanto eu estava esperando por você, eu tive outro daqueles sonhos.

– Venha cá, pequena... – disse Draupadi, guardando a flauta na mochila da filha, e acolhendo-a ao seu lado.

– Estava em uma masmorra, à frente de uma cela, e ouvi uma voz que vinha lá de dentro me chamando... Mesmo não querendo, minhas pernas se

moveram e eu entrei... Então eu vi os olhos vermelhos do prisioneiro louco, o punhal dele brilhava no fundo da cela. A sombra dele parecia viva, como as asas de um corvo... Entoei o mantra várias vezes, esperando que o arqueiro aparecesse outra vez...

– Não se preocupe, minha filha. São só sonhos... – disse Draupadi, porém ela mesma estava incerta do que dizia.

– Mas esse foi diferente, mãe. No lugar do arqueiro, quem apareceu foi uma moça de cabelos curtos, muito pálida. Parecia até um fantasma. Acho que o louco teve medo dela e fugiu. De repente, eu estava diante de um lago brilhante, de mãos dadas com ela.

Draupadi escutava a filha com atenção, imaginando se a Chave de Samsara estaria reagindo a Asti.

– Eu acho... – continuou a menina em um sussurro – que essa moça era Radha.

Embora não se lembrasse dela, já que Asti ainda era uma bebê na última vez que a visitaram, a garota cresceu ouvindo como sua mãe e Radha se conheceram quando ainda eram jovens Alayas. Eram histórias sobre como Radha havia se tornado a mestra dos Apas, os dominadores das magias de água.

– A presença de Radha em seu sonho é um sinal auspicioso! Eu devia ter contado a você antes: é ao encontro dela que estamos indo, para finalmente acabar com sua maldição!

O rosto de Asti se iluminou de imediato.

– É mesmo?!

– Eu jamais brincaria com isso! Ela disse que com a joia conseguiria salvar você da sina de sua família, e eu acredito nisso!

– Isso sim será um sonho realizado! – A garota sorriu ao dizer. Na sua vida errante, Asti nunca sabia qual seria seu próximo destino. Simplesmente deixava tudo por conta da mãe. O fim da maldição seria a maravilha das maravilhas, pois ela já tinha até se conformado que aquilo poderia acontecer só quando fosse uma velhinha.

A garota abraçou Draupadi com força, derrubando sopa em ambas. Chorava e ria ao mesmo tempo, enquanto a Deva sorria carinhosamente e

acariciava os cabelos da filha. Talvez pudessem finalmente deixar a vida de nômade. Talvez Asti pudesse até ter amigos!

– Recolha seus objetos e agasalhe-se bem – disse Draupadi, depois da rápida refeição, enquanto conjurava algo que parecia fogo-fátuo. Já estava bem escuro e, para continuar andando na trilha, seria necessário iluminar o caminho.

Sem contar com a magia aquecedora da mãe, Asti cobriu-se com uma manta e subiu novamente nas costas dela. Draupadi a aconselhou a tentar dormir, mas não devia saber o quão incômodo era dormir nas costas de alguém andando.

– Por que não podemos acampar durante a noite? – perguntou Asti, meio enjoada com o balançar do caminho e com a comida agitando-se em seu estômago.

– Não temos tempo para isso. Precisamos chegar ao Portal até amanhã ao amanhecer.

– Quando você diz Portal, quer dizer... os Portais Apas das histórias de Radha?

– Exato. Vamos viajar pelo Portal Apa mais próximo daqui, o Portal do Passo Sela. O problema é que ele fica aberto poucos dias por mês. Se perdermos a oportunidade, teremos de esperar semanas até que reabra. Esta trilha, apesar de árdua, nos poupa de milhares de goratas que teríamos de percorrer até a Cidade Dourada.

– Foi nessa cidade que vocês se conheceram, não é? Mas você a chamava por outro nome. Era Dwaraka?

– Fico feliz em saber que você guarda bem minhas histórias. Não sei se se lembra, mas você esteve lá comigo, há mais de dez anos – respondeu Draupadi, nostálgica. – É um grande centro de comércio de objetos mágicos, muito movimentado, o melhor lugar para Alayas talentosos. Devas de todos os cantos do mundo fazem seus negócios lá, sem falar dos festivais locais! Todo dia parece haver alguma festa. As mais bonitas, aliás, acontecem nas praias, já que a cidade fica à beira-mar.

Os olhos de Asti brilharam. Finalmente pareciam ir para algum lugar interessante. Draupadi sorriu, adivinhando os pensamentos da filha.

– Quando chegarmos lá, não teremos tempo para passeios. Há assuntos importantes a tratar antes, você sabe...

– Mas só de ver o mar... Já vai valer a pena... – Asti imaginava lugares quentes sob o céu azul, enquanto bocejava cansada.

Algumas horas se passaram, temperadas com reclamações, bocejos e respostas impacientes, até avistarem um monte enevoadado em meio a um vale, que se revelava com o amanhecer. Um grande domo negro construído em seu topo parecia um guarda vigiando a paisagem.

– Chegamos! – exclamou Draupadi, cutucando de leve a filha para que acordasse. A julgar pela quantidade de caravanas que aguardavam na entrada da construção, conseguiram chegar a tempo.

– Huh!... – Asti coçou os olhos. – Vamos ter de passar por todas essas pessoas?

– Sim, e fique parada por um momento, preciso fazer algo para nos disfarçar.

Murmurando mantras, Draupadi conjurou uma magia ilusória; logo Asti se viu vestida com um sári exuberante. Sua pele era como a de uma Deusa, de tom arroxeadado, que contrastava com os cabelos loiros. Nunca havia usado um disfarce de escuridão de luz, e comemorou a novidade com risos e rodopios.

– Quieta! A magia não funcionará se você se mexer assim! – disse Draupadi, que agora portava cabelos curtos e trajes exóticos.

– Tudo bem... – disse Asti, desanimando instantaneamente. Qual era o problema de se divertir? Não havia ninguém ali as observando.

O caminho para o domo era composto de uma série de pontes de corda, que uniam mirantes encravados no monte, decorados com entalhes de sereias, peixes e ondas. Conforme se aproximavam do lugar, a multidão de Deusas e suas caravanas agitavam-se. A situação não era normal.

– O que está acontecendo? – perguntou Draupadi, estranhando a bagunça.

Um monge franzino tentava controlar a multidão. Com certeza era um Apa, como denunciavam os cabelos prateados e os olhos azuis característicos deles. Com muita dificuldade, buscava apartar as brigas dos que esperavam na fila. Seu elemental era um touro que, à primeira vista, parecia vítreo, mas com

alguma atenção percebia-se que era feito de água. Tinha a altura de dois homens e mantinha-se ao lado de seu mestre, protegendo-o dos outros Devas cada vez mais irritados.

– É um absurdo essa espera! Faz quase um dia que estamos parados aqui!
– disse um Gaia vestindo peles sobre peles.

– Absurdo é não termos prioridade! Sou um comerciante importante em Dwaraka! Você terá problemas com seu superior, assim que eu reportar sobre sua insolência em reter-me! – disse um Animata.

– Por favor, acalmem-se! Há apenas um frasco de água de Portal! Até que uma maior quantidade chegue, podemos fazer apenas mais uma viagem! Peço que cheguem a um consenso!

– Por ordem de chegada, é lógico!

– Por ordem de importância, petulante!

– Quando o Portal voltará a funcionar? – perguntou Draupadi segurando Asti pelo braço, após terem passado com dificuldade pela multidão.

– Creio que em breve! – o Apa respondeu, sem convicção.

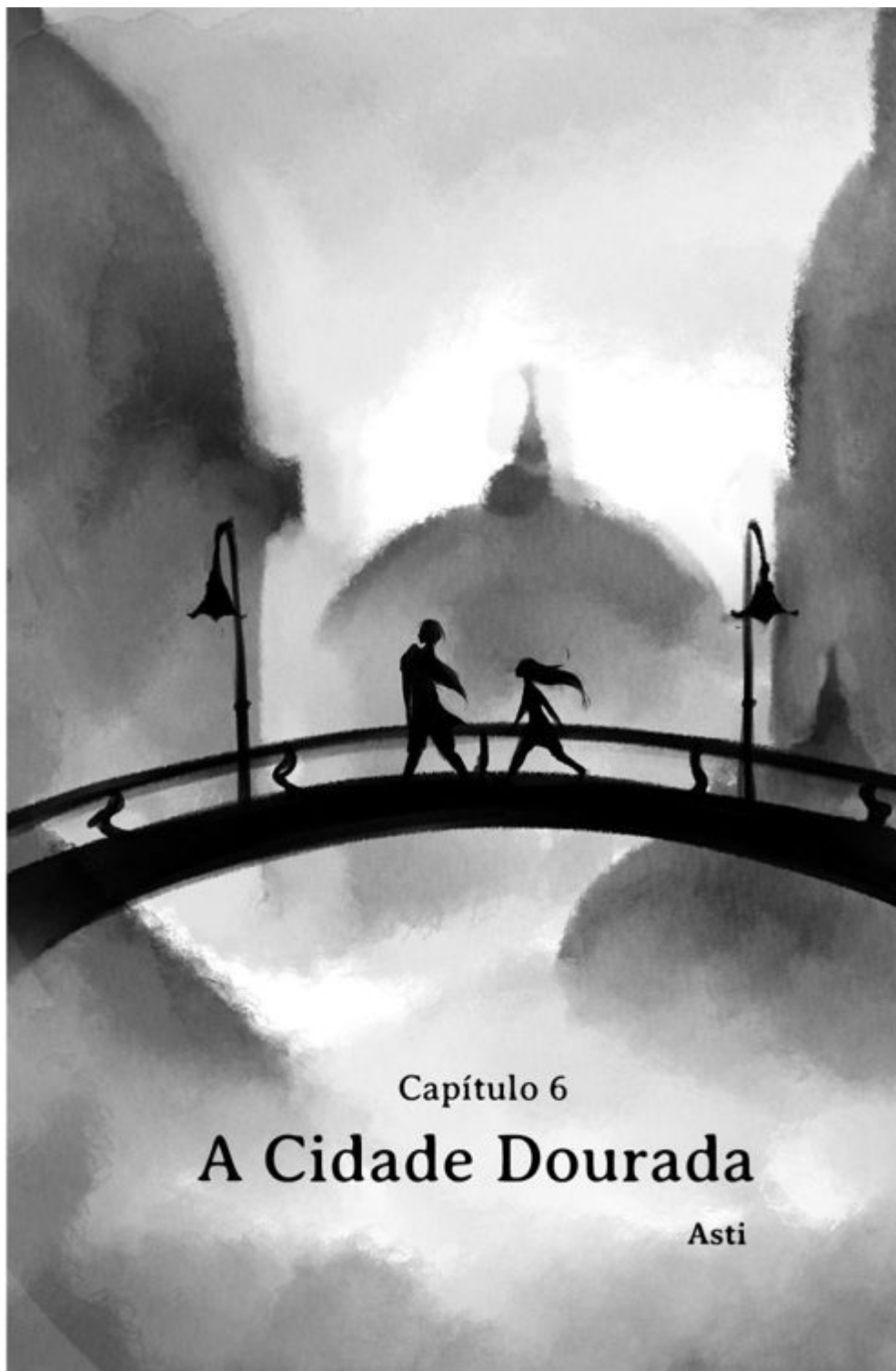
Ao ouvir aquilo, Draupadi resoluta agarrou Asti pelo braço, afastando-se do tumulto.

– Vamos embora, Asti. Temos de ir para Dwaraka de outra maneira.

– O quê?! – exclamou a garota, incrédula, que no caminho havia estudado um mapa de Bhárata para se distrair. – A distância daqui até lá é de pelo menos cinquenta vezes o caminho que fizemos até aqui!

– Não temos escolha! – censurou-a Draupadi, em voz ríspida. – Esse é o Portal mais próximo de Manipur! Quanto mais tempo ficarmos aqui, mais correremos perigo. É o primeiro lugar em que vão nos procu...

Draupadi engasgou, e se curvou para a frente. Asti demorou a entender o que acontecia. Quando observou melhor, viu que uma lança havia trespassado seu peito, fincada pelas costas. Trêmula, Draupadi ainda tentou retirar a arma ensanguentada de seu corpo, quando foi puxada com violência por mãos geladas.



Capítulo 6

A Cidade Dourada

Asti

— **E**is você à minha mercê, ladra! Achou de verdade que conseguiria me enganar de novo com esse disfarce de luz? Reconheço seu cheiro de longe! — disse seu captor, segurando-a pelo braço. A ilusão de seus disfarces foi se desfazendo.

Nagas. Em um movimento brusco, ela quebrou a vara da lança e jogou-se para a frente, para desvencilhar o corpo da arma. Com a lâmina em suas mãos, usou-a como uma arma improvisada e cortou o rosto do Deva que a segurava.

— Sua desgraçada! — O homem cobriu o ferimento, soltando-a. Seu corpo metade homem e metade cobra rastejou para longe do alcance da arma.

Draupadi avançou para a trêmula Naguini que havia prendido Asti. Mesmo que tentasse se defender, não seria páreo para a Ignis, que poderia vencê-la mesmo desarmada. Com Asti liberta, Draupadi agarrou seu pulso com força e abriu caminho pelos atônitos Devas, que observavam a confusão sem nada entender. A garota mal tocava o chão, carregada pela Deva que corria em saltos para a entrada do domo, por uma ponte de corda que balançava de forma ameaçadora.

— Esse Apa vai me abrir o Portal, por bem ou por mal! — rosnou Draupadi.

Entretanto, o corpo da maga se recusou a acompanhar suas intenções. A deusa arfou e suas pernas falharam. Com um baque, mãe e filha tombaram em uma das plataformas.

— Mãe?! — gritou Asti, desesperada ao ver que Draupadi perdia a consciência. — Mãe! O que aconteceu?

Não entendia. Era impossível que um ferimento como aquele a deixasse em tal estado. Seria um golpe mortal para um humano, mas nada além de um incômodo para uma Deva, que se preocuparia mais com as manchas de sangue em seus trajes que com o ferimento em si.

– Veneno... – sussurrou Draupadi, antes de perder a consciência.

Desamparada, Asti observou a aproximação das Naguinis enquanto se curvava sobre a mãe.

– Então você é o Cálice... Não me parece grande coisa, fedelha! – disse quem parecia ser o líder das Naguinis, aquele com o corte, que se juntou às soldadas ameaçadoras.

A garota fechou os olhos e se debruçou sobre o corpo de Draupadi, com lágrimas transbordando e esperanças se esvaindo. Foi quando teve a impressão de ver um vulto negro. Ao erguer a cabeça, percebeu que alguém havia se colocado entre elas e as Naguinis. Usava um manto que esvoaçava e chutava algumas das cobras para fora do mirante.

– Insolente! Como ousa interferir com as autoridades?! – o homem-cobra avançou contra o intrometido, desembainhando um facão.

O encapuzado sacou uma espada, mas parecia não ter muita familiaridade com ela. Mesmo que a arma do Regente fosse mais curta e de menor alcance, o Naga encontrava com facilidade brechas na defesa de seu oponente. Logo as soldadas Naguinis correram para ajudar seu líder. O guerreiro misterioso estava prestes a ser subjugado, mas fogo surgiu de seus ombros e correu em direção à palma da mão aberta que se estendia, tornando-se uma chama de brilho tão intenso que queimou as retinas de seus oponentes. O Naga cobriu os olhos, ofuscado, enquanto recebia um chute no peito que o afastou da luta.

O encapuzado sacou um arco de seu manto e, de forma desajeitada, invocou uma flecha de fogo que atirou acima do batalhão de Naguinis. A flecha explodiu em centenas de meteoros flamejantes que caíram como chuva sobre elas, que gritavam apavoradas, tentando apagar as chamas de suas vestes. Se havia algo que temiam de forma irracional era o fogo.

Vendo-se livre de distrações, o arqueiro afastou Asti de Draupadi com um empurrão e apontou uma flecha de fogo para a cabeça da Deva, que

recobrava a consciência com os sons da batalha. Ela lhe lançou um olhar desafiador, tentando golpeá-lo com o pedaço da lança que ainda tinha nas mãos, mas o indivíduo a desarmou com um pontapé.

– Vai pagar por seus crimes, assassina! Você vem comigo!

– Afaste-se de minha mãe! – gritou Asti, jogando-se contra o mascarado. Tentou empurrá-lo sem sucesso, mas fez com que a flecha de fogo em seus dedos se apagasse. A coragem da pequena garota não o abalou tanto quanto a palavra que ela havia proferido.

– Mãe? – repetiu, confuso.

A garota tentava afastar o arqueiro enquanto protegia Draupadi, e acabou por puxar seu manto, revelando-lhe o rosto.

– Menina imbecil! Por que fez isso? – O tom agressivo na voz do jovem paralisou Asti.

– Sabia que era você, Pandava! – exclamou Naguendra, com os olhos vermelhos, recuperados o suficiente para enxergar. – Não se cansa de causar conflitos diplomáticos? Dessa vez, eu mesmo o jogarei nas minhas masmorras e o verei apodrecer!

A voz estridente de Naguendra acordou Arjuna do choque. Precisava sair dali! E rápido!

Lançando Draupadi, agora inconsciente, por cima do ombro, correu em direção ao Portal, incendiando os mirantes que ficavam para trás, com a pequena garota seguindo-o com dificuldade. O elemental do Apa pôs-se diante dele com um estrondo, como uma onda quebrando em um rochedo.

– Gandiva! – a salamandra flamejante mergulhou no touro, incendiando-se do modo mais forte que podia.

O elemental se desfez em uma grande explosão de vapor, recolhendo-se dolorido para dentro de seu mestre. Arjuna teria tempo até que ele recuperasse sua forma.

– Ordeno que abra o Portal! Agora! – disse Arjuna, indo até o Apa e o agarrando pela roupa. O pobre monge, privado temporariamente de seu elemental, levou as mãos à cabeça, com uma dor insuportável.

– Ve-veja o estardalhaço que causou! Não cederei passagem a um... a um... delinquente! Farei uma reclamação à sua guilda, seja lá qual for! – disse

ele, trêmulo.

– Mande sua reclamação aos Ignis Pandavas! – respondeu Arjuna, enquanto balançava o pingente real no rosto dele. – Sou um príncipe a serviço do Conselho dos Devas! Ou quer que eu faça uma reclamação à sua guilda por obstrução de justiça? – blefou, fitando o monge com olhar feroz.

Pressionado, o Apa aquiesceu.

– S-Siga-me – disse ele, cambaleante por fim, enquanto passava por uma bolha de água que cobria a entrada do domo.

Ao atravessá-la, Arjuna sentiu sua pele arder, como se passasse por uma chuva de areia. Do lado de fora do domo, uma nuvem de pó se formava. Todas as impurezas dos viajantes eram retidas para manter o interior da construção limpo, de maneira impecável.

– Ai! Que dor! – Arjuna ouviu a voz de Asti logo atrás dele.

– Alaya! O que você está fazendo aqui? Vá embora!

– Tenho nome! É Asti! E eu vou aonde minha mãe for!

Um baque assustou a menina, que empalideceu ao ver o rosto enraivecido do Naga do outro lado da membrana, agora rígida como vidro.

– A mim, soldadas! Vamos arrombar esse lugar! – gritou Naguendra, enquanto as Naguinis traziam um aríete improvisado.

– Sua Alteza não vem?! – exclamou o monge Apa, à frente.

Era melhor não perder tempo com argumentações. Lidaria com a menina depois. Não queria ficar para ver se as Naguinis conseguiriam alcançar seu intento.

– Venha logo, então! – disse ele, segurando o pulso da garota com força, enquanto avançavam na escuridão.

Sem enxergar nada a princípio, logo Asti começou a distinguir um brilho azulado à frente deles. O Apa os conduziu até uma câmara de paredes lisas e de teto em forma de domo. Em seu centro, uma mandala de névoa flutuava serenamente a poucos palmos do chão. Era o Portal Apa.

O interior da mandala era um quadrado grande o bastante para acomodar seis ou sete pessoas. Arjuna deitou Draupadi no centro dela, enquanto via o Apa destampar um frasco de seu cinto e borrifar o conteúdo

dele na mandala. Como se energizada pelas gotas do líquido, a névoa brilhou com mais intensidade. Asti sentou-se ao lado da mãe, segurando sua mão.

– Isso é... a água de Portal? – perguntou Arjuna. Apesar de já ter usado portais uma ou duas vezes, nunca tinha se preocupado com os pormenores da magia de transporte.

– Água vinda de Dwaraka... Tratada por magias Apas... Fique nesse perímetro! – disse o monge, saindo da mandala. E ao ver Asti, lembrou-se que Alayas respiravam. – E eu prenderia o fôlego se fosse você! – continuou.

A mandala começou a rodar com violência e transformou-se em um turbilhão, que engolfou os três passageiros. A tromba d'água girou furiosamente por alguns segundos até desaparecer no ar.

O monge suspirou ao ver a câmara vazia. A mandala se refazia com lentidão, mas sem mais água de Portal, as viagens para Dwaraka estavam encerradas temporariamente.

Encharcada, Asti tentava recuperar o ar e quase não tinha percebido que estava em um lugar completamente diferente de segundos antes: um salão de paredes planas, escavado em rocha sólida. O pensamento da sua mãe ferida logo lhe veio à mente.

– Mãe! – disse, nadando até Draupadi. – acorde! – continuou, desesperada, sacudindo o corpo inerte da maga Ignis, até ser afastada bruscamente por Arjuna.

– Shh! Quieta!

Alarmada com a bronca, Asti olhou ao seu redor e percebeu que o salão era um entre muitos nichos de um grande espaço circular. Alayas em mantos compridos e brancos, criados dos Apas, saudavam os visitantes.

– Bem-vindo a Dwaraka, divindade. – Um deles se aproximou e estendeu uma toalha de seda para Arjuna. O Deva a tomou nas mãos com rispidez, procurando tirar a atenção de Draupadi. Dispensou o Alaya, que recuou com uma mesura, sem levantar os olhos.

– Estranho... – comentou Arjuna, enquanto rasgava um pedaço da toalha para estancar o sangramento de Draupadi. – Um ferimento assim já deveria ter cicatrizado – pensava desconcertado.

Daquele jeito era possível que ela não sobrevivesse... A não ser que... Arjuna ergueu Draupadi, carregando-a em seus braços. Asti levantou-se e pôs-se a acompanhá-los.

– Você fica!

– Não! – respondeu Asti, com uma expressão desafiadora, enquanto se agarrava ao braço de Draupadi. – Vou aonde ela for!

Arjuna fez menção de usar de força para separá-las, mas Asti ameaçou fazer escândalo se não fosse junto. Pensaria no que fazer com ela depois. Os três juntaram-se ao fluxo de viajantes recém-chegados. Havia vários andares de portais, unidos por uma larga rampa em espiral. Um arranjo engenhoso de espelhos distribuía a luz do sol vinda de uma cúpula muito acima deles. Então Asti percebeu que estavam no interior de uma gigantesca torre.

Alguns viajantes os encaravam na caminhada para a saída da construção. A eles, Arjuna sorria sem graça, pedindo licença dizendo que sua mestra estava cansada da viagem. Felizmente, não havia muitas caravanas naquele horário. Asti passou ao lado de algumas meninas, parte da comitiva de um grupo de Devas que, como ela, eram viajantes novas por ali.

– Espero que Dwaraka seja tão legal como dizem! Será que vamos ter tempo de fazer compras no mercado Alaya? – sussurrou uma menina de longos cabelos ainda úmidos, no ouvido de outra.

– Não se preocupe! Temos pelo menos uma semana para passear!

– Tudo isso? Que bom! Quase nunca temos tempo de visitar uma cidade Deva! Pensei que o mestre estava com pressa!

– O mestre não voltaria antes nem que quisesse. A abertura dos portais depende de um cronograma predefinido. Até lá não temos nada a fazer senão nos divertir!

As garotas se calaram quando Asti passou por elas, tentando se secar enquanto andava, torcendo seu cabelo e roupas. Mesmo que igualmente molhadas, riram dela, mas Asti estava muito ocupada para perceber ou se importar com isso.

– Para onde você vai? Preciso cuidar da minha mãe! – sibilou Asti o mais próximo que conseguia chegar do ouvido de Arjuna.

– Você não sabe ficar quieta, Alaya? – ele manifestou Gandiva que, em um flamejar irritado, afastou-a dele.

– Eu tenho nome!

– Você já disse: Asti. Um Deva nunca se esquece, infelizmente. E fique quieta, no momento tenho tanto interesse que Draupadi sobreviva quanto você.

A saída da torre era uma ampla praça, e Asti mal conseguiu conter sua surpresa. Mesmo com os pensamentos todos voltados para a mãe, a visão de Dwaraka que se descortinava diante dela impressionou-a de tal modo que, por um momento, esqueceu-se de suas preocupações. Uma cidade envolta em um cobertor branco de névoa, que cobria tudo até se dissipar no mar sem fim.

Asti respirou fundo, sentindo a brisa marinha e ouvindo o arrebentar das ondas bem abaixo deles. Enxergava por breves aberturas na névoa, conseguindo perceber que a cidade era construída sobre várias ilhotas separadas por rios e riachos que desembocavam no mar.

Uma densa floresta com uma vegetação de um tipo que nunca tinha visto ocupava os bancos de areia nas margens das ilhas. As árvores tinham raízes longas e expostas, formando um verdadeiro emaranhado vivo. Algumas ilhas eram cobertas por praças e templos com jardins muito bem cuidados.

Arjuna, Draupadi e Asti seguiam pelo chamado “Caminho Dourado”, uma longa passarela suspensa que ligava toda a cidade, com parapeitos revestidos por placas vítreas enfeitadas com os mesmos motivos aquáticos que Asti havia observado no Portal do Passo Sela. A proximidade do mar deixava o chão ladrilhado úmido e escorregadio, mas Arjuna parecia não se importar. Andava tão rápido que chegava a sumir de vista, forçando Asti a quase correr para acompanhá-lo.

A garota suspeitou que o Deva não sabia para onde estava indo, mas depois de uma hora de andança, o caminho terminou em uma grande figueira que assentava suas raízes com firmeza em um rochedo em meio ao mar. Uma simpática casa de madeira erguia-se em sua copa cerrada, seus cômodos distribuía-se de maneira caótica, unidos por pontes de corda. Parecia ter sido projetada por alguém que nunca tinha visto uma régua. O

espaço abaixo da copa era tão amplo que acomodava até mesmo uma pequena praça. Em uma placa rústica, no fim do caminho, lia-se: “Pousada das Herbalistas”.

As ondas quebravam violentamente abaixo da passarela. Agarrada ao parapeito, Asti notou que parte do caminho de pedra havia ruído, sendo substituído por galhos da figueira que formavam uma ponte vegetal.

– Temos de passar por aí? Eu não quero... – disse a jovem, receosa.

– Ótimo! Então não vá! Aproveite e suma. – Arjuna saltou pelos galhos com agilidade impressionante, indo em direção à casa. Nem parecia que carregava uma pessoa.

– Eu não vou embora! – disse Asti irritada, enfiando as unhas nos galhos, em uma mistura de raiva e medo. Se caísse, seria na água, mas mesmo assim não deixaria de ser uma bela queda. Engatinhando com lentidão e tentando não olhar para baixo, arrastou-se até a pousada.



Capítulo 7

Herbalista

Arjuna & Asti

– Camil! Onde está você?! – berrou Arjuna, ao adentrar a pousada.

Descendo as escadas em passos suaves, uma Deva chegou à recepção. Era mais alta que Arjuna e vestia um avental sujo de terra. Seu cabelo rosado alcançava a cintura, mas o que realmente chamava a atenção eram as grandes pétalas de orquídea que brotavam de sua cabeça. Duas gavinhas que surgiam de suas costas seguravam o corrimão da escada, parecendo um par de braços extras.

– Arjuna? Arjuna! Meu amigo! – Camil correu até ele para abraçá-lo.

Gaias Herbalistas como ela eram muito afetivas, diferentes dos circunspectos Ignis, que preferiam manter a conversação a distância. No entanto, antes que chegasse mais perto, percebeu a mulher ferida nos braços dele.

– Eu sei que você não trabalha mais como curandeira, mas é uma emergência... – disse Arjuna.

– Lis! Traga toalhas limpas e minhas ervas medicinais! – ela gritou, enquanto guiava Arjuna para um quarto amplo e ventilado.

Draupadi foi colocada em uma cama de palha, e Camil, batendo palmas, fez com que o lugar se iluminasse. Lanternas Ignis, que tinham sido um dos presentes de Arjuna, o único que ela considerava realmente útil, se acenderam.

– O que aconteceu? Ei! Por acaso essa não é...

– Sim, sim, é ela – disse ele impaciente, já prevendo um sermão.

– Arjuna! Você deu de trazer criminosos para cá? Ainda mais essa mulher desprezível? – Camil deteve-se, censurando o jovem.

– Camil, por favor! Você sabe que eu, mais que ninguém, desejo que ela pague caro por tudo o que fez!

– Humpf... – Camil soltou um suspiro frustrado. – Quero essa história explicada direito assim que terminar com isso!

Trocou seu avental por um limpo e lavou as mãos em uma bacia com água. Em seguida, mergulhou tiras de tecido limpo em uma mistura oleosa com forte cheiro de eucalipto.

– Para limpar os ferimentos – explicou, ao perceber a expressão nauseada do amigo. As gavinhas que saíam de suas costas seguravam a mistura, enquanto ela examinava o profundo corte no peito de Draupadi.

– Veneno... Mas que tipo de veneno poderia derrubar um Deva assim? Que estranho!... Arjuna! Veja! – disse ela alarmada, ao remover o sangue coagulado.

A região ao redor do corte estava vitrificada.

Asti finalmente havia chegado à pousada. Arfando, esforçou-se para não desabar. Mal entrou pela porta, uma garota apressada a atropelou. Carregava toalhas e caixas que caíram no chão, espalhando todo seu conteúdo: potes de ervas de todos os tipos. A causadora do acidente, que também era Alaya, de pele bronzeada e cabelos cor de fogo, riu da confusão.

– Oh, olá! Você está acompanhando a paciente? – perguntou, enquanto recolhia os potes. Asti ajoelhava-se para ajudá-la. – Obrigada! Deixe que eu pegue esses... Pode levar as toalhas? A enfermaria é por aqui!

– Hum, certo... – concordou Asti, sem entender o que acontecia.

– Eu me chamo Lis, e você?

– Asti...

– Asti?! Que nome estranho! – comentou rindo, enquanto subia a escada de três em três degraus. Ela abriu a porta da enfermaria bruscamente, quase matando Camil de susto.

– Lis! Cuidado com a porta! Um dia você ainda vai me fazer atravessar alguém com o bisturi!

– Desculpe, mestra! Aqui! Trouxe as ervas! – respondeu animada, mesmo depois da bronca.

– Certo... Agora me deixem trabalhar, fora vocês! Lis, você fica para me ajudar!

– Como se eu quisesse ficar observando – disse Arjuna, esbarrando em Asti enquanto saía do cômodo.

– Eu... – Asti, ao contrário de Arjuna, queria ficar o tempo todo ao lado de Draupadi. Segurava a vontade enorme de chorar, e sabia que isso não ajudaria em nada.

– Ei! Vai ficar tudo bem! A mestra Camil é a melhor curandeira do mundo! Até os grandes Herbalistas pedem conselhos para ela! – Lis tentava consolar Asti, exibindo expressões que variavam de alegre a histérica. Aparentava ter a mesma idade de Asti, com um ar mais maroto.

– Lis, pare de conversar e me traga o pote de erva das serpentes, sim? – pediu Camil, concentrada.

– Por que você não vai descansar lá nas redes? – Lis cochichou para Asti, enquanto separava um dos potes. – Parece cansada! – continuou, indicando o caminho e fechando a porta do quarto, dessa vez com gentileza.

Percebeu que não adiantava teimar em ficar ali. Subindo alguns lances de escada, chegou a um amplo mirante coberto. Galhos floridos cercavam o espaço, fazendo o papel de parapeitos e colunas para sustentar o teto. Várias redes enfeitadas com tramas florais espalhavam-se por todo o lugar. Viu que Arjuna já estava deitado em uma delas.

Hesitante, aproximou-se dele. Parecia dormir, o que era improvável. Asti sabia que Devas dormiam muito pouco. Ela havia visto Draupadi dormir só uma vez, depois de ter passado um mês trancafiada em uma biblioteca estudando pergaminhos.

– O que foi? – de repente, Arjuna observou Asti com seus olhos cor de laranja, que pareciam pequenas brasas.

– Ah... Obrigada... Por... Hum... – gaguejou ela, nervosa.

– Por ter salvo sua “mãe”? E nem pensou em perguntar o porquê antes de me agradecer? – interrompeu Arjuna.

– Hum... Por que você... ?

– Não que eu precise explicar, mas os Pandavas garantem o direito de Draupadi se defender em um tribunal – interrompeu novamente. – Coisa

que não aconteceria se os Nagas a capturassem. Eles querem executá-la à primeira vista, desejo que, aliás, entendo muito bem.

– Então...Você a trouxe até uma curandeira...

– Para que ela sobreviva até o julgamento. Não confunda as coisas. Não aprecio a ideia de salvar criminosos.

– Minha mãe não é criminosa!

Ou talvez fosse. Asti sabia que, por sua causa, Draupadi carregava várias acusações.

– Por que você a chama de mãe? – Arjuna tinha uma expressão genuinamente intrigada.

– Por que ela é minha mãe, oras! Ela me criou desde bebê. Minha mãe verdadeira morreu quando nasci.

– Tenho medo até de imaginar que tipo de criação ela lhe deu. Para mim, ela não passa de uma traidora, ladra e assassina – disse ele, ácido.

– Eu fui muito bem criada, obrigada!

– Tenho minhas dúvidas! Agora, deixe-me em paz, não tenho tempo para discutir com menininhas – resmungou, virando-se de costas para ela.

Estava claro que a conversa tinha sido encerrada. Não que quisesse continuar a conversar com alguém tão rude. Asti estava ansiosa e cansada, a ideia de dormir era conflitante, mas parecia ser a única opção que lhe restava. Acomodou-se na rede o mais longe possível do Devo e percebeu como era bonita a vista dali: de um lado, o gentil mar de Sindh, e de outro, a Cidade Dourada.

Dessa distância, Asti teve a noção do tamanho da imponente Torre dos Portais. Era um prédio em forma de ogiva, tão alto que parecia alcançar as nuvens. Suas delgadas colunas de pedra criavam padrões complexos, lembrando uma estrutura de renda cujos vazios eram preenchidos com paredes cristalinas que refletiam tudo à sua volta. Na colina onde se erguia, havia um bosque obscurecido pela sombra gigantesca da construção.

Talvez fosse o efeito do jogo de luzes e sombras a dar um aspecto lúgubre ao lugar, assim como a existência de algo impalpável que lhe fornecia um ar agourento. As árvores pontiagudas e espinhentas, movidas pelo vento, pareciam vivas, e envolviam um templo em forma de pirâmide de arestas

encurvadas. Era estranhamente familiar a Asti, que teve um mau pressentimento quanto à visão. Ela não dormiu. Mesmo depois de tentar por horas, não conseguia se desligar das preocupações em relação à mãe. Decidiu descer até o quarto-enfermaria, cuja porta ainda estava fechada; cedendo à exaustão, encostou-se na parede e ajeitou a cabeça entre os joelhos. Acordou com Camil abrindo o quarto.

– Oh, você dormiu aqui? Lis não lhe mostrou onde ficam as redes? – disse Camil, solidária e bem disposta, como se não tivesse passado a noite em claro.

Ao contrário de sua mestra, a menina ruiva saía descabelada do quarto, bocejando tanto que corria o risco de deslocar a mandíbula.

– Como está minha mãe?! – perguntou Asti, levantando em um pulo.

– Mãe? – Assim como Arjuna, Camil se mostrou surpresa com o termo. – Bom... Ainda é cedo para saber como ela vai responder ao tratamento, mas sua... mãe... está fora de perigo, por enquanto. Só precisa repousar.

Não era a resposta que Asti queria. No fundo, sentia que Camil escondia algo.

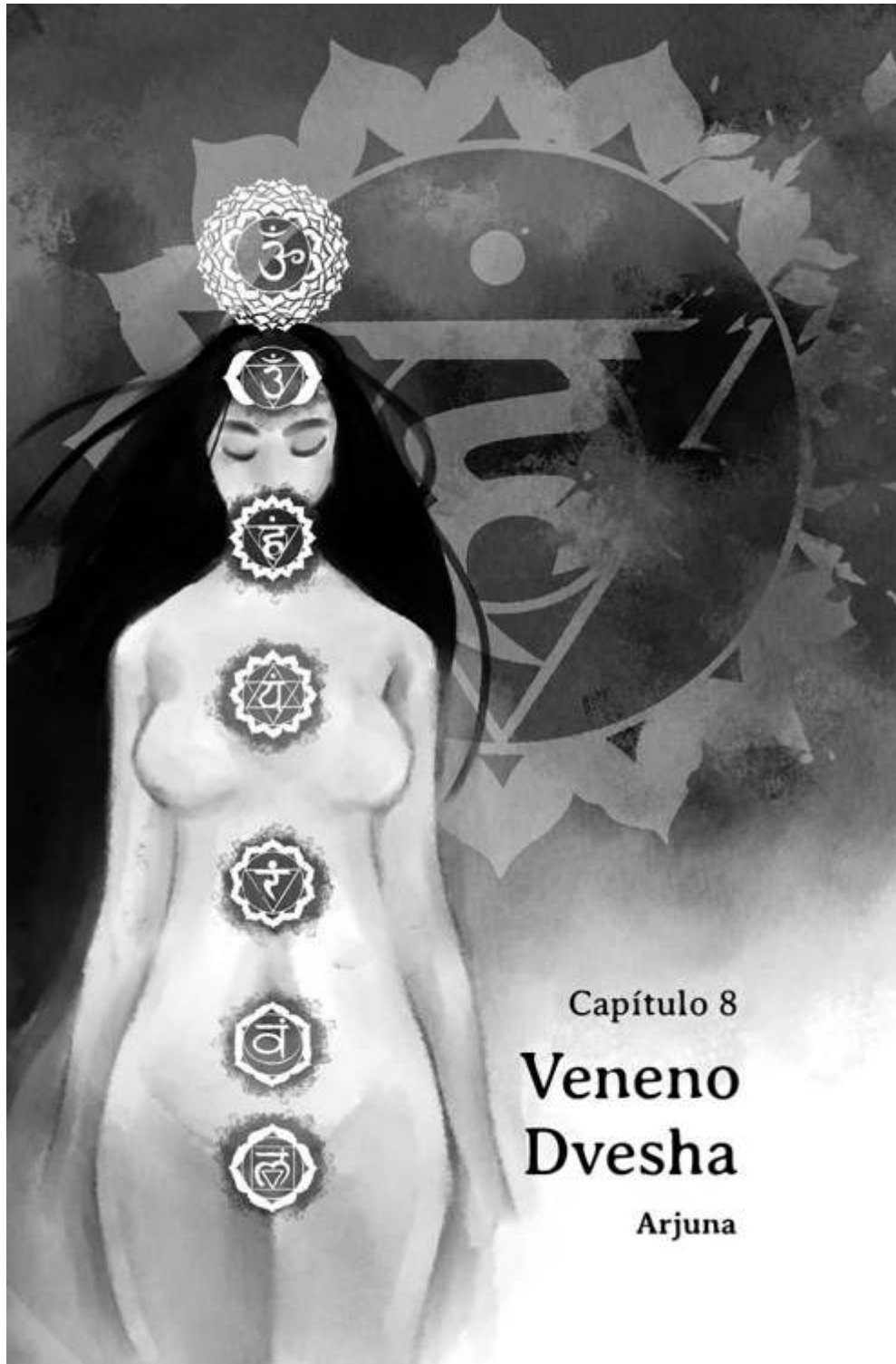
– Obrigada – disse Asti, que logo em seguida foi interrompida pelo ronco da própria barriga. Não comia havia horas, mas isso não a impediu de corar de vergonha. – Desculpe...

– Hahaha! Com fome? Lis, por que você não leva a... Qual é seu nome?

– Asti! – disse Lis rindo. O nome peculiar tinha virado algum tipo de piada para ela.

– Não quer levar Asti ao mercado Alaya? As barracas de comida ainda não estão cheias, mas vocês precisam chegar lá rápido! Aproveitem e comam algo reforçado! – sugeriu Camil, enquanto tirava algumas moedas de seu avental e as entregava a Lis.

– Oba! Oba! Estou rica! – exclamou Lis, com olhos cintilantes, esquecendo-se do sono. – Vamos comer! Muito! Comidas gostosas! – gritou ao pegar a mão de Asti, puxando-a com entusiasmo para fora da pousada.



Capítulo 8
**Veneno
Dvesha**
Arjuna

— **F**inalmente podemos falar. Achei que ela nunca iria embora — disse Arjuna, apoiado no batente da porta do cômodo. — Não que fizesse alguma diferença conversar com você na presença dela, mas essa garota é insistente demais.

— É dedicada à sua mestra, sem dúvida... — disse Camil perdida em devaneios, sentando-se ao lado do leito de Draupadi. — Desde que deixei de ser curandeira para me dedicar à pousada, cuidei apenas de um paciente ou outro trazido por meus aprendizes... E você me chega com um caso desses...

— Diga-me, como está ela agora? Vai sobreviver? — perguntou Arjuna, denunciando sua inquietação.

— É difícil dizer. É um caso desconcertante, mas já vi um parecido. Foi há muito tempo, em uma época conturbada. O mesmo veneno... — Camil estremeceu e ficou pensativa.

— Camil?

— Tenho certeza. Trata-se do veneno Dvesha. Uma arma criada para matar Devas.

Draupadi tossiu, interrompendo a conversa dos dois. Estava pálida e ofegante, levando Arjuna a pensar como era estranho o fato de os Devas respirarem, refletindo o estado de seus corpos. Deveria ser algum tipo de reflexo involuntário, um resquício de seus tempos como Alayas, já que não precisavam de ar para viver.

— Veja isso, Arjuna. — Camil inclinou-se até Draupadi, como se pedisse licença para o que faria, e tocou a testa da Ignis.

Dawon manifestou-se iluminando todo o recinto. Parecia indignada em surgir por ordem de outra que não fosse sua mestra, mas ao ver que era

Camil, aquela que tinha tentado salvar a vida de ambas durante a noite, acalmou-se. A maga Herbalista acariciou a nuca da tigresa, que ronronou suavemente.

Era a primeira vez que Arjuna via Dawon, mas mesmo assim ficou desconcertado com o estado dela. A elemental não poderia ser naturalmente assim. Magérrima, seu corpo de luz parecia se desfazer em alguns pontos, revelando o que pareciam ser ossos etéreos.

– Olhe aqui. – Camil afastou o cabelo de Draupadi para mostrar seu pescoço, que começava a enegrecer. – Lembra-se do ferimento vitrificado em seu peito? O mesmo efeito se espalhou pelo corpo dela, afetando os chakras mais próximos do corte.

– Chakras? – Arjuna sabia que eles eram pontos de energia vital do corpo, mas não entendia o que Camil queria dizer. – Achei que fossem mais importantes para os Alayas que para nós.

– Os chakras não deixam de ser importantes para os Devas também. Os elementais unem-se a nós pelos sete chakras principais do corpo: base da espinha, umbigo, ventre, coração, garganta, testa e topo da cabeça – explicou Camil. – Se qualquer um deles se danifica, o elemental começa a definhar, e é isso o que está acontecendo com Draupadi: dois de seus chakras, coração e garganta, estão comprometidos. Por enquanto, minhas ervas conseguiram impedir o avanço para outros pontos.

– O que será que os Nagas fizeram a ela? – pensou Arjuna em voz alta, coçando a cabeça.

– Nagas?

– Ops...

– O que eles têm a ver com isso? Aliás, não acha que está na hora de me explicar o que está acontecendo?

– Bem... É uma história meio embaraçosa... – disse ele, desviando o olhar.

– Tanto melhor! – respondeu Camil, rindo e aliviando a tensão do momento. – Vamos para a perfumaria; preciso arrumar o salão para os fregueses e, enquanto faço isso, você me conta tudo.

Muitos Devas sentiam falta de suas raízes Alayas; os ascendidos mais recentes, em especial, estranhavam a perda de alguns prazeres, como o de comer. Mesmo que o paladar fosse um sentido perdido para eles, o olfato permanecia. Isso era o que tornava as perfumarias tão populares entre os Devas. Permitia que relembassem prazeres perdidos.

O Salão dos Aromas equivalia a uma taverna, na qual as essências eram oferecidas no lugar de bebidas. A vantagem era que os clientes não saíam embriagados. No entanto, assim como nas tavernas, às vezes era preciso apartar discussões acaloradas, já que nesses lugares, Devas de diferentes guildas discutiam os mais variados assuntos.

A aconchegante tenda decorada com tapeçarias que constituíam o salão tinha em seu centro uma grande estante com centenas de potes, de todos os tamanhos, contendo perfumes a base de sândalo, almíscar e cânfora. Resinas vegetais de todos os tipos eram misturadas com mel em bastões, para que exalassem suas fragrâncias quando queimadas. Os visitantes sentavam em almofadas no chão, reunidos ao redor de mesas baixas equipadas com incensórios.

Arjuna ajudou Camil a recolher as cinzas dos incensórios usados na noite anterior e contou suas desventuras: o “acidente” no templo dos Nagas, o roubo da joia e a fuga de Draupadi, o incêndio no vilarejo, seu vergonhoso retorno a Indraprashta e a famosa reunião de todas as guildas para saber o que fazer com ele, o causador de um incidente diplomático entre Pandavas e Nagas.

– No fim, o que o Conselho decidiu? – perguntou Camil.

– Os Animatas colocaram a cabeça de Draupadi a prêmio em todos os reinos Devas, mas para ser entregue aos Nagas. Eles concluíram que as cobras foram as mais prejudicadas nessa história toda.

– Rá! – disse Camil, com expressão indignada. – Só mesmo os Animatas, os “simpatizantes das pedras”, para considerar o roubo de uma joia mais importante que a investigação de um assassinato! Ainda por cima quando se trata de Bhima, um príncipe!

O comentário fez Arjuna sorrir, pensando que era bom ter alguém que o compreendesse. Amiga de Bhima muito antes de conhecer Arjuna, Camil

acompanhava com interesse o desenrolar da caçada à Draupadi.

– Yudistira me proibiu de continuar a perseguição. Disse que o melhor a fazer era reavaliar a situação. Não enlamear ainda mais o nome dos Pandavas perante o Conselho. Bem... Enquanto meus irmãos “avaliam a situação”, eu cuido de terminar o que comecei – disse Arjuna.

– É melhor você se preparar para as consequências, meu amigo. O Conselho vai querer puni-lo por fazer pouco caso das decisões dele. Mas por que você está se dando ao trabalho de capturar Draupadi? Deixe os Nagas terminarem o serviço, o resultado será o mesmo. Eles costumam executar seus criminosos por muito menos do que Draupadi fez.

– É uma questão de justiça. Todos têm direito a um julgamento – disse ele, desviando o olhar.

– Sei... – disse Camil. Sabia que o amigo tinha motivos mais pessoais que aquele. – Fico curiosa em saber o que Draupadi tem em mente. Primeiro, o escândalo que foi a acusação de traição à guilda dos Ignis, depois o assassinato do próprio discípulo, incumbido de capturá-la após sua fuga vergonhosa. Agora uma ladra roubando os Nagas... O que será que ela pretende fazer com essa joia?

– Eles vieram com uma história de que a joia tinha a ver com um templo chamado Samsara, o último santuário de magos desvirtuados... Que Draupadi era a agente de uma tal Profecia de Samsara...

– O QUÊ?! – O grito de Camil quase fez Arjuna derrubar um frasco de perfume que estava limpando.

– Hein? O quê?

– Você se esqueceu de me contar esse detalhe?! Já me revira o estômago salvar a assassina de Bhima... Mas salvar o arauto do fim do mundo?!

– Camil! Calma! – disse o Ignis, surpreso com a reação da amiga. Já a tinha visto irritada muitas vezes, mas não como agora.

– Essa mulher está envolvida em assuntos perigosos, Arjuna! Se eu fosse você, cuidaria de levá-la para Indraprashta o mais rápido possível. E que os seus grandes sacerdotes arranquem da mente dela tudo o que ela sabe sobre a Profecia de Samsara!

– Qual o problema com essa Profecia, afinal? Os Nagas e os Animatas ficaram perturbados com a menção dela.

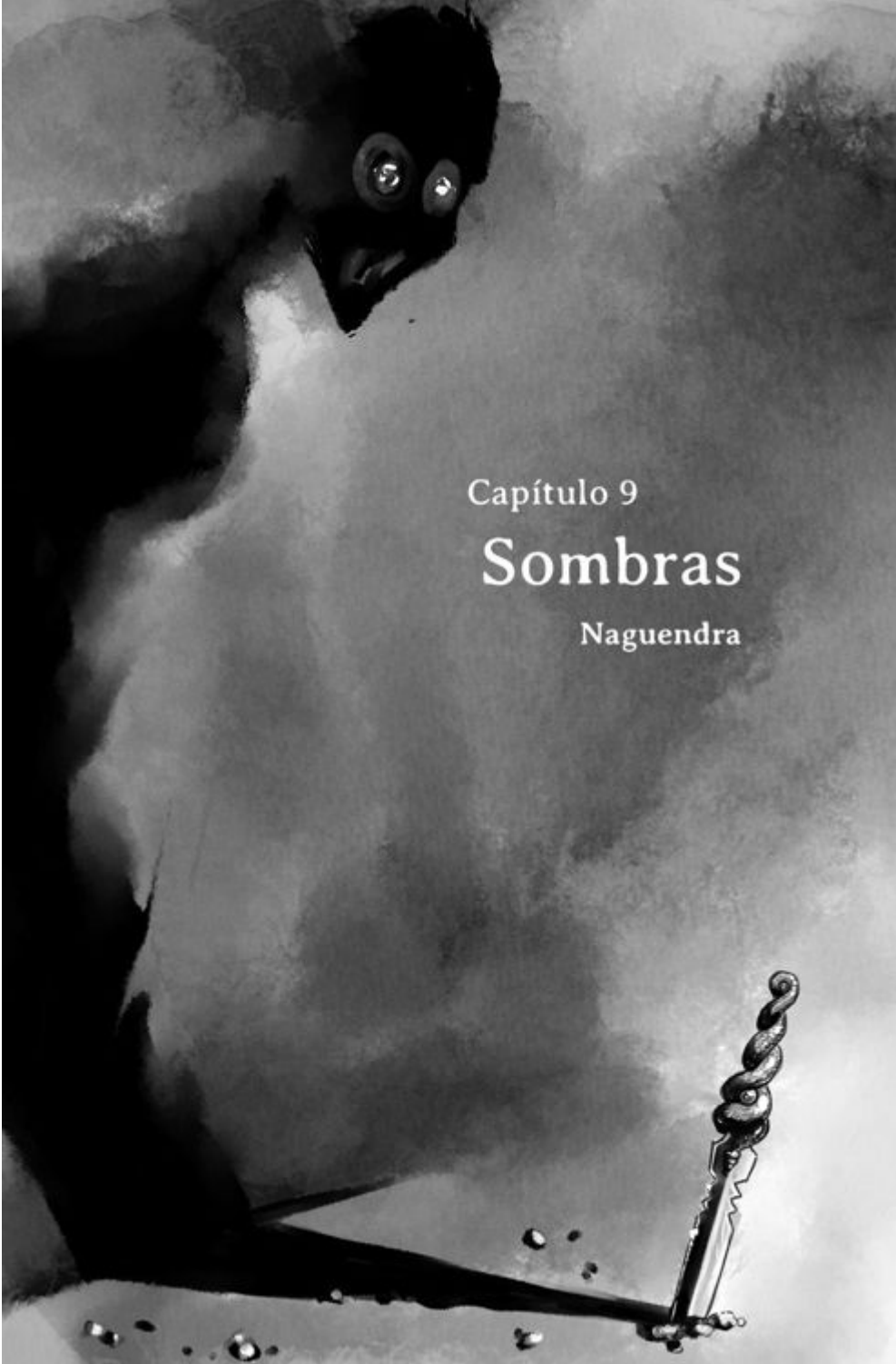
– Por Maan, Arjuna! A Profecia de Samsara é mais antiga do que o próprio Conselho dos Devas! Por acaso você mora em uma caverna para não saber disso?

– Bem, não faz muito tempo que eu me converti em Deva... – justificou-se ele.

– Vocês, Pandavas, não passam de crianças. Não é à toa que as outras guildas não levam os Ignis a sério. Tão jovens e querendo interferir no rumo dos acontecimentos... Nós, Gaias, somos de um tempo em que existiam outros tipos de magia.

– E que outro tipo de magia é essa que todos têm receio de conversar a respeito?

– Venha comigo. Quero prender Draupadi em um lugar mais seguro até o Portal para Indraprashta se abrir. Enquanto isso, eu ensino a você um pouco de história antiga.



Capítulo 9

Sombras

Naguendra

– **F**oi tolice, querida Ulupi, não tê-la alimentado com as orelhas daquele principzinho enquanto ele era nosso prisioneiro – resmungou Naguendra, acariciando a enorme cobra a seus pés.

– Por favor, Regente, tente não se exaltar – pediu a Naguini curandeira, que costurava pontos no profundo corte no rosto do Naga. Fazia o que podia com a fraca luz de vela que iluminava o interior da tenda. Mesmo que os Devas se regenerassem mais depressa que os Alayas, o corte havia chegado ao osso.

– Regente...! – uma Naguini entrou de cabeça baixa, evitando encará-lo. O Naga e sua serpente sibilaram irritados em unísono.

– O que deseja, soldada?! Não vê que está me importunando?!

– Perdão, Regente! – A Naguini permaneceu na entrada. Ou era corajosa ou estava imobilizada pelo medo. – Achei que gostaria de saber... Trouxemos o Alaya, como o senhor pediu.

– Oh! – exclamou, com sua expressão mudando de ódio para deleite. – Por que não disse isso antes?! Traga-o aqui! E deixem-me a sós com ele! – disse Naguendra, dispensando a todas.

Um jovem Alaya cheio de arranhões e hematomas foi empurrado para dentro, confuso com o tratamento rude.

– Perdoe-me, criança, minhas subordinadas não sabem tratar um convidado... Imagino que todos outros Devas o tratem com todo o respeito... Que terrível para a imagem dos Nagas! – O garoto tremia, seu olhar estava fixo no Naga. A pele de cobra descamava ao redor do ferimento, em um aspecto amarelado pútrido, deixando sua aparência grotesca. Naguendra rodeou-o, examinando-o com cuidado e, com seus dedos gelados, tocou no

chakra da testa dele, o “terceiro olho” do Alaya. O Portal que se manifestou era minúsculo, tão estreito que quase nada da luz de Maan irradiava dali.

– P-perdoe-me, Divindade... Não sou nem um aprendiz ainda... Se... Se os deuses precisam de magia, tenho certeza de que outros em meu vilarejo aceitarão a honra...

– Não, não, meu caro, você será mais do que suficiente! E Alayas mais experientes apenas atrapalhariam...

– Atrap... Não entendo... Precisa... de meus serviços?

– Não exatamente – sussurrou Naguendra, malicioso.

O punhal perfurou o coração do jovem em um movimento gracioso, sua lâmina colocada caprichosamente entre as costelas. Não foi sequer necessário calá-lo; apenas engasgava, tingindo de sangue a mão do Naga. Sangue de um Alaya jovem, ainda não exposto à luz de Maan. Alguns espasmos e tudo se acabou.

Naguendra olhou o garoto, tão frágil, com um misto de piedade e desprezo. O Naga lembrou-se de seus primeiros rituais de sacrifícios, verdadeiras sessões de tortura. Porém, a prática levava à perfeição e o sangue quente do Alaya escorreu do cabo do punhal para um recipiente, como se fosse vinho servido em uma taça.

Naguendra chutou para longe o cadáver e ficou de frente para a parede de lona da tenda. Ulupi, sem precisar de ordens, pegou em sua boca o lampião que iluminava o local e o colocou atrás do mestre, para projetar a sombra do Naga sobre o tecido.

Palavras de um mantra que não podia ser escrito foram entoadas por Naguendra. Suas sílabas malditas queimaram-lhe a língua, mas a dor era estimulante. Era bom ter os sentidos físicos, maravilhas sempre negligenciadas pelos seus pares Devas, tolos obcecados pelo intelecto. O tremeluzir da chama do lampião fez os contornos da silhueta na parede dançarem. Naguendra respingou o sangue do sacrificado na sombra projetada, e as gotículas espessas correram em direção às suas bordas como se tivessem vontade própria.

– Aaaaaah... – A sombra destacou-se do tecido, como se lutasse contra uma barreira invisível. Olhos vermelhos e brilhantes sem órbitas abriram-se

para fitar Naguendra, dirigindo-se a ele com uma voz que lembrava o zunido do vento.

– Naga... Seu chamado... Não o esperava... Tão cedo...

– Lorde Raveni. Houve um imprevisto... – disse Naguendra, evitando encarar a criatura.

– A... garota! Capturou... a garota?

– Não. E Draupadi também escapou. Um intrometido Ignis roubou-me as duas.

– Como...?! – a sombra avançou para Naguendra, que recuou como por reflexo. – Naga incompetente! Começo a... questionar... sua utilidade... para o plano!

– Não esqueça que se não fosse por mim, o Cálice nem sequer estaria com a joia! – Naguendra sentiu a raiva esquentar até mesmo seu sangue de réptil.

– A joia?! Importante... Mas inútil sem a garota!

– Eles fugiram pelo Portal do Passo Sela e estão em Dwaraka. Sei que o Portal para Indraprashta levará alguns dias para abrir. Podemos emboscá-los, se nos ajudar a chegar antes deles partirem.

Um longo silêncio pairou sobre eles, enquanto a criatura de sombra parecia pesar suas alternativas.

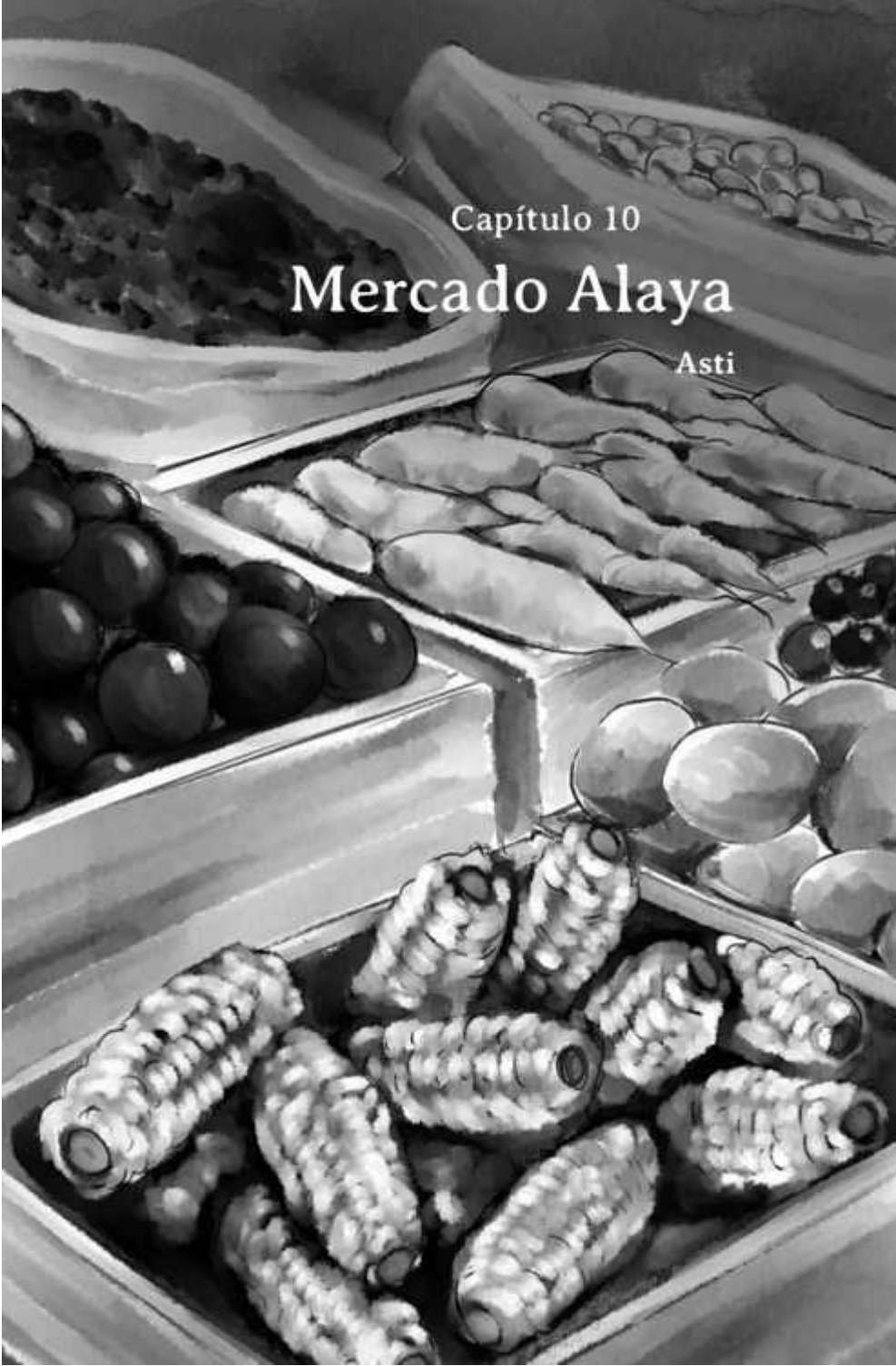
– E a Mariposa? Dará fim à Mariposa?

– Eu a envenenei. Logo não protegerá mais o Cálice. Quanto ao príncipe intrometido... Ulupi nunca saboreou carne Deva, mas sempre há uma primeira vez.

– Abrirei... o Portal... Naga... aguarde... meu sinal... – disse a aparição por fim.

A sombra pouco a pouco voltou a ser uma simples mancha escura na parede da tenda. O corte no rosto do Regente não parecia tão terrível agora se comparado com as queimaduras que tinha dentro da boca. Com certeza, magias Varnis não foram feitas para serem entoadas por Devas. Entretanto, se tudo ocorresse como o planejado, logo ele deixaria de ser um amante de elementais para se tornar algo superior.

Naguendra se levantou, esbarrando no corpo a seus pés. A um gesto do Naga, Ulupi enrolou-se nele. Ouvia-se uma melodia de ossos estalando e carne sendo dilacerada, no momento em que a grande cobra consumia o cadáver. Era o que o Regente precisava para relaxar, enquanto aguardava os acontecimentos tomarem seu rumo.



Capítulo 10

Mercado Alaya

Asti

– **É** sempre assim? – perguntou Asti, enquanto as duas garotas iam para o centro da cidade pelo Caminho Dourado. – Enevoadado?

– Sim, sim! Quase sempre! Depois de um tempo você se acostuma, nem percebe mais. Só nos dias de festivais, os Apas dissipam a névoa para a cidade ficar mais atraente aos visitantes.

– Não seria melhor deixarem a cidade livre disso?

– Bom, para nós, que não somos Apas, seria melhor, mas dizem que a névoa é como uma “informante” deles. Que, onde há névoa, os Apas sabem o que está acontecendo.

Asti sentiu um arrepio ao se imaginar vigiada por milhares de olhos invisíveis.

– Cada ilhota de Dwaraka é um bairro de uma guilda diferente. Claro que, como a cidade é dos Apas, os melhores lugares são os deles... – explicou Lis, quando chegaram a uma praça elevada, uma de muitas ao longo do Caminho Dourado. – Está vendo aquela ilha ao longe? É o bairro dos Animatas! Se quiser uma faca de fio infinito, é lá que vai achar! E ali... é o bairro dos Ignis, mas as lojas são de uma oficina que não a de Arjuna, então acho que ele não gosta muito de lá.

– E para onde estamos indo?

– Para o melhor lugar de todos! O mercado Alaya!

Asti percebia que o Caminho Dourado era uma rede de várias ruas suspensas acima da névoa que encobria a cidade. Charmosas praças, também elevadas, eram o encontro dessas passarelas e delas partiam degraus de pedra que as conectavam às ruas abaixo. As duas meninas desceram por uma longa escadaria, ao lado de um grupo de pessoas com magníficas tatuagens e pele

bronzeadas, cabelos presos, e que vestiam túnicas sem mangas. Fascinada com os brincos gigantes e todos os tipos de adornos de jade que usavam, Asti as observava de um jeito tão indiscreto que elas começaram a cochichar entre si, em um dialeto que ela não conhecia. Um deles guinchou para a garota, rindo alto do susto dela. Lis interveio, fazendo-lhes uma careta e puxando Asti pelo braço.

– Aqueles são os Alayas Atlantes! – explicou Lis. – Vêm de um grande reino Animata no outro lado do mundo! Dizem que sua capital, Atlântida, afundou no oceano tempos atrás, mas muitas cidades deles sobreviveram. As esculturas e construções atlantes são famosas, feitas com pedras pesadíssimas! Em um lugar chamado Egito, por exemplo, eles construíram usinas de energia em forma de pirâmides e uma grande biblioteca de pergaminhos Devas, debaixo de uma estátua com rosto de homem e corpo de leão!

– Mas o que eles fazem aqui, vindos de tão longe?

– A Torre dos Portais liga vários lugares, por isso há Alayas de todos os cantos aqui em Dwaraka. Então, não estranhe!

Conforme chegavam ao mercado, Asti percebeu que Lis não teria sido mais verdadeira em sua afirmação.

– Todos são discípulos escolhidos e trazidos pelos seus mestres Devas! É um verdadeiro privilégio vir para uma das Cidades Divinas. E eu sou ainda mais privilegiada por morar em uma delas! – continuou Lis, orgulhosa de si.

Havia tipos familiares a Asti, como os nômades que havia visto pelo deserto de Gobi; outros que ela só tinha ouvido falar nas histórias que Draupadi lhe contava da longínqua terra da China: pessoas de olhos amendoados, que vestiam roupas de seda. As duas seguiram por largas avenidas ladeadas por quitandas, armazéns, estábulos, lojas de roupas e casas de comida. Estas últimas eram o que interessavam aos seus estômagos revirados de fome, mas conseguir um lugar era um jogo que envolvia estratégia e empurrões.

– Você vai adorar a comida daqui! – Lis apontou para uma casa com pátio, coberto por uma tenda de lona. Debaixo dela, vários tapetes eram disputados por fregueses que se sentavam para comer. – É o jeito que as coisas funcionam aqui! Muita gente querendo tudo ao mesmo tempo!

Lis acenou para a dona do estabelecimento, uma velhinha sorridente que as cumprimentou em um idioma, para variar, estranho à Asti. A senhora foi para a cozinha e voltou com duas guirlandas feitas de flocos brancos, colocando-as nos pescoços das garotas.

– O que é isso? – perguntou Asti, examinando um dos flocos, surpresa quando Lis colocou uma grande quantidade deles na boca. – Isso... é de comer?!

– Sim! É muito bom! – respondeu a garota, já terminando de devorar seu “colar”.

– Hum... – Receosa, Asti pôs um deles na boca e arregalou os olhos. Era delicioso! Tinha um sabor levemente adocicado e uma consistência aerada, quase derretia na boca. – O que é isso?! – perguntou de novo, muito mais empolgada.

– Hahaha! É um grão chamado choclo. Já entrei na cozinha para ver como eles fazem! Pegam os grãos e os colocam dentro de uma panela que vai ao fogo. O grão estoura e vira isso!

A velhinha trouxe vários pratos cheios de legumes, frutas e porções de carne seca. Lis explicava o que havia em cada um, já que tudo era novo para Asti. Batatas, avocados, tomates, papaias... Quando Asti viu o choclo cozido com manteiga, um vegetal com grãos amarelos enfileirados como dentes, pensou que não tinha visto algo de aparência mais estranha para comer. As duas devoraram a comida até se sentirem mais que satisfeitas, e Lis arrastou Asti com ela. Era preciso dar lugar aos fregueses que se amontoavam do lado de fora. Embora preferisse deitar ali mesmo e dormir, uma caminhada não era má ideia. A alguns quarteirões dali, elas se viram em meio a um pequeno tumulto. Alayas conversavam excitados e logo elas entenderam o motivo. Uma delegação de Devas andava pela avenida principal do Mercado.

– De vez em quando, os próprios mestres Devas trazem seus novos discípulos, para que eles se acostumem ao ambiente mágico! – cochichou Lis, enquanto os Alayas à frente das garotas abriam caminho e se prostravam. Mesmo Lis, que tratava Camil com bastante liberdade, tornava-se mais formal em meio a outros Devas. Então, ela se ajoelhou, seguindo o exemplo daqueles que estavam à sua frente. Asti a imitou.

– Que estranho... Que tipo de Deva é aquele, que veste casacos de penas?
– comentou Asti em voz baixa, apontando com discrição para os Devas alados à frente da comitiva. A garota reparou que deixavam os pés à mostra, iguais aos de aves.

– Eles não estão vestidos com casacos de penas; eles têm penas. São os Garuda, deuses-pássaros, inimigos jurados dos Nagas, apesar de os dois grupos pertencerem à guilda dos Gaias... – respondeu Lis, erguendo os olhos para apreciar a procissão.

– Shhh! – um jovem atrás das garotas pediu silêncio. Lis devolveu-lhe uma careta, mas calou-se.

Asti sentiu o chão tremer aos passos de um grupo de estátuas de rocha gigantescas. Devas acomodavam-se em nichos escavados nos peitos dos construtos.

– Animatas... – sussurrou Lis, que não conseguia ficar quieta por mais de um minuto.

“E é claro”, pensou Asti, “havia a guilda de sua mãe, a guilda dos Ignis”.

A procissão se dirigiu a um templo próximo, uma verdadeira colcha de retalhos de estilos arquitetônicos, como se tivesse sido feito por arquitetos empenhados em construir um sobre o trabalho do outro. Cada face do prédio de planta octogonal era completamente diferente da outra, refletindo estilos monumentais de todos os continentes. Pouco a pouco, os Alayas se dispersaram, mas Lis segurou Asti pelo braço com fâscas nos olhos, seguindo os Devas até o templo.

– Aposto que hoje é dia de prova de invocação de elementais! Vamos lá ver?! – exclamou empolgada.

– Prova? Aquele prédio é um tipo de escola?! – perguntou Asti, sem fôlego.

– Sim! A famosa Academia de Dwaraka!

As duas entraram no templo por um acesso lateral, apropriado para Alayas. Lis evitou olhar os que circulavam pelo local para não chamar a atenção. Todos eram discípulos avançados, quase prontos para convocar seus elementais e serem iniciados como Devas. Não era o caso das duas jovens inexperientes. Poços profundos espalhavam-se pelo amplo interior de puro

mármore, como teatros gregos, com um palco circular na parte inferior e uma arquibancada bem íngreme em volta.

– São os círculos de treinamento! São fundos assim porque, bem... algo sempre pode dar errado em uma aula! – explicou Lis, sentando-se em um degrau da arquibancada.

Havia, sim, uma prova em andamento no palco, e Asti, curiosa, sentou-se ao lado da ruiva. Um Alaya ofegante jazia no chão, enquanto outro Deva, o instrutor, levantava-o e o fazia retomar a postura de meditação.

– Como você pretende se tornar um Gandarva desse jeito? – esbravejou o instrutor.

– Perdão, mestre... eu... senti o vento do outro lado do meu Portal... correntes de ar se juntando em redemoinhos vivos, manifestando música! Quase enxerguei meu elemental! Entretanto, quando ordenei que se manifestasse, ele me respondeu com um trovão que me fez perder a concentração...

– Ordenar? Já começou errado! Elementais não são seres para ser controlados! É isso o que você acha que é um Deva? Um domador de elementais? Pretende fazer parte de algum circo?

– N-n-não! Perdoe-me! O Deva suspirou, sentindo que devia voltar ao básico.

– Do outro lado do seu Portal, existe outro plano de existência. “Maan”, também conhecido por outros nomes: “Ka”, “Mana”, “Magia”... A terra natal dos elementais. Pretendentes a Gandarvas, músicos celestiais, enxergam Maan como o mundo dos ventos melodiosos. Mas... é isso o que você vê em Maan, menina? – o Deva apontou para Lis, que não esperava a súbita pergunta.

– N-não! Eu vejo uma selva esplendorosa, habitada por árvores enormes que se movem seguindo o sol! Elas conversam entre si na linguagem das flores! – respondeu Lis, com invejável descaramento. Confessou para Asti que ouviu essa descrição de Camil, que certa vez lhe contou as próprias experiências de quando ela era uma Alaya.

– Muito bem! E você? – o Deva apontou para outro estudante, ouvindo dele uma descrição diferente. – Todos estão certos! Maan é um lugar onde tudo é possível existir. Lá, algo pode ser quente e frio, pequeno e grande,

sólido e imaterial, tudo ao mesmo tempo. Os elementais, habitantes daquele plano, não têm forma definida. Só ganham forma quando se comunicam com nosso mundo, limitado pelas leis naturais. E então cada um de vocês, Alayas, torna-se uma espécie de “filtro de realidade” para eles.

– Vocês são guias e não domadores! – continuou o instrutor. – Quando se unirem ao seu elemental, serão mais que Alayas ou elementais separados: serão Devas! Um ser com uma só vontade! E agora... – disse, virando-se para o aluno. – Novamente, tente enxergar seu elemental... Transmita a ele suas sensações: o vento arrepiando sua pele, o zunido dele sobre as folhas das árvores... Dê-lhe a experiência da música, da ordem e da harmonia dos tons. Faça com que veja nosso mundo por seus olhos... e permita que molde sua existência seguindo seus conceitos.

O Alaya fechou os olhos, inspirado pelos ensinamentos. Respirou pausadamente por alguns minutos e seu Portal se abriu. O brilho de Maan invadiu o palco e lufadas de vento emanaram da fresta que levava à dimensão mágica. Não era possível enxergar um elemental que não tivesse feito a travessia do Portal para o mundo real, mas o belo canto de zunidos de vento emitido pela entidade mágica foi suficiente para embevecer todos os presentes. Os estudantes se levantaram e aplaudiram o pretendente a Gandarva.

– Em seu tempo você guiará seu elemental para a travessia – disse o instrutor, satisfeito. – No momento em que ele passar a existir em nosso mundo, você poderá enxergar sua forma.

As duas garotas deixaram o templo, Lis mal conseguindo conter sua ansiedade. Queria logo contar a Camil que havia respondido a uma pergunta de um instrutor da Academia.

– Falta muito para eu conseguir entrar na Academia... Eu nem sei manifestar um Portal decente sozinha... – disse Lis, olhando para o alto, tomada de súbito desânimo. – A maioria só manifesta portais simples para alimentar um Deva; não são muitos que chegam a invocar um elemental.

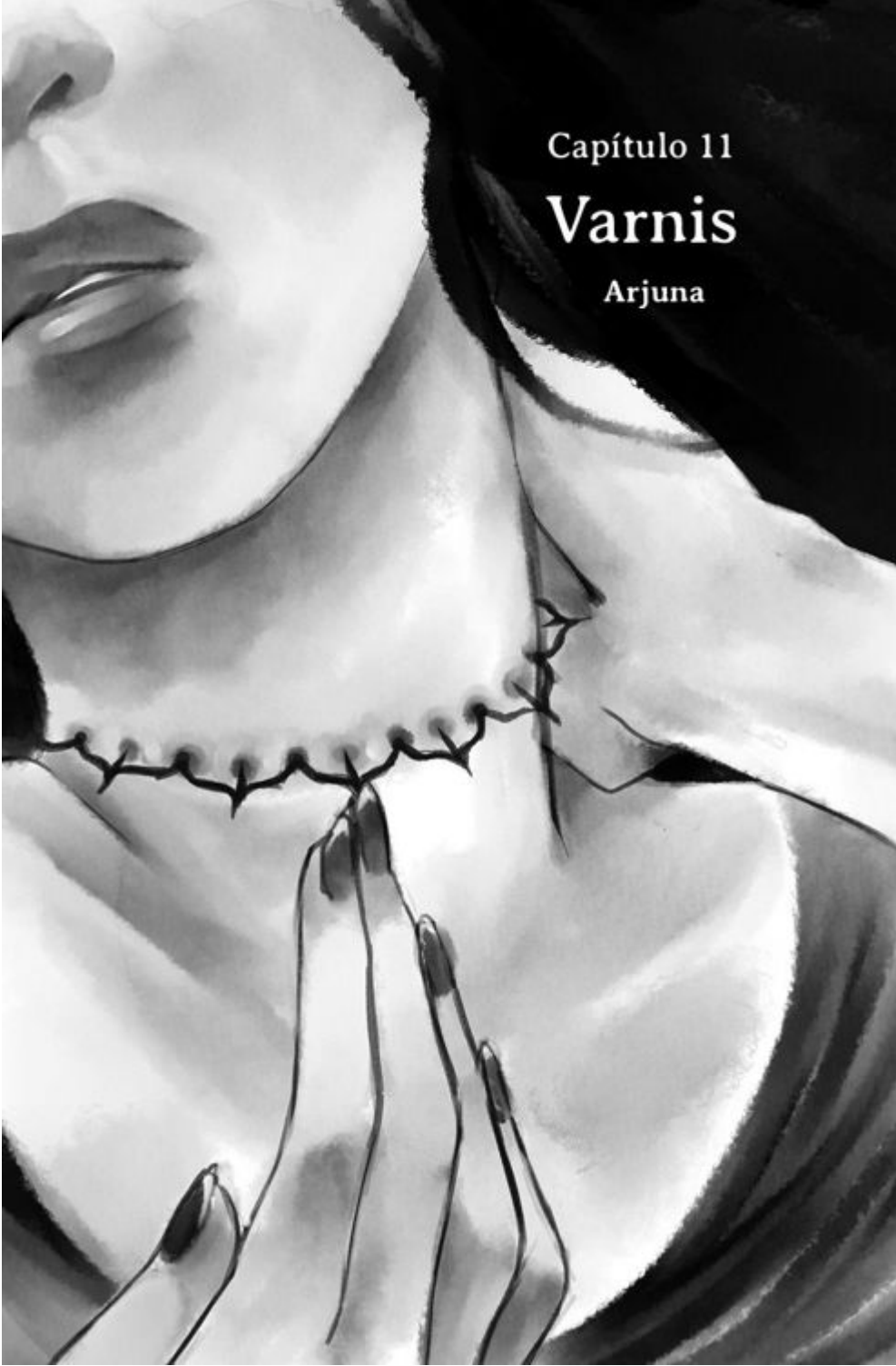
– Eu nem manifestei um Portal ainda... – respondeu Asti, não muito interessada no assunto. Nunca tinha parado para pensar no laço de mestre e

discípulo entre um Deva e um Alaya. – Por que você quer tanto ser uma Deva?

A pergunta deixou Lis perplexa.

– Você é engraçada! Por que alguém não ia querer ser Deva? A maioria dos Alayas será só uma fonte de magia para os mestres... Isso não é de todo mal, porque sempre vão querer você perto deles. Você conhece lugares diferentes, participa da vida deles... Mas se tornar um Deva constitui uma grande honra: poderá estudar magia, criar seus próprios mantras, melhorar a vida de todo mundo...

A explicação surpreendeu Asti. Ela não esperava que Lis tivesse um lado maduro por trás de seu jeito simples. Ela tinha um objetivo e um sonho para sua vida, muito mais que Asti poderia esperar para seu próprio futuro.



Capítulo 11

Varnis

Arjuna

Camil sentou-se e começou a conversar com Arjuna.

– Se você não fosse o irmão de Bhima, eu nem cogitaria contar-lhe sobre os Varnis. A história deles faz parte do folclore da minha guilda e é tabu comentar sobre eles até entre nós. Tudo por causa da Profecia de Samsara, lendas a respeito do fim da Era dos Elementais – disse Camil.

– O fim da Era dos Elementais... Alguns sacerdotes do Conselho falaram nisso. E que os “magos desvirtuados reinarão das sombras”. – Arjuna franziu o cenho. – Em que sentido esses magos são “desvirtuados”?

– Para responder a essa pergunta, recorreremos às lendas, pois os eventos que levaram ao surgimento dos magos Varnis são antigos como o tempo. O fato é que a magia como as guildas conhecem não existiu desde sempre neste mundo. Ela foi trazida pelo rei dos elementais, o deus chamado Hollow Deva.

– Isso não é segredo – retrucou Arjuna. – Aprendi isso na Academia até. Hollow Deva forjou uma aliança com os Alayas, dando-lhes o dom da terceira visão. Os elementais, que a princípio não tinham forma no mundo de Maan, podiam ganhar existência em nosso mundo, manifestando-se por intermédio de um Alaya.

– Muito bem. Agora, você sabia que antes da chegada de Hollow Deva, já existia uma forma de magia por aqui? Não era tão vistosa quanto a magia baseada nos elementais, mas nem por isso menos poderosa. Os Varnis extraíam o poder da própria vida dos Alayas, poder que pulsava no sangue deles, para fazer funcionar suas disciplinas mágicas.

– Como assim? Eles... – perguntou, desconfiando que a resposta seria abominável.

– Os Varnis realizavam rituais de sacrifício. Alimentavam-se do sangue para ganhar controle sobre seus próprios corpos. Com suas magias proibidas ganhavam força e sentidos sobrenaturais. Podiam controlar as sombras, curar doenças, torturar ou dominar pessoas pelo controle do sangue. Transmutar-se em animais apavorantes.

– Não estou insinuando nada, Camil, mas alguns desses poderes não se assemelham a algumas técnicas de vocês, Gaias? Em especial, os relacionados à transmutação dos corpos, como fazem os Nagas e outros naturalistas, que se misturam aos animais-totens? – disse Arjuna.

Camil ficou desconfortável e desviou o olhar.

– Sim, e é por isso que o assunto dos Varnis é um tabu entre nós, Gaias. É óbvio que não nos alimentamos de sangue, mas alguns poderes Varnis são realmente parecidos com os nossos. Os Animatas adoram insinuar que os Varnis se originaram como uma facção de desvirtuados Gaias, que passaram a adorar um novo deus mágico na aurora de nossa raça.

– Um novo deus?

– Hollow Varni. A contraparte de Hollow Deva neste mundo, ambos destinados a lutar um contra o outro pelo domínio deste plano de existência. É um deus envolto em mistério. Nem mesmo as lendas dizem muito a seu respeito. É tratado mais como se fosse uma força da natureza, uma espécie de animal-totem.

– Então houve a tal guerra entre os Varnis e os Devas, não é? No Conselho, disseram que os Varnis foram derrotados e todos os templos, destruídos. Com exceção de um, o Templo de Samsara – disse Arjuna.

– Sim... O templo na margem do rio do Sofrimento Infinito.

– Argh... Parece que tem um elefante sentado sobre minha cabeça... – gemeu Draupadi ao acordar em sua cela improvisada. Não havia janelas ou mobília, exceto uma esteira de palha que lhe servia de cama e um lampião que proporcionava uma débil iluminação. A Ignis esforçou-se para se levantar, apoiando-se nas paredes de rocha da sua prisão.

– Asti? – perguntou ela com a voz rouca, sentindo a garganta latejar.

– Enfim, acordou. – disse uma voz proveniente de um dos cantos do cubículo.

– Quem? – Draupadi instintivamente invocou Dawon, que emanou de seu corpo, pronta para atacar o oponente com suas garras luminosas. A elemental rugiu furiosa e Arjuna recuou instintivamente. Dawon nem chegou a dar dois passos, quando uma corda etérea surgiu em seu pescoço, prendendo-a ao pescoço de Draupadi. A escultora de luz levou as mãos à cabeça, acometida por uma vertigem tão forte que caiu no chão. Dawon, impossibilitada de avançar, encarou Arjuna com uma expressão ameaçadora e acabou retornando ao corpo da Deva.

– Oh, perdoe-me! – disse ele com voz gélida. – Você, tão impetuosa, não me deu tempo de avisar que coloquei em você uma coleira de restrição.

Arjuna observou que Draupadi tateava o pescoço por cima do ferimento vítreo encontrando uma fina gargantilha de espinhos, uma “algema para Devas”.

– Pelo visto muita coisa aconteceu enquanto eu estava inconsciente...

– Muito interessante o que esses objetos fazem – disse o jovem, com um tom de satisfação que não fazia a menor questão de disfarçar. – Se um Deva tentar usar magia usando uma dessas gargantilhas, terá sua energia sugada por ela. Você já deve ter experimentado fome de magia, não? – agachou-se à frente dela – É uma sensação bem desagradável. – sussurrou.

– Algumas vezes. – respondeu Draupadi franzindo as sobrancelhas. Frente a frente com seu captor, sentia que havia algo de familiar nele.

– A propósito, estava procurando pela joia que você roubou dos Nagas e acabei me deparando com isto – disse ele, segurando um pergaminho com o selo dos Pandavas.

– Alguém já lhe disse que é indelicado revirar os pertences alheios?

– Seria indelicado se o pergaminho pertencesse a você. Mas é um dos muitos que você roubou da biblioteca de Indraprashta.

– Quem disse que roubei? Apenas esqueci de devolvê-lo. Há alguma multa pelo atraso? – perguntou Draupadi, com cinismo.

– Infelizmente, traidora, você vazou os conhecimentos de vários dos Pergaminhos Restritos aos Gaias, então creio que será o próprio Yudistira a aplicar-lhe a “multa”. Pode ter certeza de que ela virá acrescida da conta pelo assassinato de Bhima Pandava e pelo roubo da Chave de Samsara.

Draupadi apenas o encarava, desviando o olhar em alguns momentos para estudar sua situação.

– Interessante sua leitura de cabeceira. – Arjuna continuou, brincando com o pergaminho em suas mãos. – “Tratado sobre as magias do sangue”; vejo que se interessa pelos magos Varnis. O que eles têm a ver com seus crimes?

– Varnis? Oh! Gosto de ler curiosidades. São assuntos para conversar em salões de aromas.

Arjuna começava a irritar-se com a atitude debochada da prisioneira.

– Não sei o que se passa em sua mente distorcida. Sabe que muitos conjecturam que você pode ser a agente que levará a cabo os eventos da Profecia de Samsara? Começo a achar que você acredita que tem um papel nisso tudo. Só espero que não seja considerada insana, para ser presa pelo resto da vida. Eu preferia que você fosse executada.

– Heh... Era o que faltava. Estou sendo julgada por um moleque... É como diz aquele provérbio... Como era? – Ela fez uma pose pensativa antes de citá-lo – “Quando um elefante está com problemas, até um sapo irá chutá-lo.” – Olhou desafiadora para os olhos de seu carcereiro. – A propósito, para quem você pedirá recompensa pela minha captura? Para os Pandavas? Ou para os Nagas?

– Acha que sou um mercenário?

– Foi você que me salvou dos Nagas no Portal do Passo Sela, não é? Só pode ser! Creio que reclamará a recompensa para Yudistira. Faz bem. É capaz de Naguendra descontar-lhe o prejuízo que causou ao vilarejo – respondeu ela mesma.

A mão trêmula de Arjuna instintivamente começou a apertar o arco, e quando se deu conta, esforçou-se para relaxar os músculos tensos, tentando listar motivos para não acabar com a assassina ali mesmo. Deveria deixá-la para a fúria de Yudistira. Ele sabia que era apenas um instrumento da justiça, não devia querer vingança, uma emoção inferior.

Camil, que trazia compressas limpas, abriu a porta da cela. Os poucos olhares que apreendeu de Arjuna fizeram com que entendesse a situação que se desenrolava.

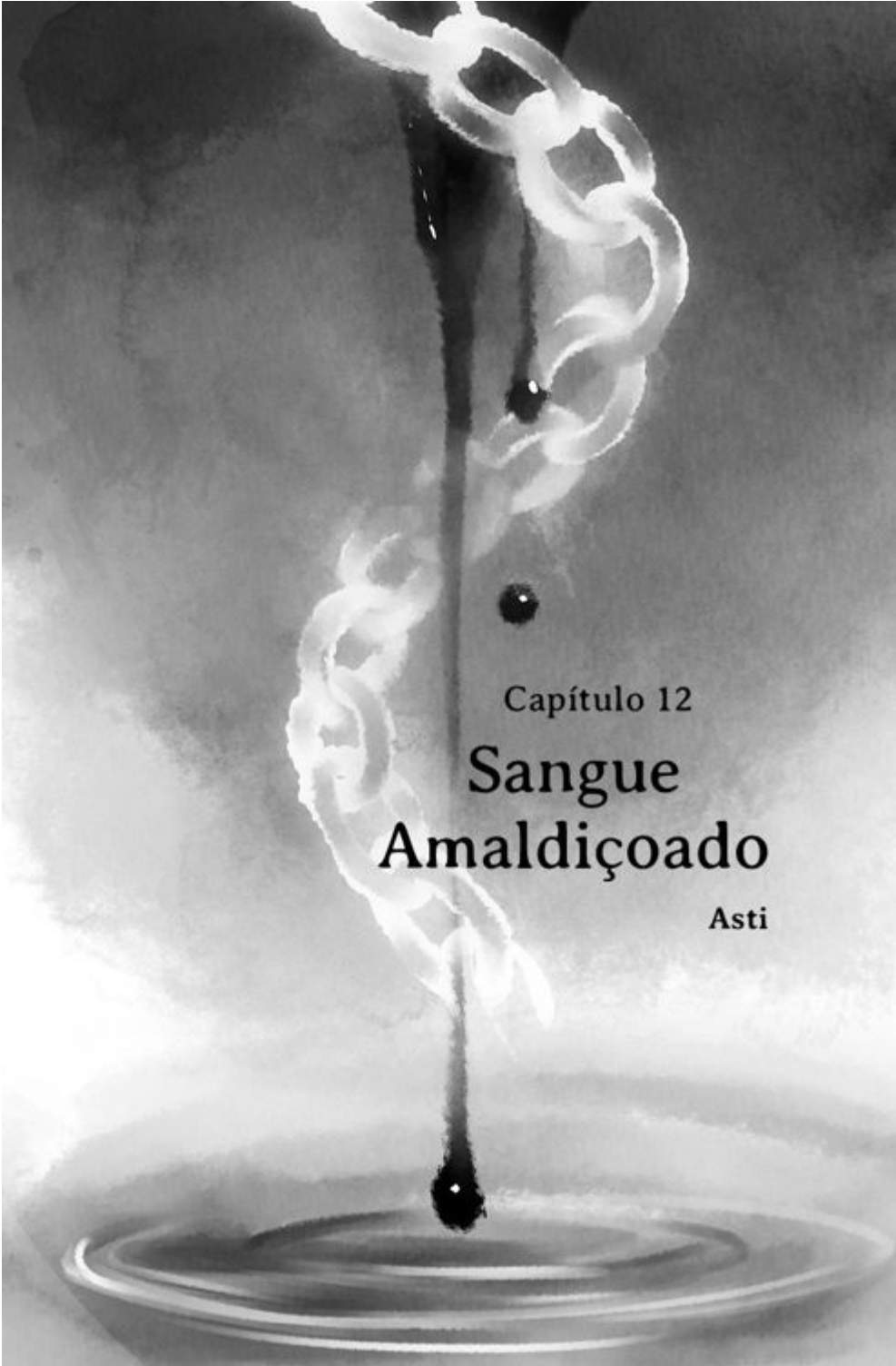
– Não se rebaixe ao nível dela – disse Camil, com tom calmo porém firme. A Herbalista se aproximou com delicadeza dele, apoiou a mão em seu ombro e o fez largar a arma. – Venha, meu amigo. Não suje suas mãos com ela.

Vendo que Arjuna se acalmava, virou-se para Draupadi.

– E vejo que você está bem disposta, simpatizante de Varnis. Não precisa mais de meus cuidados – continuou Camil, conduzindo Arjuna para fora da cela, e fechando a pesada porta logo atrás.

– Esperem! A jovem que estava comigo! Onde ela está? – perguntou Draupadi, esmurrando a madeira com o restante de suas forças.

– Não está achando tanta graça agora? Talvez devesse se preocupar com outras coisas, que não sua Alaya, por exemplo sua defesa diante do tribunal – rosnou Arjuna, mas ele duvidava haver defesa para seus crimes.



Capítulo 12

**Sangue
Amaldiçoado**

Asti

A areia era tão fina e macia que parecia ter sido feita para ser pisada com pés descalços. Sob o sol do finzinho da tarde, Lis e Asti andavam pela praia. Quando soube que esse era um dos possíveis caminhos para voltar à pousada, Asti fez sua melhor cara de súplica para a ruiva, mas nem seria preciso: Lis adorava o mar.

Asti molhou os pés nas ondas, curiosa com seu vaivém. O que fazia com que a água dali não fosse tranquila como a de um lago? E do que eram feitas as conchas coloridas encontradas na areia? Que tipo estranho de animal viveria envolto nessas carapaças? Asti teria apanhado uma água-viva se Lis não avisasse que o animal gelatinoso queimava feito urtiga. Apesar de tudo, estava feliz. Na sua vida nômade, tinha aprendido desde cedo que era preciso aproveitar os bons momentos, quando eles se apresentavam.

– Asti? – Lis se sentou de cócoras ao seu lado.

– Sim?

– É verdade que aquela Deva é sua mãe?

– É.

– E o que aconteceu para que ela ficasse daquele jeito?

– Hum... – Asti mantinha o olhar fixo em uma concha listrada que recolhia da areia. – Não posso falar sobre isso.

– Por que não?!

– Desculpe! – Asti olhou constrangida para Lis. – Ela me proibiu de falar sobre certas coisas com quem não conheço!

– Mas nós nos conhecemos! Nós somos amigas!

– Claro que não! Não faz mais de um dia que nos conhecemos! Como podemos ser amigas?

– Por que não?!

– Porque... Porque você não me conhece, oras!

– Conheço sim! – respondeu Lis, com pose de triunfo. – Nós, plantas, sabemos como as pessoas são de verdade! Vemos além das mentiras e das poses! E eu sei que você é uma pessoa boa! – Asti percebeu que Lis tinha o hábito de já se considerar Herbalista.

– Hum, você acha? Obrigada... – Asti corou e esfregou os olhos com as costas das mãos. Seria bom ter uma pessoa além de sua mãe para conversar...

– Bom, tudo bem se você não quiser me responder... Camil também fica brava quando eu falo coisas que ela me proibiu de falar.

– Eu conto tudo se ela deixar! Quem sabe ela já acordou?

As duas retomaram o caminho, chegando a um rochedo projetado no mar, que bloqueava o caminho. Lis escalava à frente, mostrando a Asti onde pisar. As ondas quebravam com força, lançando respingos de água salgada nas meninas.

– Asti! Cuidado! Vá devagar, as pedras são escorregadias aqui!

– Aaaaaiii!

O aviso não adiantou. Um passo mal calculado fez Asti perder o equilíbrio e escorregar, caindo no mar. Ela se debateu entre as ondas turbulentas, e a água salgada entrou por suas narinas, enquanto tossia expelindo o pouco ar que tinha nos pulmões.

– Asti! Agente firme! – Lis pulou na água e a trouxe para a areia. – Ei! Tudo bem? – perguntou, estapeando de leve o rosto da amiga.

– Aham... Cof... Si... Sim.

– Seu pé! Está sangrando! Espere aí! – disse Lis, preparando-se para fazer um curativo. – Deve ter se cortado nas pedras, deixe-me... aaah! – gritou horrorizada, olhando para as próprias mãos.

Elas estavam azuis, com veias tão saltadas e inchadas que pareciam uma massa pulsante de carne. A garota gritou de dor. Suas unhas estavam sendo arrancadas por dentro, pelo movimento das veias que ameaçavam deixar seu corpo pelos dedos. Asti afastou Lis com um empurrão e cobriu o corte com as duas mãos.

“Poder radiante, destrua meus pecados!” Asti recitou com fervor o mantra em pensamento. O sangue amaldiçoado tinha de ser estancado. Então algo se mexeu em sua perna. A corrente-tatuagem em sua pele movimentou-se como um ser vivo, com seus elos emanando chamas estilizadas. Envolveu o ferimento, brilhando com intensidade e, em instantes, o que restava do corte era uma mancha cauterizada, sem sinal de sangue. Lis presenciou tudo sem saber o que pensar. Demorou a perceber que suas mãos voltaram ao normal, apesar de as unhas ainda estarem arroxeadas.

– O que foi isso?! Que... que tipo de magia é essa?! – perguntou, tremendo e esfregando suas mãos compulsivamente.

– Não... Eu... – Asti também tremia. – Eu não posso responder! Pare de me perguntar!

Lis calou-se e afastou-se de Asti. As duas nem se deram conta de ter retomado o caminho da pousada. A ruiva mantinha distância.

– Lis! Aí está você! – Camil procurava as duas.

Lis correu em direção à mestra, abraçando sua cintura com força.

– Lis...? O que você fez, Alaya? – Camil encarou Asti com a frieza de uma deusa ofendida. Teve como única resposta o olhar assustado da menina.

– Eu... – Asti não sabia o que dizer.

– Não, Camil! Não foi nada. Nós só... brigamos um pouco... – disse Lis, com a voz abafada pelo avental da Herbalista.

Não faltava muito para chegarem à pousada, mas o silêncio que pesava fazia o caminho parecer maior. Asti acompanhava as duas de longe, percebendo que sua presença não era nada além de um estorvo. Pior que isso... Se Camil soubesse do perigo que ela representava...

Asti já estava acostumada a viver longe das pessoas. Sabia que não podia nutrir muitas esperanças em relação às amigas. No fundo, sabia que viveria para sempre sozinha. Só Draupadi compreendia seus problemas.

Chegando à pousada, Camil dirigiu-se a uma discreta escada-caracol, que ligava a construção à praia. Seus primeiros degraus, submersos todo dia pela maré alta, eram cobertos por algas. Com um gesto discreto, Camil mandou Lis subir primeiro e ir para seu quarto, enquanto ela e Asti subiam em seguida e dirigiam-se à despensa, que servia como prisão improvisada.

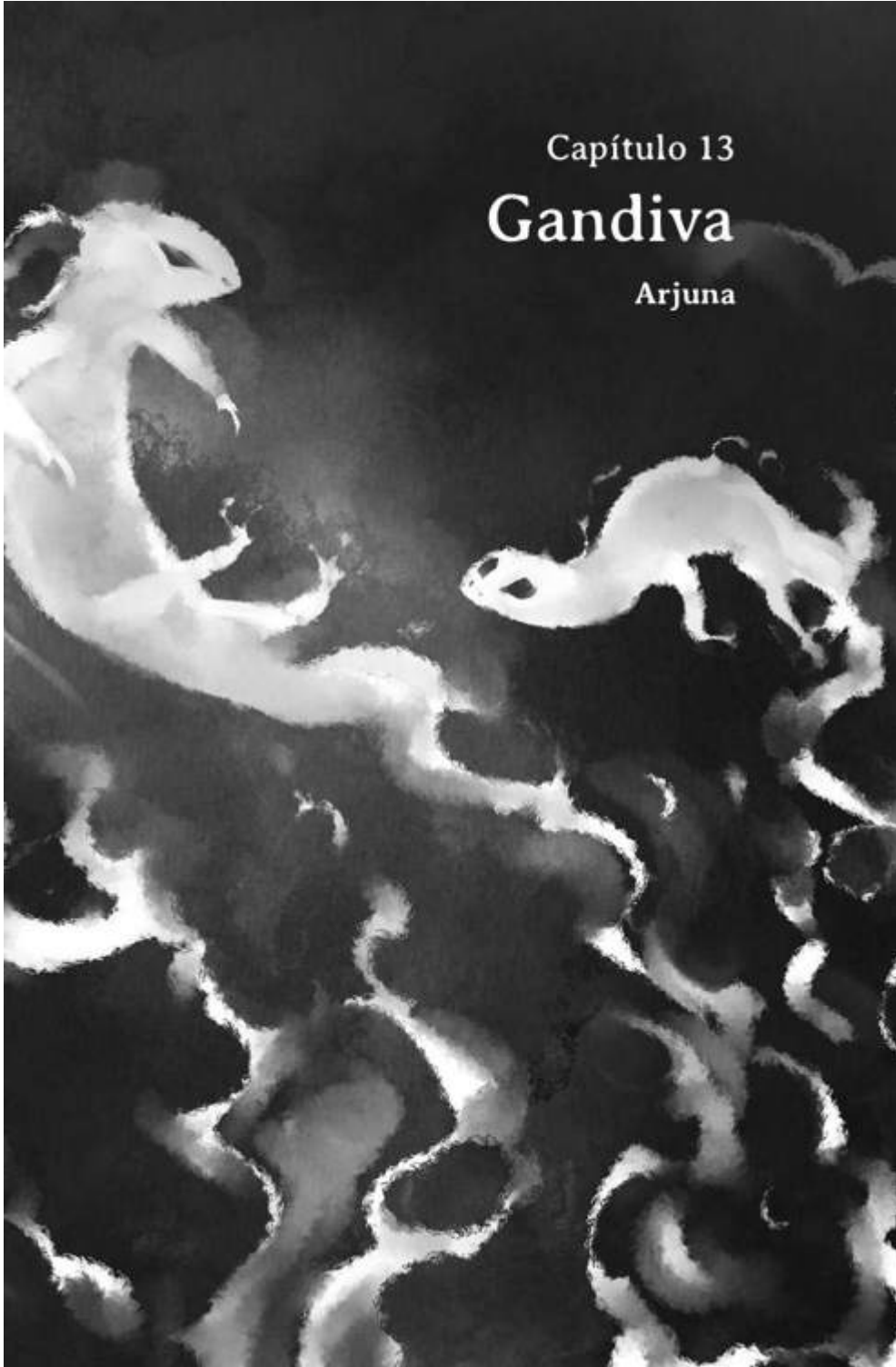
Era um de vários cômodos escavados em corredores sob a rocha, em meio às raízes da grande figueira. Havia apenas uma entrada para os túneis: uma escadaria trancada por um pesadíssimo alçapão de madeira maciça, reforçado por galhos duros como ferro. A despensa não fazia feio frente a várias prisões Devas.

– Draupadi acordou. Venha. Vamos conversar com ela.

Capítulo 13

Gandiva

Arjuna



Sem nada para fazer durante a vigília, Arjuna tinha bastante tempo para pensar. Seus pensamentos, de uma forma ou de outra, sempre se voltavam para Bhima. E ele começou a lembrar daquela fatídica noite.

Chovia torrencialmente. Ele, ainda um pequeno Alaya, protegia-se debaixo da copa de uma árvore. Não adiantava muito como abrigo, mas tinha a sensação de estar mais aconchegado ali. Pressionava as têmporas na tentativa de resgatar da memória um mantra.

– Venero Agni, o fogo sagrado... – esfregava as mãos enquanto murmurava as palavras, e esperava que algo acontecesse, embora se distraísse pelo frio que sentia.

Uma luz surgia por entre as árvores, um fogo-fátuo estranhamente inabalado pela chuva. A princípio, Arjuna esperava que desaparecesse dentro da floresta, mas, como que percebendo sua presença, aproximou-se dele com rapidez.

– Por fim! Achei você, Falguni! – disse um Deva alto e corpulento. Carregava um arco de madeira escuro, em cuja ponta flutuava uma chama que lhe servia de lanterna.

– Bhima? – disse Arjuna, genuinamente surpreso com o fato de seu irmão encontrá-lo tão longe da oficina dos Pandavas.

O Deva se sentou ao lado do garoto, e o ar se aqueceu, secando pouco a pouco suas roupas ensopadas. Os dois ficaram quietos por um tempo. Era estranho como o silêncio parecia fazer parte da conversa. Bhima nada dizia, esperando a iniciativa do irmãozinho, sem pressa.

– Eu estava voltando para o vilarejo dos Alayas... – disse o pequeno Arjuna por fim.

– E? – foi a resposta de Bhima, sem qualquer protesto.

– Eu não vou entrar na Academia de Indraprashta... Meu elemental... Eu não consigo senti-lo! Nem Yudistira conseguiu me ajudar a invocá-lo... Não vou passar no ritual de ascensão!

– Não é justo você esperar muita coisa de Yudistira. Ele não consegue enxergar muito por aquela máscara de elefante...

Arjuna riu, mas, em seguida, tapou a boca. Não queria zombar de Yudistira. Sabia que o irmão tinha dificuldades com seu poder e que passava cada vez mais tempo dentro de sua armadura de chumbo. Somente Bhima tinha a coragem de tomar tal liberdade com o líder dos Pandavas.

– Eu posso tentar conversar com seu elemental? – perguntou Bhima.

Arjuna assentiu com um aceno tímido, colocando-se na posição de meditação que tinha aprendido na Academia. A chama na ponta do arco de Bhima tomou a forma de uma longa salamandra. Suas chamas envolviam o garoto, mas não o queimavam. Estava farejando seu Portal que, como Arjuna tinha dito, era difícil de visualizar. Não passava de uma fresta em comparação ao de outros Alayas. Bhima já havia dito uma vez que o fogo era um ser vivo: nascia, tinha fome, precisava de cuidados, morria... E também se comunicava. O elemental de Bhima crepitava, alternando brilhos e formas, em um código que Arjuna mal havia começado a aprender na Academia.

– Ahá! Aí está você! – exclamou Bhima com seu vozeirão nada discreto, referindo-se a um pequeno elemental que via pelo Portal. Descreveu-o para o irmão como uma salamandra de fogo como a dele, mas bem menor.

– Nada melhor que uma salamandra de fogo para conversar com outra, hein? Quem disse que você não tem um elemental? Ainda mais um excelente como esse! De chamas! Mais um mestre do fogo para os Pandavas! Um dia teremos de descobrir quem é melhor: eu ou você! – disse Bhima entusiasmado.

– É verdade? Você viu mesmo um elemental?... Ou falou isso só para eu me sentir melhor? – perguntou Arjuna, desconfiado.

– Por que eu mentiria para você, Falguni? Concentre-se e você verá como eu falo a verdade!

Bhima ajeitou a postura de meditação de Arjuna, fazendo com que relaxasse e respirasse pausadamente.

– Seu elemental está próximo de você agora. Procure fixar na mente o brilho do fogo, seu movimento... Está sentindo seu elemental tomar forma? Lembre-se de suas aulas, da linguagem das chamas – disse Bhima, sussurrando, enquanto trabalhava a postura de meditação de Arjuna. Alguns momentos se passaram, mas para Arjuna o tempo pareceu ter parado.

– Gan...diva... Gandiva? – respondeu à declaração silenciosa do elemental.

– Excelente! – deu uma cotovelada de brincadeira no irmão, mas quase o derrubou. – O reconhecimento é o primeiro passo para conhecer melhor seu elemental! Você saberá dar os próximos agora!

Arjuna abriu um largo sorriso, sentindo o coração aquecer.

– Que tal voltarmos para Indraprashta? Pelo visto você não vai ter de se preocupar com os exames de admissão. Os instrutores verão o futuro radiante que o espera na Academia. Cada um tem seu ritmo e, às vezes, os melhores elementais se revelam mais tarde.

Uma sombra perpassou pela frente de Arjuna.

– Bhima...

– O quê?

– Virar um Deva... Como é?

– Por que raios você me pergunta isso?

– Alguns colegas de classe disseram que podíamos ser eclipsados por nossos elementais... Perder nossas mentes para eles...

– Que bobagem!

– Mas é verdade? – insistiu Arjuna, preocupado.

– Bem, eu realmente ouvi algumas histórias de Alayas, cujos elementais os dominavam tanto, que os pobres coitados acabavam se tornando verdadeiros fantoches. Mas são aqueles que vivem nos rincões do mundo, lugares onde não existe um Deva para orientá-los. Não é seu caso, é?

– Não...

– Exato! O fato de você ter vislumbrado um pouco de Maan prepara sua mente para conversar de igual para igual com um elemental. E já que estamos

conversando com muita franqueza, deixe-me perguntar algo. Não é só isso que o incomoda, é?

Um silêncio pairou sobre os dois enquanto Bhima lia as expressões do irmão caçula.

– Você está em dúvida se... tornar-se Deva é uma benção ou uma maldição, não é?

Arjuna assentiu com a cabeça, com timidez.

– Essa é uma dúvida que passa pela cabeça de todos os estudantes da Academia... Como é ser imortal, alimentando-se da magia emanada dos Alayas? Como é compartilhar os pensamentos mais secretos com um elemental, um ser vindo de uma dimensão estranha?

O garoto abraçava os joelhos, apertando-os contra o corpo. Todo o treinamento o encaminhava para se tornar um Deva e continuar a dinastia Pandava. Tinha o direito de fraquejar?

– Não precisa se envergonhar. Eu mesmo tive essas dúvidas, assim como você, sabe? Mas, na época, quando eu era um jovem assustado como você agora, a grande Draupadi disse-me palavras sábias. – Bhima abriu os amplos braços, parecendo abraçar o universo com eles. – Ela me contou que existem incontáveis planos, cada um com infinitos mundos. Cada mundo e cada habitante dele tem uma contraparte ao longo dos planos. Os elementais nada mais são que nossas contrapartes no plano de Maan! Quando nos unimos a eles, estamos na verdade nos unindo a nós mesmos!

– Nós mesmos...? – O garoto pensou na salamandra que havia visto momentos atrás. Aquele ser era... uma espécie de Arjuna?

– Se você tem medo de se unir a Gandiva, pense pelo lado dele. Para vocês se tornarem um Deva, ele deve se unir a você. Seu elemental lhe é tão devoto que se dispõe a abandonar seu mundo para viver com você. É claro que tudo tem um preço. Elementais se alimentam de magia e, quando ele opta por se unir a você, seu Portal se fecha para sempre. Ele precisará se alimentar da luz mágica emitida por portais de outros Alayas para viver.

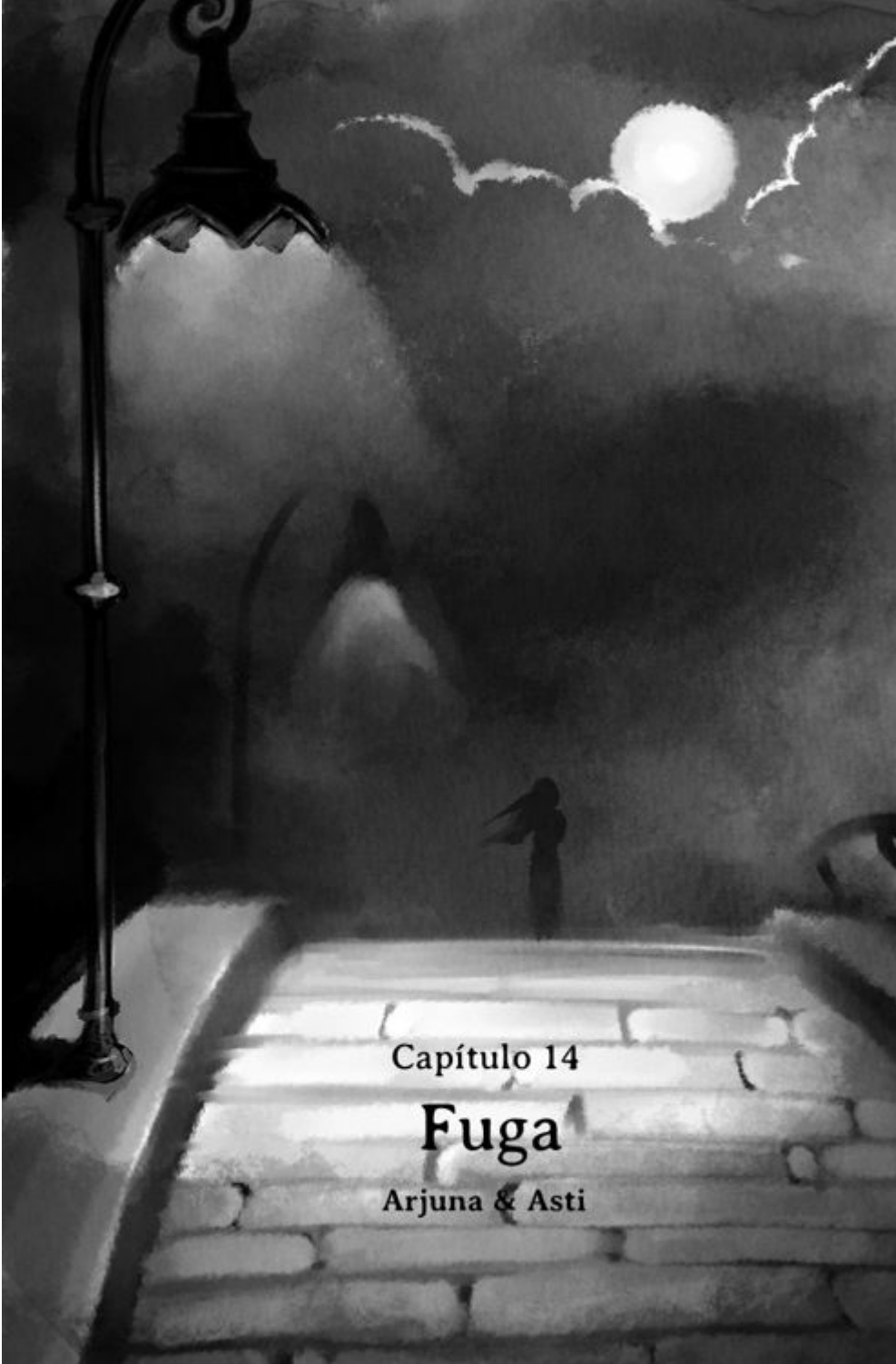
Bhima ergueu o indicador para que Arjuna nunca se esquecesse do que iria lhe dizer.

– Lembre-se: quando nos tornamos Devas, passamos a ter uma percepção maior da realidade. Graças às nossas mentes, em parte elementais, entendemos o funcionamento da magia, conseguimos compor mantras e criar objetos mágicos. É fácil nos considerarmos divinos em comparação ao que éramos antes. Há Devas arrogantes que se consideram verdadeiros deuses. Mas temos um dever para com os Alayas. Eles são nossos provedores, aprendizes e, alguns deles, futuros Devas... Temos a obrigação de protegê-los e de melhorar suas civilizações. Não parece um caminho digno de se trilhar?

– Sim... – disse o garoto, abrindo um leve sorriso. Mesmo na chuva, sentia-se aquecido com a presença invisível de Gandiva.

Bhima deu um tapa nas costas de Arjuna, e, sem tomar cuidado com sua força desmedida, fez o garoto tossir. A situação arrancou novas risadas do Deva, que parecia não se incomodar com nada no mundo.

– Sabe, Bhima... Quando eu me tornar um Deva, também quero ter Draupadi como mestra!



Capítulo 14

Fuga

Arjuna & Asti

Esfregando os olhos, Arjuna levantou-se da cadeira, de onde vigiava Draupadi. Estava do lado de fora da cela para evitar contato visual desnecessário.

A Deva trazia-lhe lembranças amargas e não queria mostrar-se descontrolado para Camil. Como pode deixar transparecer sua raiva daquela forma para uma criminosa? Era um comportamento indigno de um Pandava. Devia estar ficando muito sentimental. Talvez fosse a expectativa de tudo acabar. Por fim, o ciclo de traição e morte se fecharia. Gandiva surgiu no ombro de Arjuna, saindo debaixo de seus cabelos.

– Acho que Bhima ficaria satisfeito ao ver a traidora sendo punida – murmurou para Gandiva enquanto girava o arco sobre seu eixo, de forma displicente. – Sinto falta dele...

O barulho do pesado alçapão do corredor se abrindo significava a chegada de Camil trazendo Asti consigo, como disse que o faria. Havia uma pendência a resolver com ela. Se a joia dos Nagas não estava com Draupadi, precisava interrogar a garota. Queria ver-se quanto antes livre dela. Não ficaria bancando suas necessidades mundanas até a abertura do Portal de Indraprashta.

– Prisioneira, sua Alaya deseja vê-la... – Arjuna dirigiu-se à porta da despensa, apenas para ser surpreendido por um choque violento: Draupadi se arremessara com toda sua força contra a porta.

Os poucos instantes de desorientação foram suficientes para que a Ignis aplicasse nele uma sequência devastadora de chutes e joelhadas. Era mais alta que ele, e ao seu físico de amazona somava-se uma flexibilidade impressionante. Arjuna conseguia perceber os movimentos dela com clareza,

mas seu corpo não reagia com a mesma velocidade de sua mente. Com a mão em forma de cunha, Draupadi acertou um golpe logo acima dos olhos de Arjuna com uma precisão admirável. Seu terceiro olho. O Deva gritou de dor, sua testa latejou, como se lhe tivessem furado o cérebro com uma estaca. Gandiva desapareceu imediatamente do seu ombro.

– O que está havendo aqui?! – gritou Camil, surgindo para ajudar o amigo.

– Pare! Não avance nenhum passo sequer, Herbalista! – Draupadi imobilizou o braço de Arjuna contra as costas e prendeu seu pescoço em um golpe. O jovem se debatia tentando se libertar, mas com cada movimento sentia uma dor indescritível.

– E você, moleque, não se mexa ou quebro seu pescoço – ameaçou Draupadi. Para ele, parecia estar mais para arrancar sua cabeça.

Arjuna tentou conjurar o elemental para incinerar a oponente, mas o golpe em seu terceiro olho havia abalado sua ligação com o ente mágico. Estava completamente indefeso. Não tinha cogitado a possibilidade de Draupadi saber Musti-Yuddha, as técnicas de luta sem armas ou magia. Era um vício dos Ignis acostumados a enfrentar exércitos sozinhos com seus mantras de energia, despreparados para uma luta corpo a corpo. Era uma forma de luta indigna para Devas, mas Draupadi parecia não se importar com essa opinião.

Pétalas brilhantes surgiram acima do ombro de Camil, tomando a forma de uma gigantesca orquídea. Era a sua elemental que se manifestava. Seus movimentos lembravam o de uma água-viva e finas gavinhas espalharam-se pelo chão tornando-se grossos galhos que avançaram pelas paredes do corredor. Espinhos cresceram como pontas afiadas de gigantescas facas, prontas para varar Draupadi por todos os lados. Com estratégia, a Ignis manteve Arjuna bem próximo dela e fez da escuridão sua aliada.

– Renda-se, meus espinhos são capazes de perfurar metal! Nunca permitirei que uma Varni saia daqui com vida! – ameaçou Camil.

– Varni? Eu? Por que insistem nessa acusação?

– Camil! Acabe com el... Ahhhh! – Draupadi pressionou ainda mais o pescoço de Arjuna, fazendo-o engolir sua bravata literalmente.

– Onde está a menina que me acompanhava?

Um galho trouxe Asti pela cintura e a colocou ao lado de Camil.

– Mãe...?

– Asti... Você está bem? – perguntou Draupadi sem desviar os olhos de Camil.

– Sem dúvida, ela está bem. Não machucariamos uma Alaya, mesmo sendo seguidora de uma maga desvirtuada. Se você diz que essas acusações são injustas, por que não enfrenta o julgamento?

Draupadi riu da pergunta ao pensar que seu juiz seria Yudistira.

– Acha mesmo que os Pandavas querem ouvir alguém que já condenaram de antemão? Não tenho tempo para isso. Quero apenas conversar com a Apa-mestra, Radha. Tragam-na aqui, depois façam o que quiserem comigo.

– Radha? – Camil ficou desconcertada com a menção do nome. – Ela sumiu há anos...

– Não brinque comigo! – Draupadi gritou. – Ou acabo com o aprendiz de carcereiro aqui! – avançava lentamente na direção de Camil, onde a saída e Asti estavam.

– Matará Arjuna, assim como fez com Bhima? – respondeu Camil recuando, atenta aos movimentos da Ignis. Se houvesse qualquer brecha para atacar...

– Ar... juna? – O nome a atingiu como uma punhalada. Inconscientemente, ela afrouxou o braço, dando a oportunidade para que ele revidasse com uma forte cabeçada. Estava livre!

– Camil!

A Gaia agiu de imediato. Galhos atingiram Draupadi como uma avalanche, nocauteando-a com uma chuva de golpes. A Ignis foi jogada para longe com força, batendo contra uma parede da cela. Seu corpo estava todo perfurado por espinhos, sangrando bastante.

– Mãe! – Asti soltou-se de Camil e correu para Draupadi, inerte no chão.

– Ah... Como eu dizia... Sua Alaya deseja vê-la. – disse Arjuna, tentando soar vitorioso.

Draupadi estava aliviada por Asti estar ao seu lado e ficou contente pela garota ter contido seu entusiasmo costumeiro ao abraçá-la, dado seu estado físico deplorável.

– Mãe...Você está bem mesmo?

– Estou bem, estou bem, não se preocupe – disse, tentando tranquilizar a filha.

– Aham! – Arjuna interrompeu a reunião. Ao seu lado, estava Camil com os braços cruzados, pronta para qualquer reação da Ignis. – Sem enrolações, onde está a joia? Camil revistou a Alaya, mas não encontrou nada com ela.

Draupadi tentou não se mostrar aliviada. Então, a Chave de Samsara ainda se mantinha imperceptível aos olhos de todos, menos de Asti. Ela continuou em silêncio, apenas encarando o jovem, reação que já era esperada por ele.

– Bem, se você quer continuar com essa brincadeira, vamos brincar em Indraprashta. Os mantras interrogadores são muito mais eficientes... e implacáveis... que eu – disse ele. Voltando-se para Asti, continuou: – creio que é aqui que você se despede da sua mestra, garota.

– Não! Eu não vou deixar minha mãe! – retrucou Asti, agarrando-se à Draupadi.

– Não sei o que Draupadi lhe fez para merecer tamanha lealdade, mas siga meu conselho e suma daqui. Esse julgamento não diz respeito a criadas.

Asti fez menção de continuar, mas Draupadi pousou a mão em seu ombro. Ela suspirou, cansada.

– Asti... Minha pequena... Você não tem de sofrer pelos meus crimes. Você deve ir e é aqui que nos separamos...

– Mas mãe! Você não pode...

– Fugi desse julgamento por muito tempo. Talvez, como a Herbalista disse, seja uma boa oportunidade para explicar meus atos. – ela virou-se para Arjuna – Eu sei que você não vai acreditar se disser que não matei Bhima. Não posso culpá-lo, não é mesmo, Arjuna Pandava? Tudo o que você viu foi o corpo do seu irmão em meus braços... Pois bem, retornarei a Indraprashta e encararei Yudistira.

Até Arjuna ficou surpreso com a fala da Ignis. A garota, trêmula, não conseguia acreditar. Depois de tudo o que elas passaram, não terminariam assim. E as promessas de que a livraria da maldição? Aquela não era sua mãe. Devia haver algum truque. Talvez Camil deva tê-la drogado ou manipulado sua mente.

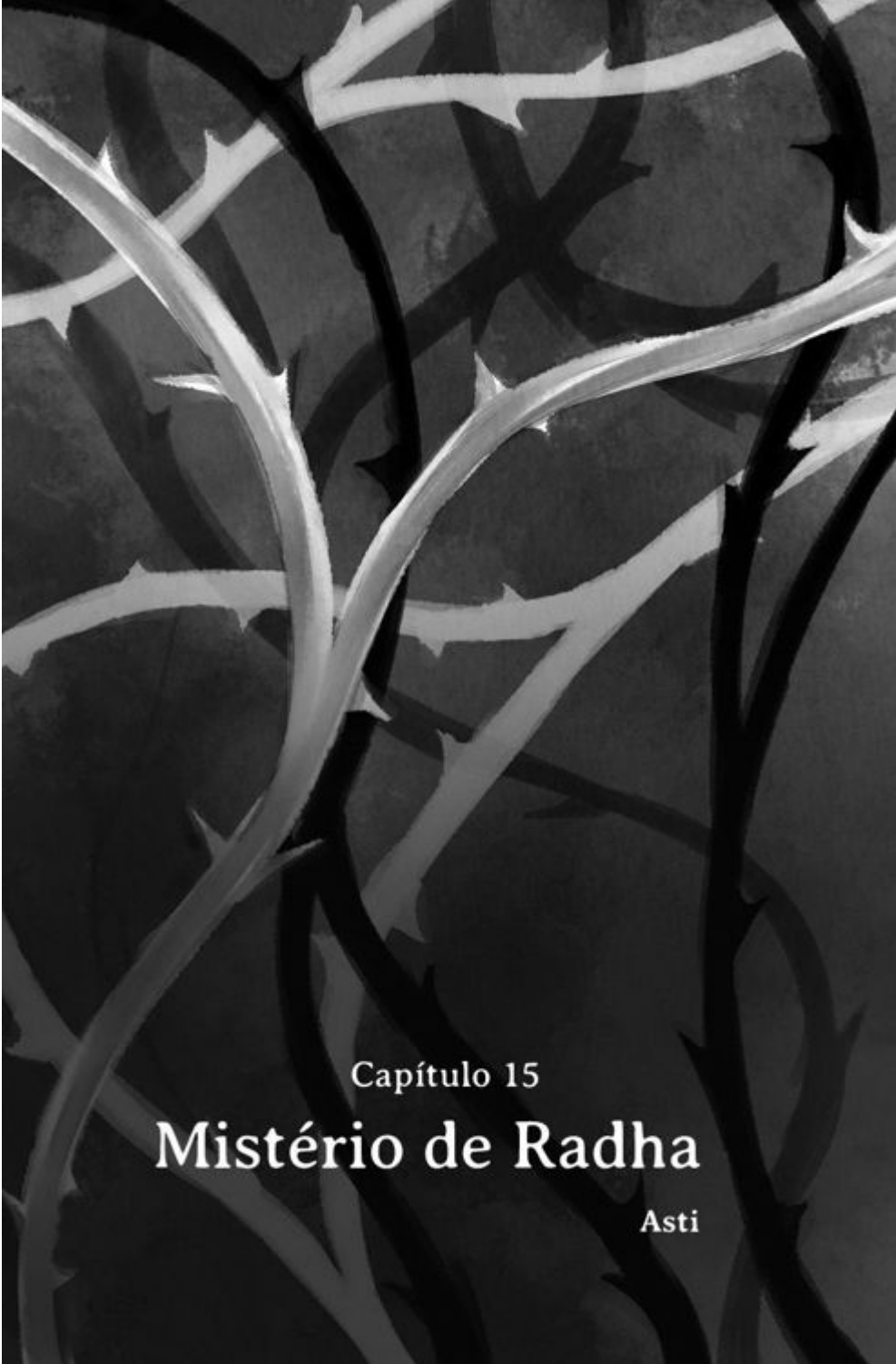
A Ignis puxou Asti para si e a abraçou longamente. O gesto pareceu incomodar Arjuna mais do que ele gostaria. O que tinha aprendido é que Devas não abraçavam ou eram abraçados e, sim, adorados. E de preferência, de longe.

– Asti... Minha filha... Nunca me esquecerei de você... Não importa qual seja meu destino... – disse Draupadi, afastando-a com gentileza. Asti permanecia em pé, sem saber o que fazer. A Deva abaixou o olhar e calou-se.

– Aqui, seus pertences – disse Arjuna, e, para apressar sua saída, estendeu-lhe a mochila, já examinada em busca da joia ou de qualquer outro pergaminho roubado.

– A culpa é sua! Seu idiota! Por que não nos deixa em paz?! – gritou Asti, tentando afastá-lo com um empurrão.

Arjuna sabia que deveria se incomodar com aquele comportamento partindo de uma mera Alaya, mas não conseguiu ficar com raiva dela. Tinha pena. Tanta dedicação desperdiçada. Sem mais nada para dizer, Asti colocou a mochila nas costas e deu passos pesados para a saída da pousada. Ninguém interviu. Sentia-se rejeitada por todos, até mesmo por sua mãe. E assim a noite acolheu a garota pelas ruas da Cidade Dourada com apenas o luar como seu guia.



Capítulo 15

Mistério de Radha

Asti

Ainda era cedo e as ruas próximas ao mercado Alaya encontravam-se desertas. Asti havia dormido pouco em um banco de madeira à beira de uma fonte. Ela ajeitou os cabelos levemente arrepiados, enquanto bocejava. Suas costas doíam, mas o que a incomodava era ter se precipitado.

Não tinha sido justa ao julgar sua mãe: Draupadi estava fingindo que se rendia, era óbvio! O que mais ela poderia fazer naquela situação? E, afinal de contas, ela poderia continuar sua missão livre de Arjuna. Ele havia subestimado as duas e, agora, ela prosseguiria na busca por Radha. O que a deixava mais inquieta ainda eram as palavras que Draupadi lhe sussurrou no ouvido ao abraçá-la na noite anterior:

– Festival das Luzes.

O que ela queria dizer com isso? Asti pousou o queixo nas mãos. Com certeza, era uma pista que a mãe lhe dava para encontrar Radha. E será que Camil dizia a verdade quando informou que a Apa-mestra havia desaparecido? Tinha de investigar essa história. Encontraria Radha! Estava decidida. Apostava que a amiga de Draupadi intercederia por elas, faria aquele Deva idiota libertar sua mãe. Radha não era, afinal, a maior autoridade de Dwaraka?

– Ahá! Achei você! – disse uma voz familiar, tocando suas costas. O coração de Asti quase saiu pela boca. Era Lis, com uma trouxa de comida nas mãos. – Procurei por você em todo lugar!

A ruiva sentou-se ao lado de Asti sem fazer cerimônia. Nem parecia que o incidente entre as duas tinha ocorrido havia pouco tempo.

– Lis... por que você... eu... – A garota procurava as palavras certas para se desculpar.

– Vamos comer? Trouxe uns bolinhos de arroz! – replicou a ruiva com simplicidade.

Asti se lembrou de que não tinha jantado nada. Querendo fazer as pazes com Lis, aceitou a oferta e enfiou um bolinho na boca, apenas para ficar vermelha no mesmo instante. Era muito apimentado, parecia estar comendo carvão em brasa! Engasgada, tentava cuspir a comida, sem êxito.

– Quer leite? – perguntou a ruiva candidamente. – É bom para tirar o ardido!

Asti agarrou a bebida, tomando grandes goles, sem parar nem para respirar. Até seu suor parecia arder como pimenta.

– Agora que eu devolvi a travessura que você fez comigo, estamos quites! – disse Lis, triunfante, com as mãos na cintura.

– Se você chama de “travessura” o que aconteceu na praia, eu não fiz de propósito! Ao contrário desse bolinho seu!

– Eu sei... É uma maldição, não é? – disse a ruiva, abaixando os olhos com a lembrança. – Eu senti uma energia horrível apenas chegando perto do seu sangue, algo que nunca havia sentido antes... Se você não tivesse me empurrado para longe... Eu acho que... – Lis engoliu em seco em vez de terminar a frase.

– Então, por que você veio? – disse Asti, desviando o olhar de Lis. Estava certa, sua maldição era um perigo para quem se aproximasse dela. – Vá embora... É melhor você ficar longe de mim...

– Não! – Lis abraçou Asti com força, para a surpresa da menina. – Você... Você carrega algo tão horrível... Me deixe ajudar! Eu sei que ninguém me leva a sério, mas... Eu não contei nada do que aconteceu na praia para a Camil...

– Você viu o que quase aconteceu! Ficar perto de mim é uma ideia estúpida! – disse, tentando se desvencilhar do abraço persistente. Lis segurou seu pulso com força. – Como você sabe que não sou tão perigosa como dizem que minha mãe é?

– Eu... eu sei, tá? Você é uma pessoa boa... Plantas sentem isso! E você é minha amiga!

Desistindo de afastar a garota, Asti suspirou.

– Bem... eu estava me sentindo muito mal por ter machucado você, mas depois desse bolinho... Acho que você mereceu! Minha boca está ardendo até agora!

Elas se encararam em silêncio por alguns minutos até começarem a rir como boas amigas.

– Lis, você sabe o que é o Festival das Luzes? – perguntou Asti. Estavam em uma praça mais tranquila, para não serem ouvidas pelos Alayas, que começavam a encher o mercado.

– É lógico! A pousada vai ficar bem movimentada por conta desse festival! Aliás, ele deve começar por esses dias, tudo depende de quando a Maré Azul chegar... – Lis ficou cansada por antecipação, pensando em todo o trabalho que teria arrumando os quartos para os hóspedes.

– O que há nesse festival?

– Para falar a verdade, eu só sei que o mar, nos dias de festival, fica incrivelmente bonito, com ondas que emanam uma luz azulada. A praia da pousada é a que tem as águas mais calmas, e os Devas gostam bastante de se banhar por lá.

Que tipo de dica era aquela que Draupadi havia tentado lhe passar? Asti não conseguiu pensar em nenhuma relação entre aquele festival e algo que a ajudasse na busca por Radha.

– Hum... – Asti ficou pensativa, apoiando o queixo nas mãos.

– Se você pensar muito ficará com rugas na testa! – disse Lis, balançando as pernas. Asti tapou a testa com a mão por reflexo, fazendo a ruiva rir.

– Ouvi Camil dizer que a Apa-mestra Radha está desaparecida. Você sabe se é verdade?

– Radha? A história é verdade, mas tirando o fato de ter acontecido com uma pessoa importante, nem é tão interessante assim. Ela, que era a governante da cidade, um dia foi para a Torre dos Portais e não voltou mais. Só isso. Mas as fofocas foram muito melhores, todo mundo tinha uma teoria para o sumiço dela!

– Eu precisava muito falar com ela...

– Você precisa encontrar a Apa-mestra? Não tem algo mais fácil para eu ajudar você, não? – disse Lis, comendo um dos bolinhos com o recheio

removido.

– Você não disse que queria me ajudar? E todo aquele papo de antes?

– Você sabe que os Devas têm muito mais recursos que duas adolescentes como nós e que eles já investigaram o desaparecimento dela, não é? Que chance nós temos?

– É... Eu sei... Mas não tenho outra opção. Minha mãe disse que Radha é a única que pode cancelar minha maldição. Draupadi é uma maga poderosa, mas até ela considera Radha superior. Disse que ela é capaz de lidar com qualquer magia.

– Então, precisamos achá-la! – disse Lis, empolgada, esquecendo-se do que tinha dito logo antes.

Da praça onde estavam tinha-se uma boa visão da Torre. O provável era tratar-se de um lugar vigiado demais para se entrar e investigar, mas... Os olhares de Asti se voltaram para a colina ao lado da Torre dos Portais.

– Aquele lugar ali... Que se parece com um templo... É ali a casa da Apa-mestra, não é?

– Como você sabe?!

– Eu tenho um pressentimento quanto àquele lugar... Minha mãe disse que há uns anos passamos um tempo em Dwaraka. Ela e Radha eram amigas, verdadeiras irmãs. Devíamos ter nos instalado ali.

– Ei! Por que não vamos lá? Aposto que a gente descobre alguma pista! E me lembrei de uma coisa! Os Alayas da Academia que conheço dizem que a casa é mal-assombrada! É uma prova de coragem para os calouros passar uma noite nos jardins da mansão. Os mais corajosos, que chegaram até a entrar na casa, dizem que ouviram os lamentos de um fantasma. E se for o fantasma da Apa-mestra?

Asti sentiu um calafrio percorrer sua espinha. Visitar uma casa mal-assombrada não era como gostaria de começar sua investigação, mas era sua maior chance. A garota acenou afirmativamente, antes que pudesse se arrepender.

Era fim de tarde. Lis terminou seu turno de trabalho antes de se juntar a Asti, que passou o dia observando a mansão. Ao se encontrar com ela, disse, misteriosa, que havia trazido algo especial para a ocasião.

Era uma longa caminhada até a casa, mas pelo menos subir a colina não seria tão árduo quanto andar nas montanhas. A grama era macia e não havia pedregulhos para machucar os pés.

Lis acenou para uma conhecida de Camil, Herbalista que, ao contrário das feições delicadas da estalajadeira, era truncada e parecia ter uma pimenta na cabeça, fazendo as meninas conterem o riso pela coincidência. A Gaia ficou aborrecida, achando que as duas riam dela, mesmo que tentassem convencê-la do contrário. Abriu a passagem, mas Asti tinha a sensação de que ela torcia para que fugissem assustadas em breve.

– Como vamos passar por isso? – Asti comentou, assim que ficaram a uma boa distância da Gaia. Olhava ao redor, perguntando-se como os Alayas novatos conseguiam atravessar a muralha de galhos espinhentos e entrelaçados que rodeava todo o casarão.

– Hehe! Essa é a graça da prova! Todos têm de pensar em uma forma de atravessar o obstáculo! Um amigo meu, veterano, fez todas as minhocas do terreno cavarem um túnel para ele se arrastar por baixo dos espinhos! – Lis estalou as mãos, desafiadora, enquanto Asti tentava não pensar na cena. Esperava que a amiga não estivesse pensando em algo parecido.

– No meu caso, vou usar isto! Foi a própria Camil que me deu! – A ruiva mostrou à Asti o que parecia simplesmente um ramo torto de acácia.

– Hum, que legal... – disse Asti, em um esforço para mostrar-se impressionada, mas feliz por não haver minhocas envolvidas.

Lis ignorou a descrença da amiga e apenas sorriu confiante. Apontou o ramo para um dos galhos espinhentos à sua frente com olhos fechados e ele se moveu com estardalhaço, como se fosse uma cobra fugindo de um falcão. Asti pulou para trás, quase desabando no chão.

– O que é essa coisa, afinal? – perguntou, recompondo-se.

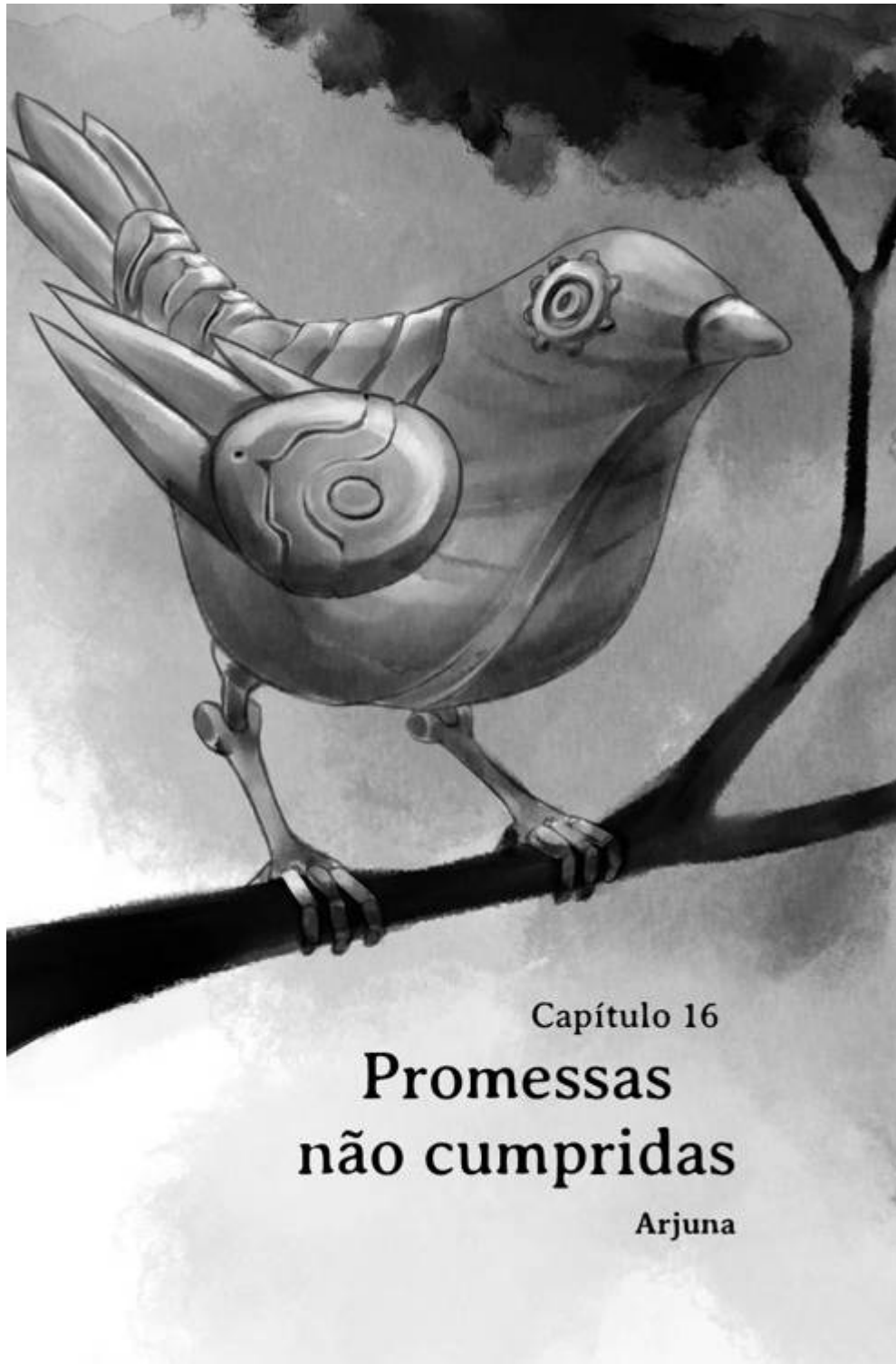
– Hehe! É uma batuta Herbalista! É assim que fazemos as trepadeiras da pousada crescerem para onde queremos! – disse Lis, aproximando-se da muralha.

Asti observou a amiga acenando a batuta para os galhos espinhentos, fazendo alguns deles se afastarem e outros se aproximarem, desenrolando o

emaranhado vegetal. Era um trabalho que exigia habilidade, mas Lis parecia acostumada com aquilo.

– Hum... Lis... Você acha mesmo que é uma boa ideia eu entrar aí? – Asti hesitou. – Lembra-se do corte no meu pé na praia? Imagine o que acontece se eu entrar e me enroscar aí...

Lis, concentrada, apenas acenou para Asti segui-la. A garota percebeu que os espinhos pareciam mais afastados que antes, como se a aspirante a Gaia fizesse de tudo para que Asti estivesse segura. Vendo que teria de confiar na habilidade da amiga, embrenhou-se entre os galhos.



Capítulo 16

Promessas não cumpridas

Arjuna

Arjuna sentou-se na cadeira à frente da porta da despensa, retomando seu papel de carcereiro. Gemendo, colocou uma toalha molhada em sua testa, que ainda latejava pelo golpe que levou de Draupadi na região do terceiro-olho. Gandiva pouco a pouco voltava a se manifestar, mas Arjuna ainda não era capaz de ouvir completamente os pensamentos do pequeno elemental. Exausto, fez o que um Deva raramente faz: dormir.

Gemidos abafados de dor vinham da cela. Gandiva surgiu sobre o joelho de Arjuna adormecido como se fosse a chama de uma vela, balançando o rosto, curioso. Tão rápido quanto surgiu, desapareceu para manifestar-se dentro do lampião que iluminava a cela da Ignis. Ninguém seria capaz de distinguir a chama do lampião da salamandra de fogo.

O elemental viu Draupadi extrair um longo espinho de sua perna, uma lembrança do ataque de Camil. Dawon repousava a cabeça nos joelhos de sua mestra, com seu pescoço ainda preso à gargantilha de restrição em Draupadi por uma corda luminosa. Tinha o olhar fixo nas manchas vítreas que se espalhavam dos chakras da Deva para o resto do seu corpo.

– O que acha, Dawon? Nada bom, não é? – disse ela suspirando.

A tigresa de luz apenas ergueu os olhos conformados, mas cheios de dignidade.

– Você está certa. Todos encontram seu fim algum dia. Não tenho medo, pois partiremos juntas deste mundo – disse a Ignis, abraçando a cabeça da elemental, que se desfazia pouco a pouco. – Mas você sabe... temos assuntos inacabados a resolver...

Dawon ergueu uma sobrancelha.

– Precisamos encarar os fatos: não viveremos o bastante para ver nossa Asti livre da maldição. É estranho – ela encostou a nuca na parede, olhando para o teto da cela – , mas eu tenho o pressentimento de que ela ficará bem... É muito esperta, sem falar que Radha zela por ela, mesmo de longe. Nossa amiga vale por um batalhão de Draupadis e Dawons.

A tigresa rosnou indignada com a afirmação.

– Hahaha! Mas não é verdade? – Draupadi coçou a nuca da elemental. – Esse suposto desaparecimento dela deve ter a ver com suas pesquisas. Espero que Asti entenda a dica que lhe passei para encontrá-la – disse, pensativa, enquanto sua mente divagava em outra direção. – Esses ferimentos todos, essas manchas necrosadas do maldito veneno Naga, eles não são nada comparados ao ferimento que esse rapaz abriu novamente na minha alma. Como é possível a menção do nome “Arjuna” trazer tantas lembranças dolorosas? Quem diria que o arqueiro que nos persegue há tanto tempo era o irmão mais novo de Bhima... – ela lamentou. – Lembra-se do dia em que o conhecemos, Dawon? Um jovem Deva em meio a um torneio de arco...

Gandiva se lembrava de tudo nitidamente. Compartilhava todas as memórias de Arjuna e tinha vívida na mente a imagem de Bhima. Era um mestre em qualquer tipo de arma, especialmente a maça, mais adequada ao seu físico avantajado. Entretanto, a fim de orientar Arjuna, um arqueiro em potencial, estava usando bastante o arco e a flecha. Arjuna fazia parte de um grupo de estudantes em treinamento, todos jovens arqueiros como ele, em uma prova de habilidade. Andaram até uma clareira em meio a uma floresta cerrada nos arredores do palácio dos Pandavas e enquanto se perfilavam diante de Bhima, Arjuna estava ciente que ela o observava, escondida atrás de uma árvore. Usava um vestido cor de vinho e adornos de ouro nos braços. Seus longos cabelos esverdeados e os olhos cor de âmbar indicaram para Arjuna que ela era a própria forjadora-mestra, a lendária Draupadi. Percebendo que Arjuna a tinha visto, ela sorriu, levando o indicador aos lábios para pedir segredo. Bhima soltou um pássaro de madeira que voou por entre as árvores, misturando-se aos outros pássaros do lugar.

– Meus jovens arqueiros! Quero submetê-los a uma prova hoje! O alvo de vocês é o olho daquele pássaro-alvo!

Os Alayas cochicharam entre si, nervosos. Era uma prova difícil. O pássaro de madeira era somente um pouco mais claro do que os pássaros de verdade, e havia centenas deles. Irrequietos, moviam-se para lá e para cá por entre os galhos, misturando-se às folhagens, voando de uma árvore para outra. A cor berrante de alguns desviava a atenção deles, dificultando ainda mais a tarefa. Bhima chamou o primeiro arqueiro do grupo. Ajoelhando-se ao lado dele, apontou para as árvores, perguntando:

– O que você vê, meu jovem?

– Vejo as árvores e suas copas cheias de folhas, a revoada de pássaros e o pássaro de madeira, mestre – disse o estudante, pronto para atirar.

– Dessa forma você não será capaz de acertar o alvo – disse Bhima.

O Ignis fez a mesma pergunta aos demais estudantes, recebendo deles a mesma resposta. Até que chegou a vez de Arjuna.

– O que você vê, Falguni? – cochichou ele no ouvido do garoto.

– Não consigo ver nada além do olho do pássaro, irmão – e, dizendo isso, lançou uma fecha que zuniu certa em direção ao alvo.

Depois de dispensar os demais Alayas, Bhima voltou com Arjuna e sua mestra para a oficina dos Pandavas. Arjuna os acompanhava a uma distância respeitosa, mas ainda capaz de ouvir a conversa entre os Devas.

– O que achou dele, mestra? – perguntou Bhima à Draupadi em voz propositadamente alta. Ele sabia que, embora a Ignis não desse o braço a torcer, havia ficado impressionada com o irmão.

– Uma capacidade de concentração admirável para um Alaya – ela admitiu, por fim.

– Eu sabia que reconheceria o talento dele! Tenho certeza que será um Deva formidável!

– Diria que ele é até mais promissor que você, quando me foi enviado para ser treinado. Um fanfarrão desbocado você era... e continua a ser. Nunca imaginei que se tornaria um excelente mestre do fogo – disse Draupadi sorrindo e, em seguida, ficando séria. – Porém percebi que a motivação maior de Arjuna é impressionar você. Ele precisa encontrar uma motivação que venha do fundo de sua alma.

A afirmação da Deva fez o garoto enrubescer.

– Todos nós queremos impressionar alguém, mestra! – Bhima lhe deu uma piscadela.

– Guarde seus gracejos para outras, rapaz! – Draupadi se fez de ofendida e deu-lhe uma rasteira com a bainha de sua espada.

Ainda rindo, Bhima limpou a poeira de suas vestes ao se levantar. Arjuna riu também. Nunca tinha visto o irmão, tão altivo, sendo tratado como um discípulo.

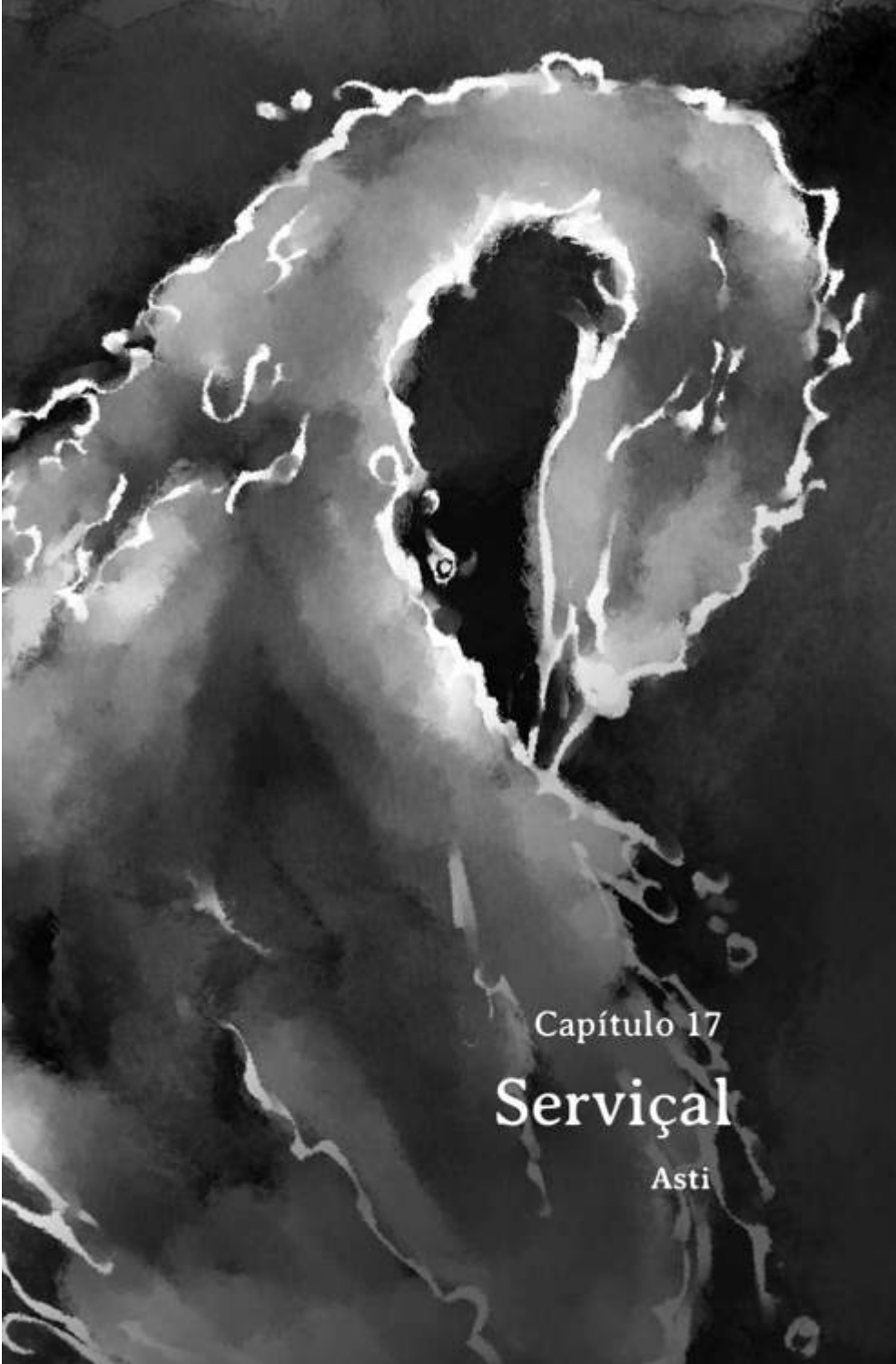
– Você sabe que eu a seguiria até o inferno, não? Eu a admiro de verdade. É a guerreira mais poderosa entre os Devas! A mais sábia das forjadoras-mestras!

– Agradeço os elogios, Bhima. Mas, diga-me, o que está querendo com toda essa adulação? Eu o conheço há tempos!

Bhima coçou a cabeça em uma expressão inusitadamente séria.

– Mestra Draupadi... Poderia encaminhá-lo? Quando a hora chegar, poderia mostrar a ele o que é ser um Deva?

– É claro, meu querido Bhima. Você viu que eu reconheci o talento dele. – virou-se para o garoto enfim – Por mim, terei grande prazer em ser a mestra do jovem Arjuna!



Capítulo 17

Serviçal

Asti

Cada passo que Asti dava precisava ser planejado, como um movimento de xadrez. Uma criança aprendendo a andar seria mais rápida que ela para atravessar a passagem de espinhos. Lis, já do outro lado, esperava paciente pela amiga.

Por fim, chegou à clareira, de onde podia ver a mansão da Apa-mestra. Uma varanda elevada de colunas adornadas anunciava a entrada da construção de teto piramidal. As colunas eram envolvidas por esculturas e baixos-relevos, como se fosse um crime haver algum espaço liso em sua superfície. Lis se juntou à Asti, subindo a escadaria que levava à varanda. Apesar dos anos de abandono, o chão de mármore parecia impecavelmente limpo. Nenhuma folha jogada. Era como se Radha nem tivesse desaparecido.

– E agora? – perguntou Asti em voz baixa, ao ver o estado não tão abandonado do lugar. – Será que há alguém aqui cuidando da casa?

– Deve ser algum tipo de mandala de limpeza que ainda está funcionando... – respondeu Lis, indo direto para a entrada, uma grande porta de duas folhas sob um arco. Lia-se nele uma inscrição: “Morada de Radha, das 108 gopis”.

A porta se abriu sem qualquer ruído, e o silêncio oprimiu as duas garotas, que podiam ouvir a respiração uma da outra. Estavam em um saguão em cujo centro havia um grande espelho d’água, que refletia a luz vinda de uma abertura no teto. Rodeando o espelho d’água, havia várias salas de estudo, tanto no andar em que estavam como em um mezanino acima, todas indistinguíveis uma da outra.

Curiosa, Asti entrou em uma delas. Havia várias mesinhas baixas e, sobre elas, rolos de pergaminho e tinta, provavelmente para os estudantes da Apa-

mestra, agora ausentes. Asti pegou um rolo para examinar. Desenhos intrincados estavam registrados ali, inacabados. Eram rascunhos de mandalas, os equivalentes gráficos dos mantras, a magia recitada. Como Draupadi dizia, a magia e a geometria eram ciências irmãs.

– O... o que você está fazendo, garota?! – uma voz hesitante surgiu do fundo da sala fazendo Asti largar o pergaminho em um pulo.

Um Deva emergiu das sombras com uma vassoura nas mãos. Tinha cabelos prateados presos por um rabo de cavalo, feições delicadas que lhe davam uma aparência andrógina, mas o que chamou a atenção da menina foi um dos braços, que parecia quase mumificado. Sustentado por uma tipoia de seda, era um membro sem movimento, a mão em sua extremidade exibia dedos em ângulos estranhos. Asti se perguntou como conseguia usar a vassoura. Era a primeira vez que via um Deva que não fosse um modelo de perfeição física.

– Ah...! – Asti recuou um passo, pensando em sair correndo, mas Lis, alertada pela bronca, logo estava ao seu lado.

– Desculpe! Não tínhamos intenção de perturbar! – intercedeu a ruiva.

– Calouros da Academia... Vocês precisam achar outra prova para essa iniciação que inventaram! – disse ele de mau humor, aproximando-se das duas, mais confiante ao ver que os invasores eram apenas duas garotas.

– Mas nós não somos da Acad... Ahhh! – com ingenuidade, Asti quase entregou a verdade, até levar uma cotovelada de Lis.

– Aham... Hum... Nossos veteranos disseram que o fantasma da Apamestra assombrava este lugar, então viemos provar que somos corajosas!

– Que grande bobagem! Para a mestra Radha assombrar qualquer lugar, ela teria de ter morrido primeiro! – disse o Deva, estudando com cuidado as invasoras, dispensando atenção especial a Asti. Incomodada, ela ajeitou suas vestes para não expor qualquer sinal de sua tatuagem.

– Como você sabe? Ela sumiu há tanto tempo! – disse Lis, de modo nada delicado.

– Sou Gopala, um dos discípulos que Radha teve a bondade de acolher. Mais que isso, sou o seu serviçal e, como tal, conheço bem seus hábitos, mais que qualquer um. É do feitio dela desaparecer por uns tempos; só está

demorando um pouco mais que o normal para voltar... Vocês podem repetir a seus amigos o mesmo que canso de falar para os investigadores: Radha voltará.

– Hum... Mas... A gente pode... Ficar mais um tempinho? Sabe... Se nossos veteranos virem que a gente saiu cedo daqui, vão falar que somos medrosas e fugimos do fantasma... – replicou Lis.

– Não há nenhum... Bah... – Gopala suspirou e sentou-se em uma almofada. – Já que querem ficar aqui, façam-me um favor, sim? Faz tempo que não vou à cidade me alimentar, e vocês duas são Alayas, não? Cedam-me um pouco de magia e eu as deixo ficar até o amanhecer... É quando os fantasmas voltam a dormir, certo? – ele sorriu, tentando ser mais simpático.

– Claro! – Lis ajoelhou-se à frente do serviçal, acostumada com a prática do ritual de transferência de magia.

Asti nunca se cansava de ver o ritual, mesmo porque não tinha ainda visto muitos deles. O Deva tocou o terceiro olho de Lis, e uma fresta para Maan abriu-se em suas costas. Atraído pela luz mágica, o elemental do serviçal se manifestou. Era uma ave de corpo transparente como água. Asti assustou-se ao ver o elemental. Magro, em torno de suas asas, a água de seu corpo era esverdeada, pútrida. O elemental trocou olhares com Asti, uma expressão de imensa tristeza, tal a de um cão abandonado por seu dono.

– Tal Deva, tal elemental... – disse Gopala, ao perceber a reação de Asti. – Somos uma triste dupla de aleijados...

– A... Apa-mestra não tinha inimigos? Ou rivais? Pessoas interessadas no sumiço dela? – Asti tentou mudar de assunto. – Ouvimos na Academia várias teorias de que a assassinaram!

– Inimigos? Pequena Alaya, o Apa-mestre é o único capaz de dominar os mantras que criam as águas de Portal. Como devem saber, a água de uma localidade é transformada em uma chave para as mandalas de transporte, por meio de procedimentos complicadíssimos.

– Ah! Então é por isso que estão sendo rigorosos com as viagens? Os Apas estão racionando a água tratada por ela?

– Exato! É por isso que não seria do interesse de ninguém que ela desaparecesse.

– Você acha que as pessoas vão parar de vir à Dwaraka? Minha mestra não ia gostar nada disso... – disse Lis, olhando para cima.

– Como disse antes, mestra Radha está demorando apenas um pouco mais que o normal. Até que volte, é prudente racionar as águas de Portal disponíveis. É apenas uma precaução...

O interesse de Asti rapidamente se desviou da conversa que continuava entre os dois. Subindo uma escada para o mezanino, ela encontrou uma sala de estudo maior que as outras. Havia tapeçarias e pergaminhos de seda suspensos nas paredes. Um desses pergaminhos mostrava o desenho caricato da Torre dos Portais, feito a pincel. Nele havia vários pontos, com certeza a localização dos Portais-Apas, muitos deles com nomes escritos ao seu lado: Manipur, Indraprashta, Hastinapura... Importantes cidades dos Devas. Pontos na base da Torre tinham apenas um ou outro nome, e o ponto mais profundo nem nome tinha – apenas um curioso símbolo: um pequeno círculo dividido em seis partes iguais.

– Vejo que já descobriu os aposentos da mestra – disse Gopala, observando-a da porta, com Lis ao seu lado. A transferência de magia não tinha durado nem alguns minutos. – Não mexa em nada, por favor. Os investigadores já reviraram demais o lugar. Aqui era onde ela passava a maior parte de seu tempo.

– Desculpe... – Asti acenou para a amiga se aproximar. – Lis... Esse desenho... é um mapa da Torre dos Portais, não é?

– Ora, ora, quanta curiosidade! – interrompeu Gopala, ao ouvir a pergunta. – Uma mente faminta por conhecimento é essencial para quem quer se tornar um Deva. Deixe-me responder à sua dúvida. Sim, esse é um diagrama da Torre, um dos primeiros estudos da mestra, registrando a localização de determinados Portais. Ela não era do tipo de sacerdotisa que se contenta em ficar parada elaborando mantras e criando mandalas... Era mais uma exploradora.

– Exploradora? – perguntou Lis, com curiosidade despertada.

– A Torre dos Portais é uma construção tão velha que dizem ter sido construída no tempo do próprio Hollow Deva... Os Portais mais profundos escondidos no subterrâneo da Torre são também os mais antigos, que levam a

lugares que hoje nem lembramos mais quais são. Vê aquela estante ali? É lá que estavam os tesouros de Radha, pelo menos até os investigadores os confiscarem... Amostras de água do mundo todo, transformadas em águas de Portal.

– Eu já vi uma dessas águas... Quando viajamos para cá, o monge-Apa colocou um pouco de água de Dwaraka na mandala de transporte – disse Asti.

– Qualquer água de riacho, fonte ou mesmo do mar que banha esta cidade pode ser usada nas mandalas de transporte, desde que transformada em água de Portal. Como devem saber, todos os Portais espalhados pelo mundo encaminham-se para a Torre dos Portais. Mas, para fazer o caminho inverso, precisamos da água do local de destino. Se o destino for pouco frequentado, a água de lá pode se tornar rara e valiosíssima.

Na cabeça de Asti, Radha sempre havia sido um contraponto a Draupadi, uma sacerdotisa com ares de bibliotecária, nunca uma Deva com espírito aventureiro. Mas a ideia agora não lhe parecia absurda; era até atraente: a Apamestra mapeando Portais perdidos, visitando destinos esquecidos há eras...

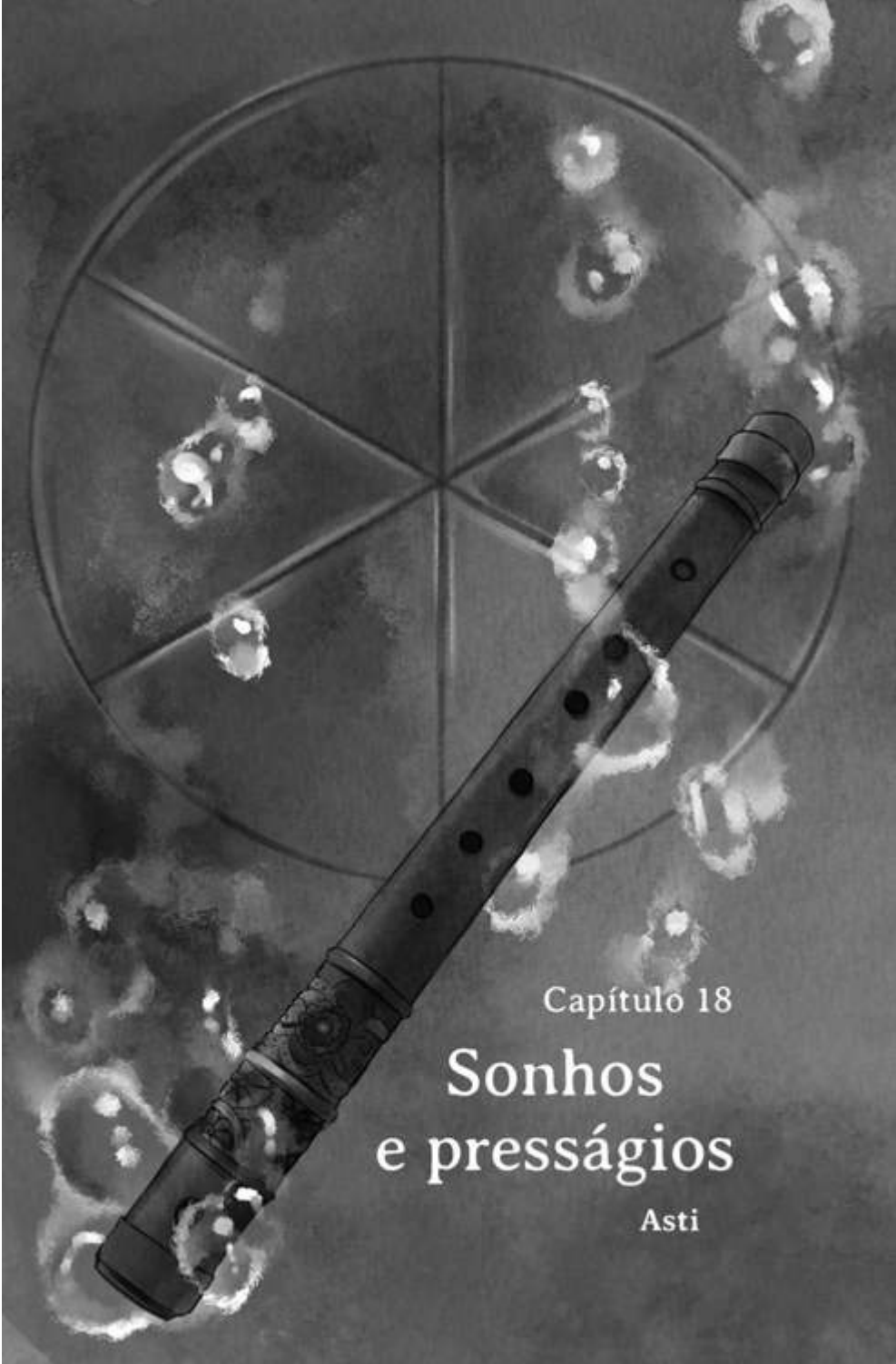
– A obsessão da mestra era desvendar o destino de todos os Portais da Torre – continuou Gopala, sentando-se e apontando para um ponto no mapa com sua vassoura. – Vê esse aqui? Titicaca? É um Portal que ela reativou. Sabe-se lá como ela conseguiu a água de Portal daquele lugar praticamente do outro lado do mundo.

– Será que ela se perdeu em algum lugar desses Portais? Talvez ela tenha encontrado algo perigoso – Lis pensou alto, coçando o queixo. – Talvez nesse diferente aqui – adicionou, apontando para o símbolo do círculo dividido.

– Confesso que essa possibilidade... A ousadia de querer explorar justamente esse Portal... É algo que assombra meus pensamentos – disse Gopala, com voz trêmula.

– Por quê? – Asti observou as feições do serviçal se tornarem sombrias.

– Esse seria o “Portal Primeiro” da Torre, cuja localização ninguém sabe há tempos. O Portal de Samsara, que leva a um lugar de mau agouro para nós, Devas... Um lugar esquecido de propósito – disse ele, calando-se.



Capítulo 18

Sonhos e presságios

Asti

Elas se deitaram lado a lado. Lis queria ir embora, já que Camil devia estar preocupada com ela, mas Asti queria perguntar mais coisas ao serviçal, que se mostrou reticente em se prolongar no assunto do Portal de mau agouro, antes de se retirar para cuidar de suas outras tarefas.

No mais, as duas concordaram em ficar mais um tempo para manter a farsa de estarem ali pela prova de iniciação. A luz da lua batia no espelho d'água, causando ondulações preguiçosas no teto. Antes de se retirar, Gopala havia oferecido almofadas para que pudessem dormir em uma sala de estudos. Disse até que arrumaria tudo depois que fossem embora. Asti achou por bem descansar um pouco, já que não havia conseguido dormir direito na noite anterior.

Em seu sonho, ela foi novamente atraída pelas sombras, dirigindo-se para a cela aberta. Sua tatuagem- corrente queimava, pulsando no ritmo de seu coração. Já havia perdido a conta de quantas vezes tinha descido a escadaria até a masmorra, enquanto mandalas de sangue pintadas nas paredes dos corredores murmuravam à sua passagem.

Transfigurar a carne... Misturar-se às trevas... Conquistar os sentidos...

“Venha, descendente de Astra!”, a voz do senhor das sombras vinha da cela. A cada palavra mencionada, as veias da garota

reagiam, aflorando sob a pele, pulsando e saltando.

“Liberte meu mestre... Minha divindade... Sua presença tão magnífica... Contida nessa deplorável prisão de carne...”

“Não! Me deixe em paz!”, suplicava Asti. Estava mesmerizada pelo mal diante de si. Sentia que se misturava à escuridão. O frio a envolvia, o calor esvaía-se do sangue que vertia de seus pés enquanto andava.

“Não resista... Escute o chamado em seu sangue... É a razão de sua existência!”

As sombras em forma de asas projetadas pelas grades pareciam dentes prestes a devorá-la. Ele segurou Asti pelo pescoço, erguendo um punhal para o sacrifício. Um intenso clarão fez com que Raveni gritasse de dor. O braço que segurava o punhal acabava de ser incinerado por uma flecha de fogo. Armado de seu arco de madeira negra, o Deva imponente adentrou a cela colocando-se à frente de Asti. Um elemental flamejante ardia pelos entalhes da arma. Raveni recuou para um canto da cela, tremendo enquanto segurava o braço destruído. Os olhos vermelhos continuavam a encarar Asti, ansiosos.

“Deva maldito! Não vai conseguir... manter-me longe do Cálice... por muito tempo! Cedo ou tarde, meu mestre... será libertado!”, ameaçou, antes de se calar, misturando-se às trevas.

O arqueiro pegou Asti no colo, recuando para fora da cela. Com um gesto, fez uma pesada porta se fechar e duas grossas barras de metal entrelaçaram-se com um estrondo, para reforçar a prisão. Asti descansou a cabeça em seu ombro, aliviada. Ele acariciou a

cabeça da garota, colocando-a em pé ao ver que ela não tremia mais. Deu-lhe a mão e a conduziu por uma escadaria que parecia ir até as entranhas do mundo. Estranho... O sonho sempre acabava com a cela sendo fechada. Asti não se lembrava de nenhuma escadaria depois disso. Os dois desceram os degraus em silêncio por algum tempo, até que o Devo lhe dirigiu a palavra por uma última vez:

“É aqui que eu deixo de ser o seu protetor, menina”, disse ele, melancólico.

“Mas... E o senhor das sombras? Sem você, ele vai me matar!”, retrucou Asti, desesperada.

“Não se preocupe, minha pequena. Daqui para a frente, ele não vai mais ameaçá-la. Pelo menos não aqui, neste pequeno palco da mente. Seus sonhos estarão livres dele.”

“Eu não entendo... Assim, tão fácil?”

“A luta será no mundo desperto agora. E lá você terá um novo guarda-costas”, ele sorriu. “Alguém em quem confio plenamente.”

Quando a escadaria terminou, os dois se viram à frente de um lago sobre o qual jazia um palácio em ruínas. Podiam ouvir música de flauta. Uma Devo sentava-se em uma imensa coluna tombada na margem. Era ela quem tocava o instrumento, parando com a aproximação dos dois.

“Radha!”, Asti arregalou os olhos, surpresa.

O arqueiro deixou Asti e deu-lhe um tapinha nas costas, para que ela fosse em direção à Radha. Ela andou alguns passos hesitantes em direção à Apa-mestra.

“Minhas lembranças à Falguni!”, disse ele, com alegria.

Quando Asti olhou para trás, ele não estava mais lá. Havia apenas um arco de madeira negra fincado de pé na areia. A garota ajoelhou-se ao lado do arco e o abraçou. Não podia acreditar que se despedia daquele que a protegeu por tantos anos.

Radha tocou seu ombro, sentando-se ao seu lado. Acariciou o arco tão desconsolada com a perda quanto Asti. Esse gesto confortava a garota de certa forma. Tomando consciência da Apa-mestre, constatou que ela lembrava a mãe. Ambas tinham olhos gentis, mas cheios de tristeza.

Radha encostou o ombro no de Asti, riscando a areia com a ponta da flauta. Desenhava um círculo recortado por três linhas. O círculo dividido em seis partes. Radha, batendo-o levemente no joelho, livrou o instrumento da areia e entregou-o à menina, que o segurou sem saber o que fazer. A Apa-mestra apontou para o símbolo e disse duas palavras para a garota ler em seus lábios: “Estou aqui”.

Asti acordou com o toque de água fria em seus pés.

– Quê...?

Estava em pé no centro do espelho d'água, com sua flauta nas mãos. Perturbada, ela correu para acordar Lis.

– Hum... Que foi? Já é de manhã? – Lis esfregou os olhos, com preguiça.

– Ainda não... Mas eu preciso falar com você!

Com rapidez, a garota contou à amiga sobre seu sonho e como havia acordado com a flauta nas mãos. Deixou claro que a flauta estava em sua mochila, do outro lado do muro de espinhos. Só podia ser magia.

– Eu estudei um pouco de oniromancia nas aulas de divinação – disse Lis, com um arrepio. – E isso aí é óbvio. É uma tentativa dos mortos de se comunicarem com os vivos... Acho melhor a gente ir embora! Estou com medo das histórias do fantasma serem verdade!

– Você tem razão... Acho que descobrimos tudo o que podíamos aqui!

– Então vamos ser calouras covardes e sair logo daqui!



Capítulo 19

Portal reaberto

Naguendra

Sem água de Portal para Dwaraka, o Portal do Passo Sela não receberia nenhum visitante por um bom tempo. O monge Apa estava sentado à beira do mirante, observando constelações. De súbito, o touro-elemental se levantou com agilidade incomum para um ser do seu tamanho.

– Noite fria, não, meu caro? – disse Naguendra, ao longe. O Naga serpenteava em sua forma metade cobra, metade humana. Apesar da expressão sorridente, o deus-cobra intimidava o Apa com seu físico. Nessa forma era tão alto como uma pessoa montada em um cavalo.

Logo o Apa viu-se cercado de soldadas Naguinis surgidas de todas as direções. Não aparentavam hostilidade e tinham suas armas bem embainhadas nas cinturas, mas esse fato não o impediu de encolher.

– Olá... Regente... Pensei que tivesse feito como todos os outros e... se dirigido a outro Portal... Enquanto meus superiores em Dwaraka não enviarem um novo lote de frascos de água de Portal, não há nada o que fazer.

– Decidi correr o risco e esperar. Estávamos acampados próximos daqui e queríamos ser os primeiros a saber da abertura do Portal. Para que a pressa? A trilha do Passo Sela é ingrata para répteis de sangue frio como nós. Vir até aqui uma vez foi o bastante.

– Temo que o senhor fique terrivelmente entediado enquanto espera. Meu superior costumava dizer que estou sendo castigado pela minha falta de interesse nas aulas de mantras. “Aquele que não estudar será condenado a não ter nada para fazer nesse fim de mundo”, dizia ele.

– Quem sabe o dia de amanhã, não é mesmo, meu caro Apa? Dizem que uma cobra ao entrar em um vilarejo traz sorte a seus moradores. Você tem várias delas à sua disposição! – disse Naguendra bem-humorado.

O barulho do turbilhão de água resultante do funcionamento da mandala de transporte interrompeu o Naga. O guardião do Portal arregalou os olhos, surpreso, tanto pela coincidência quanto pela eficiência dos seus superiores.

– Que rapidez! Da última vez que fiquei sem água de Portal levou meses até que se dignassem a me enviar alguns frascos. Não se passou nem uma semana da confusão que o príncipe Ignis causou! Mas se vocês têm pressa, infelizmente terão de esperar mais um pouco...

– Como assim?! Por que isso?! Você não acabou de dizer que a mald... a tão esperada água acabou de chegar?

– Existem algumas burocracias a serem cumpridas... Eu preciso ir a Dwaraka pessoalmente para reportar toda a baderna causada por aqui e fazer um levantamento dos estragos. Até lá o Portal ficará fechado.

– Eu tenho uma questão de extrema urgência para ser resolvida e você me traz mais empecilhos?

– Desculpe-me, meu caro Regente... De qualquer forma, seria uma grande gentileza sua se me escrevesse uma declaração dizendo que os estragos causados foram por conta de ordens do Cons...

O elemental estendeu a cabeça com velocidade atordoante, para proteger o rosto de seu mestre. Um dardo flutuou no interior de seu corpo gelatinoso, soltando um líquido negro. Tentando entender o que acontecia, o Apa viu de relance uma Naguini sorrindo maliciosamente, com a zarabatana ainda nos lábios.

– O... O que vocês estão fazendo?! Como... Como ousam atacar um funcionário dos Portais? – esbravejou o Apa, ordenando para que seu elemental atacasse. No entanto, nada aconteceu.

Surpreso, o Apa voltou-se para o touro de água, notando as delicadas mandalas em seu interior sendo engolfadas pelo líquido negro, que parecia ter vida própria. Mais dardos foram disparados contra o elemental e o Apa nada pôde fazer além de levar as mãos à cabeça e apertá-la, como se quisesse impedir que seu cérebro explodisse.

O corpo do touro borbulhou ferozmente e explodiu em uma nuvem de vapor, deixando apenas ossos etéreos que logo depois se desfaziam. O monge Apa era agora apenas uma estátua de vidro negro, coberta de rachaduras.

– Belo espetáculo, realmente incrível! – Naguendra aplaudiu. Sem muita cerimônia, ele se aproximou do que havia sido o Apa e, com uma rasteira, o destroçou em milhares de pedaços. Até mesmo ele estava surpreso com a eficiência do veneno Dvesha.

– Não fiquem aí paradas! Façam seu trabalho e venham aqui contar quantos dardos usamos para conseguir derrubá-lo! Preciso fazer um levantamento das dosagens!

Enquanto as soldadas cumpriam suas ordens, Naguendra adentrou a câmara de transporte, forçando sua entrada com um golpe de cauda. Algumas Naguinis o seguiram. O aroma de morte guiou o Naga pelos corredores até o Portal-Apa. Em meio à névoa da mandala de transporte havia um Apa que se esvaía em sangue. Cambaleante, parecia mais uma marionete, animada por uma sombra macabra projetada nas paredes da câmara. Os olhos vermelhos da aparição brilharam, encarando Naguendra.

– Lorde Raveni. – curvou-se o Naga com respeito. – O senhor sempre me surpreende com suas escolhas de “vestuário”. Quem é o Apa que lhe serve de casca?

– O Apa-mestre... interino... uma casca... conveniente... não tenho... tempo... para amenidades... Naga... esse corpo que possuí... não tem muito mais... tempo... – sussurrou Raveni, e sua marionete estendeu-lhe um pequeno frasco de cerâmica contendo água de Portal.

O corpo tombou sobre os joelhos revelando um profundo corte em seu peito, que quase dividia seu corpo em dois. Naguendra levantou o cadáver do Apa-mestre, o substituto de Radha, apoiando-o em seus ombros.

– Vamos soldadas! Para a “Cidade Dourada”! – bradou, ativando a mandala de transporte com a água de Portal.

– Quando chegarmos a Dwaraka... como um bom... anfitrião usarei todos os recursos... dos Apas... para encontrar... o Cálice... espero que esse invólucro... dure até lá – disse Raveni silenciando. Queria poupar o cadáver ao máximo.

Naguendra sorriu de satisfação com uma lembrança. Haveria um pequeno capricho a realizar ao longo do plano. Gostaria de poder ver a expressão de Yudistira quando ele recebesse a cabeça de Arjuna Pandava.

Capítulo 20

Festival das luzes

Asti



Era tarde da noite quando as duas garotas voltavam para a pousada pelo Caminho Dourado. Vagalumes iluminavam a longa passarela e, ao longe, os interiores acesos das casas lembravam pequenas brasas sob um suave cobertor de névoa. O burburinho de pessoas se dirigindo para as praias era ouvido em todo o lugar.

– Ninguém dorme nesta cidade? – impressionou-se Asti. – Não estava assim quando saímos para a mansão!

– Ai, não! Aposto que é por causa da Maré Azul que deve ter chegado! O Festival das Luzes deve abrir amanhã cedinho... Camil vai me matar; eu deveria estar ajudando a receber os visitantes! – A ruiva levou a mão à testa.

Elas pegaram o caminho pela praia, dessa vez por uma trilha mais longa e livre de rochedos nos quais Asti poderia se machucar. Mesmo Lis não queria arriscar a escalar pedras no escuro. A pousada já podia ser avistada, e a quantidade de luzes acesas confirmavam as previsões da jovem: o lugar estava lotado de hóspedes.

– Asti... Você pode esperar aqui até eu voltar? Eu tenho de acabar de arrumar os quartos, mas é rápido!

– Hum... Tudo bem...

– Aproveite e veja um pouco do festival! É muito bonito! Não vou falar mais nada para não estragar a surpresa! Logo eu volto e a gente pensa no que fazer!

Sem esperar resposta, a ruiva abraçou a amiga e correu direto para a pousada. As tendas recentemente montadas e algumas ainda por montar espalhavam-se pela faixa de areia ao redor da pousada. O burburinho de

peessoas vindas da cidade não era sentido ali. A praia ficava em uma pequena enseada isolada da linha costeira, o que aumentava o charme do lugar.

Esperando não ser vista, Asti se deitou em uma das esteiras de palha debaixo de uma tenda, tirando uma manta leve de sua mochila. Seu sonho ainda despertava curiosidade, mas não fazia ideia do que poderia fazer em relação a ele. O barulho das ondas a relaxava. Asti já podia sentir suas pálpebras pesando, mas não tinha vontade de dormir. Queria ficar acordada e fixar na memória a visão do mar.

Era curioso a paisagem lhe lembrar o deserto, no qual havia vivido por um tempo. As dunas se pareciam com ondas estendendo-se pelo horizonte. Mas... Há algumas horas, o mar não estava assim tão brilhante. Não podia ser apenas o reflexo da lua. As cristas das ondas emitiam uma forte luz azul-esverdeada. Intrigada, a garota dirigiu-se para o mar. A água estava morna e, ao molhar os pés, percebia que seus calcanhares também ficavam brilhantes. Ela não conteve um riso de surpresa infantil. Somente então ela reparou em alguém um pouco afastado dela. Mesmo a distância, sabia quem era: Arjuna.

Ela pensou em correr para a tenda, mas logo notou que ele não prestava a menor atenção ao que acontecia à sua volta. Estava ajoelhado, banhando um arco na água brilhante. Seu elemental, a pequena salamandra de fogo, apoiava as miúdas patas na ponta da arma, farejando o ar em expectativa. Era estranho ver Arjuna dessa maneira, despido de seus ares de príncipe. Parecia até mesmo uma pessoa comum.

Apenas o barulho das ondas era ouvido. Arjuna parecia frustrado. O ritual não tinha funcionado como ele esperava. Decidiu sair da água e seu olhar encontrou o de Asti.

– Oh! Alaya! Você... O que faz aqui? – A voz dele parecia embaraçada, como se tivesse sido pego fazendo algo que não devia.

– Eu... Estou visitando o festival... Achei que Alayas podiam vir.

– Ah, claro, sim...

– Hum... Sim, desculpe atrapalhar... – a jovem disfarçou.

– Não seja tola, a praia é para todos... Você... Você fez bem em vir cedo; logo vai estar lotado.

Arjuna sentou-se na areia, as ondas molhavam seus pés descalços. Segurava o arco como se fosse uma vara de pescar, balançando-o de leve, em um ritmo preguiçoso. Seus olhos se dirigiam para o horizonte, onde provavelmente deviam estar seus pensamentos.

A brisa brincava com seus cabelos negros, afastando-os de seu rosto e permitindo que Asti visse seu olhar distante. Era a primeira vez que ele não a tratava como um estorvo. Ela não sabia se estava sendo atrevida, mas se aproximou e arriscou sentar-se ao seu lado, abraçando as pernas.

– Quem você veio procurar? Familiar? Amigo? – Arjuna quebrou o silêncio, perguntando por perguntar.

– Ah... Hein? – Ela não sabia o que responder. – Eu... Não sei nada sobre esse festival, além de que a água brilha como mágica.

– Certamente essa não é a única magia por aqui. – O ar de frustração voltava ao seu rosto. – Os Gaias dizem que, ao vir à Praia dos Reencontros, você deve trazer a saudade e um pertence daquele de quem sente falta.

– Como assim?

– Bem... Dizem que, ao banhar esse pertence nas águas brilhantes, você terá vislumbres do dono dele. Por onde ele andou... Onde está agora... Mesmo que seja a um mundo de distância.

– Essa parece uma magia incrível!

– Camil adora dizer que, aqui, Devas e Alayas são iguais. Ambos esperam reencontrar alguém. Há muitos Alayas que se separam de sua família quando são escolhidos para servir a um Deva.

– Isso parece meio... triste... – ela murmurou.

Surgiu de novo um muro de silêncio entre os dois. Ela abaixou o olhar e prestou mais atenção ao arco que Arjuna carregava. Os caprichados entalhes no corpo da arma... Já tinha visto aquele objeto em algum lugar...

– Esse arco... É da pessoa que você procura?

– Sim, era do meu irmão.

Asti arregalou os olhos. É claro que tinha visto o arco! A madeira de cor negra, os entalhes rebuscados... Era a arma de seu protetor em seus sonhos! Então Arjuna era...

– Sabe... – disse ele, por fim, interrompendo os pensamentos de Asti. – Também é minha primeira vez aqui... Mas acho que superestimei o poder desse festival... A morte é o fim, e eu devia aceitar isso. Acho que existem certos mundos que não podem ser alcançados. Foi idiotice minha ter vindo aqui.

– Por quê? Há tanta magia neste mundo, não seria tão estranho uma delas lidar com a alma.

– É... Talvez você tenha alguma razão.

– Mas... Pensando assim... É meio assustador... – disse Asti, em um fio de voz.

– Verdade... É algo meio mórbido, não? A ideia de conversar com aqueles que se foram... Eu deveria conversar é com aqueles que ainda estão vivos.

Era a primeira vez que Asti o via sorrindo, mesmo que de forma melancólica. Achava que ele deveria sorrir mais; até o brilho alaranjado de seus olhos ficava diferente. Ela devolveu o sorriso, mas estava incomodada com a ideia de falar com os mortos. Não pela razão que Arjuna citara.

Na verdade, tinha medo de saber o que eles lhe responderiam.



Capítulo 21

Mantra Brahmadanda

Asti

Já tinham se passado alguns anos desde que aquele incidente ocorreu. Asti já não se lembrava do nome da cidade onde tudo tinha acontecido. Apenas se recordava que ficava às margens do rio Ganges. De qualquer forma, saber para quê? Logo ela e Draupadi estariam fugindo dali, como sempre faziam.

– Talvez eu passe um bom tempo pesquisando a biblioteca do templo; então, quero que fique escondida aqui até minha volta. – era o que a Deva havia lhe dito antes de deixá-la esperando no cômodo da modesta estalagem.

Asti já estava se perguntava quanto seria um “bom tempo”. Havia se passado quase um mês, embora para uma Deva como Draupadi, que não comia e mal dormia, não seria estranho ficar todo esse tempo debruçada sobre pergaminhos.

– Tédio... – Asti suspirou profundamente, enquanto preparava o recheio para os bolinhos de modak em cima de uma esteira de palha. Cozinhava em um forno improvisado com pedras próximo à janela. A primeira leva de bolinhos estava em um prato que entregaria ao dono do lugar. A comida dele não era das melhores e os hóspedes adoravam quando Asti se animava a fazer alguma comida diferente.

– Ei! O que você está fazendo? Que cheiro bom! – perguntou uma garota de cabelos curtos e arrepiados que olhava para Asti, da janela do quarto.

Asti ficou paralisada, encarando a menina que parecia uma indigente, ainda que revelasse algumas pequenas vaidades, como as tatuagens de henna nas mãos. Antes que pudesse lhe dar qualquer resposta, a garota já estava de cócoras à sua frente sobre a mesa, servindo-se sem qualquer cerimônia de um punhado de bolinhos.

– Que gostoso! – disse, soprando o ar quente da boca.

Todas as recomendações que Draupadi havia lhe transmitido sobre como lidar com estranhos fugiram da sua cabeça.

– Ladra! – O dono da estalagem, um homem pequeno e magro de órbitas profundas, abriu a porta do quarto com violência, avançando para a “visitante” com uma vassoura em punho. – Como ousa colocar os pés aqui?! Fora!

Rindo, a garota fugiu pela janela de onde tinha surgido, sem se importar de estar no segundo andar.

Algumas horas tinham se passado desde o incidente. O sol já havia se posto. Asti não gostava da noite. Não que tivesse medo do escuro ou algo assim. Apenas não gostava. Com os olhos fixos no teto, concentrava-se nos sons da cidade adormecida. De repente, um barulho vindo da janela a assustou. Alarmada, pensou em pedir socorro, mas se controlou e percebeu que havia algo no batente. Uma fita colorida para prender cabelos, acompanhada de um bilhete escrito de forma quase incompreensível: “Pela comida gostosa”.

Após aquela visita noturna, Asti passou a observar com mais atenção o cotidiano das ruas pela janela de seus aposentos. Como o dono da pousada havia dito, a garota dos bolinhos era mesmo uma ladra. Furtava bolsas nos arredores do quarteirão, como se praticasse uma dança coreografada com meticulosidade. Esse “teatro”, apreciado pela janela, encantou Asti por vários dias, até sua protagonista perceber que tinha plateia. A partir daí, a meliante passou a roubar os transeuntes de maneira cada vez mais espalhafatosa, acenando para a Alaya ao final de cada investida. Até aquele dia.

Estava chovendo, mas o tempo não era um empecilho para o “trabalho” da ladra. Ao final de um de seus vários furtos, Asti acenou para ela convidando-a a subir. Mostrou-lhe uma frigideira e fez mímicas de chapatis sendo preparadas, sendo correspondida com um largo sorriso e mãos esfregando-se na barriga. Empolgada com a resposta, Asti levou a frigideira ao fogo. Podia até ouvir a mãe recriminando-a: “Você confia demais nas pessoas! Não seja ingênua!”. Mas ela queria tanto ouvir as histórias daquela menina, saber da vida dela na cidade! Da mesma maneira de quando se conheceram, a

pequena ladra entrou pela janela e, como em um *déjà vu*, o dono, furioso, adentrou o aposento com violência. Dessa vez, entretanto, estava acompanhado por um guerreiro ksatria.

– Peguei-a no flagra, ladra! – vociferou o ksatria, agarrando a menina pelo pulso.

– Eu... mas eu não fiz nada! Vim apenas visitar minha amiga!

– Mentira! – acusou o dono da estalagem. – Essa vermezinha tem assaltado a rua há tempos! E é pelo menos a segunda vez que invade minha propriedade!

– Mas... mas fui eu quem... – Asti gaguejou.

– Segure-a – disse o ksatria, ao radiante dono da pousada, entregando-lhe os braços magros da ladra. – O castigo governa e protege os seres... Os sábios declaram que o castigo é o mesmo que a lei – ele recitou, enquanto sacava a espada da cintura, mirando os pulsos da garota estendidos sobre a mesa. Castigo por mutilação. Que os ladrões percam as mãos para não reincidirem no crime.

– Pare! Por favor! Não faça isso! – Asti correu e esticou os braços na frente do guerreiro, que reagiu com o susto, ferindo a mão da jovem cozinheira.

O sangue escorreu do corte profundo em sua palma, vaporizando-se em uma nuvem vermelho-escuro que, com lentidão, tomou a forma de um crânio. A figura macabra tinha dentes pontiagudos e órbitas preenchidas por olhos arregalados, brilhantes, ansiosos. No mesmo instante, uma corrente de luz envolveu a nuvem em volta da Alaya, prendendo o monstro próximo dela. A nuvem se debatia, enquanto Asti urrava de dor. Seu sangue fervia, borbulhando pelo corte.

Mas seus gritos eram abafados pelos outros ocupantes do cômodo. Desfigurados, tornavam-se massas de carne pulsante, suas veias saltando para a pele. Asti, por um breve momento, viu o desespero nos olhos da ladra. Era como tentar conter o rio com uma cesta. O corpo dela inchou, até se mostrar incapaz de conter tanto líquido e explodiu, seguido pelo do ksatria e o do dono da pousada. O sangue tingiu as paredes do quarto e escorreu em direção à Asti, formando filetes de líquido que flutuavam no ar, alimentando

o crânio etéreo que ganhava contornos cada vez mais definidos. As correntes de luz esticavam-se ao máximo, quase rompendo com a força redobrada da entidade fortalecida pelo sangue. A criatura moveu-se ao redor de si, ficando frente a frente com Asti, ameaçando-a com voz gutural.

– Li... ber... te... me!

Asti tentou afastá-lo, tateando em busca de algo para atacá-lo. Sentindo o calor da frigideira, nem sequer pensou: pressionou a palma da mão ferida contra a superfície rubra do metal aquecido pelo fogo. A dor era insuportável e o cheiro de carne queimada, nauseante, mas não retirou a mão até ter a certeza de o corte ter sido cauterizado.

A correnteza era forte, o barulho da água era tão alto que Asti mal conseguia ouvir seus próprios pensamentos. Nem se lembrava de como havia chegado ali, vagando em choque pelas ruas desertas, com suas roupas ensanguentadas lavadas pela chuva. Segurava na mão queimada a fita de cabelo que tinha recebido da ladra.

Enquanto tomava coragem para subir no parapeito da ponte, pedia perdão ao sagrado Ganges por pretender torná-lo seu túmulo. Era estranho como sua mente divagava com a proximidade da morte. Lembrava-se das histórias que Draupadi contava sobre além-vida, sobre como aqueles que tiravam a própria vida tornavam-se fantasmas errantes pelo mundo. Se fosse verdade, esse seria um preço baixo a se pagar para expiar seu crime.

O Ganges seria seu túmulo, mas seu corpo seria o daquele monstro. Afogar-se era a forma mais certa para que sua morte não envolvesse mais de seu sangue maldito. Não podia correr o risco de libertar novamente Hollow Varni. Asti cerrou os dentes, soltando-se para o nada, pensando em Draupadi, a fim de levar a lembrança dela para a próxima vida. Em vez de cair, porém, foi puxada para cima, agarrada em plena queda. O tranco machucou ainda mais seu braço já ferido.

– Asti! O que você pensa que está fazendo?! – Draupadi, com uma expressão perturbada, segurava o pulso da garota com força, trazendo-a para a ponte.

Era a primeira vez que via sua mãe tremer.

– Procurei você por todos os cantos! Se não fosse alguém ter visto um vulto se dirigindo para cá... Passei pela estalagem, vi o quarto cheio de sangue, e você em nenhum lugar! – A Deva a sacudia com força.

– Me deixe! Eu quero morrer! Eu matei aquelas pessoas! – disse Asti, tentando se desvencilhar de Draupadi, com suas lágrimas misturando-se à chuva.

– Não foi culpa sua...Vamos, precisamos sair deste temporal, desta cidade. Você precisa ser forte agora... – disse a Ignis, apertando-a em um abraço. Logo a garota desmaiou, exausta pelos acontecimentos recentes.

Acordou em uma tenda improvisada no meio de uma clareira na floresta. Sua mão estava enfaixada com uma toalha perfumada. Uma fogueira próxima crepitava, aquecendo o lugar. Estava no colo de Draupadi, que a esperava acordar. Novamente fugitivas...

– Sente-se melhor, pequena? – disse Draupadi, alisando os longos cabelos da filha.

– Eu nem soube o nome dela... – murmurou Asti.

Um silêncio desconfortável caiu entre as duas, somente o barulho dos pingos de chuva contra a lona eram ouvidos, até a Alaya tomar a iniciativa de falar novamente.

– Se não fosse por mim... Você não precisaria fugir mais... Devia me entregar aos Devas, para que eles acabem logo comigo – disse entre soluços.

– Eu nunca farei isso! Nem morta deixarei de proteger você. Dizem que toda mãe se torna uma tigresa para defender seus filhotes e, no meu caso, pequena, é literal!

Dawon surgiu de trás de Draupadi, observando a garota com preocupação. Asti escondia o rosto com as mãos, soluçando inconsolável.

– “Poder radiante, destrua meus pecados... Sol Supremo remova minha tristeza... Luz divina ilumine a minha mente...” – disse Draupadi.

– Hein? – murmurou Asti, olhando para a mãe por entre os dedos.

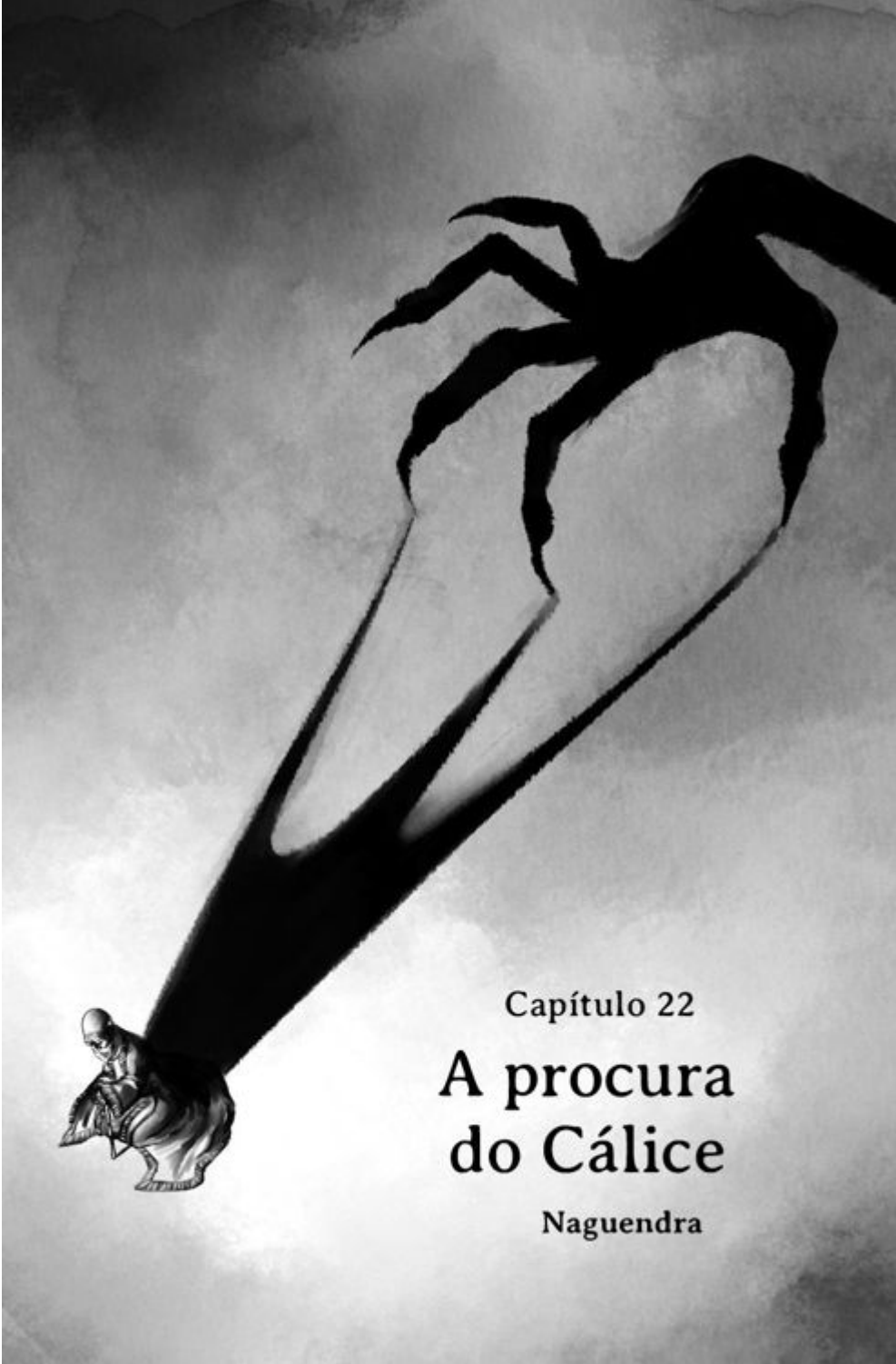
– Recite esse mantra e visualize o sol em sua mente; assim você fortalecerá as correntes que mantêm sua maldição segura... É chamado de “Mantra Radiante”. Descobri isso nas pesquisas que fiz sobre sua família...

– Minha família... as Astras?

– Sim, as mulheres que passam de mãe para filha o fardo de serem prisões vivas do deus maligno que mora em seu sangue. Escute-me, pequena. Eu tenho trabalhado muito para conseguir achar uma maneira de acabar com essa maldição de uma vez por todas... Não perca a esperança, nunca... Sua morte serviria apenas para libertar esse monstro.

Asti não se escondia mais atrás das mãos. Prestava atenção a cada palavra de Draupadi.

– Nos escritos que encontrei, há um mantra ainda mais poderoso do que esse que acabei de lhe ensinar. É o “Mantra Brahmadaṇḍa”, capaz de destruir até mesmo um deus. Ele deve ser entoado somente por você, em um templo agora perdido chamado Samsara. É para esse lugar que você deve ir e por Agni, o fogo sagrado: juro que vamos encontrá-lo!



Capítulo 22

A procura do Cálice

Naguendra

Os poucos Apas que perambulavam pelo Salão das Instruções, o centro de comando da Torre dos Portais, deviam ter estranhado o fato de o Apa-mestre interino estar acompanhado de um Naga. Mas o velho monge tinha suas excentricidades e suas ordens eram absolutas. Nem mesmo contestaram quando ordenou que o deixassem a sós com o ilustre visitante Gaia.

Raveni, em seu invólucro, caminhou por entre as tapeçarias suspensas nas quais estavam registradas as Mandalas Essenciais e, sem hesitar, puxou uma delas para si. Foi envolto em uma névoa a qual assumiu o formato da cidade, uma maquete diáfana de Dwaraka. Tocou um símbolo na mandala bordada na tapeçaria, e ouviu um burburinho de vozes indistintas. Ele apontou para uma das casas na cidade de névoa, e a conversa de seus moradores ficou muito mais nítida, embora ainda fosse preciso algum esforço para se distinguir o que era dito. Algumas tentativas ao acaso fizeram com que Naguendra questionasse a eficácia desse método.

– Nunca vamos achar o Cálice dessa forma!

– Muito bem... que a névoa... faça a busca... por nós... – disse tocando em outro símbolo. – logo você saberá... onde está a... garota...

– E depois?

– Paciência, cobra... Como está escrito na Profecia de Samsara: “A Mariposa pousará no Cálice, que penderá para a luz ou para as trevas”. Ao mesmo tempo em que protege o Cálice, sem saber, ela leva a cabo os eventos para o ressurgimento Varni... Quantos segredos sobre a maldição de sangue ela descobriu em suas viagens pelos reinos Devas, e eu, escondido na sombra da garota, partilhei!

– Se está encaminhada, por que temos de intervir?

– Por que Draupadi ainda tem tempo de perceber nosso intento... Temi que o Cálice tendesse para a luz quando Draupadi lhe ensinou o Mantra Radiante... Depois que a menina passou a se concentrar nessa magia, tornou-se cada vez mais difícil mesclar-se à sombra dela... Podia no máximo atormentar seus sonhos, mas já as havia perdido de vista...

– Mas a Mariposa pendeu para as trevas no final. – disse Naguendra. – Ao roubar a Chave de Samsara de nós, Draupadi fez com que o senhor tomasse conhecimento dos Nagas e meus estudos sobre o veneno Dvesha...

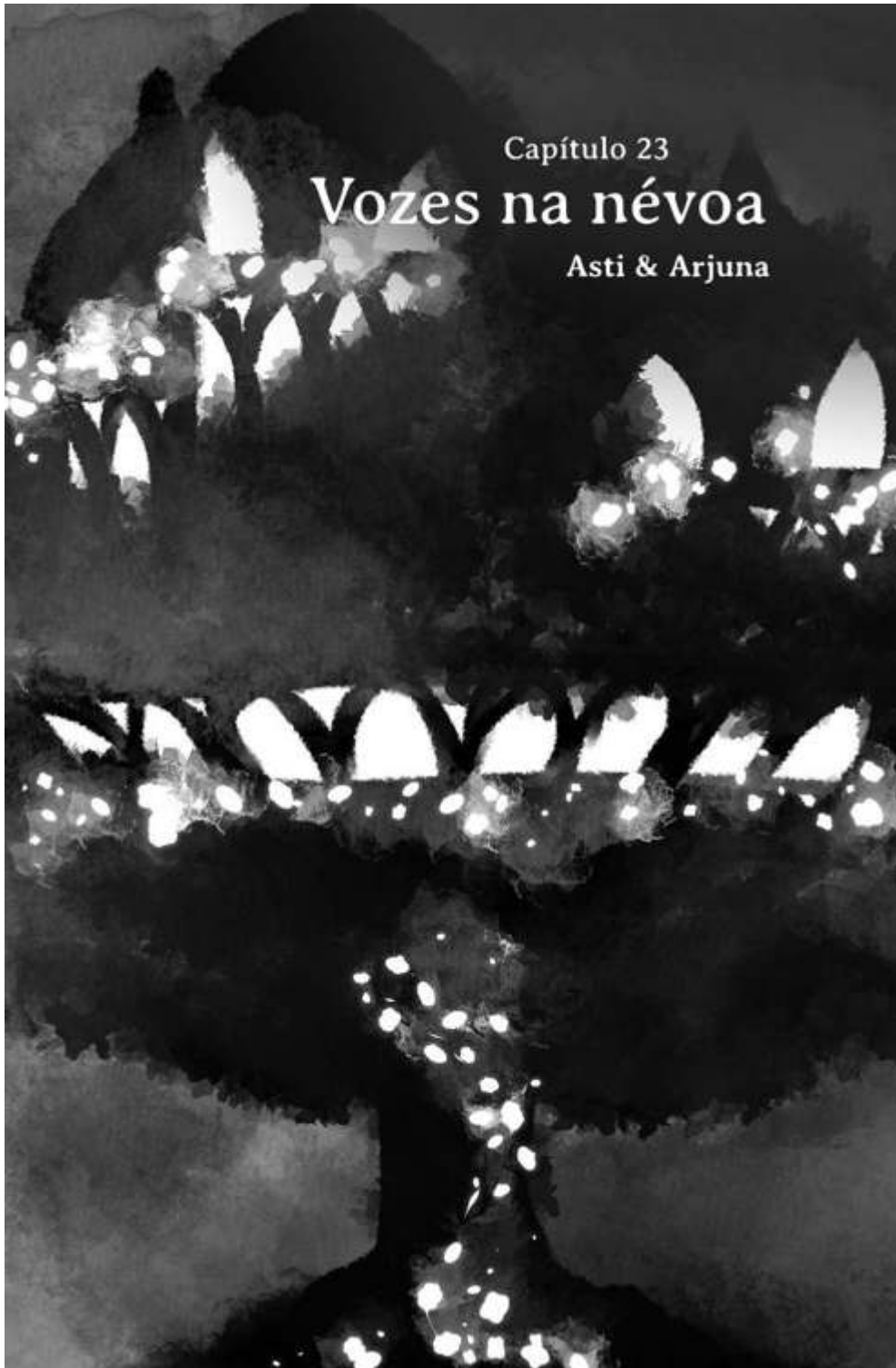
– Mal posso... esperar para ver a garota chegar... ao Portal de Samsara e usar... a joia. Destruirão um deus..., mas não como imaginam... Até a vitória... Naga...

O cadáver do Apa-mestre tombou, tornando-se vidro negro. Naguendra sentou-se enquanto via a névoa avançar sobre a representação da cidade. Na maquete, uma árvore à beira da praia começou a brilhar.

Capítulo 23

Vozes na névoa

Asti & Arjuna



A brisa se tornou um vento gélido, fazendo Asti esfregar os braços para se aquecer, sem sucesso. Não era exatamente frio que sentia... Era um calafrio. Uma sensação de que algo ruim estava para acontecer.

Ela se voltou para o mar. As ondas brilhantes foram encobertas por uma densa névoa que surgia de todos os lados. Parecia uma das tempestades de areia que presenciava no deserto. Em poucos instantes, tudo foi envolvido por uma cortina branca.

– Arjuna!

– Isso... Isso faz parte do festival? Que espécie de magia é essa? – disse ele, tateando o nada, sem enxergar um palmo adiante do próprio nariz.

– Você está... Ouvindo isso?

– Ouvindo o quê?

– A névoa! Vozes na névoa! Você está ouvindo?!

– Você está louca! Não estou ouvindo nada!

Asti engoliu em seco com medo de revelar o que ouvia: “Cálice... Cálice...”.

– Vamos sair daqui! Não se solte! – disse Arjuna, conseguindo por fim achar a garota e agarrar seu pulso, incapaz de invocar Gandiva para iluminar o caminho porque o golpe em sua testa ainda doía – Camil! Onde você está?! – a resposta eram apenas os ecos de seus gritos. – Camil?! – ele insistiu.

– Arjuna! Aqui! – respondeu a Herbalista, depois de um tempo.

Os dois se guiavam pela voz de Camil, que ora ficava mais próxima, ora mais distante.

– Que absurdo! Devemos ter passado pela pousada várias vezes!

– Ali! – apontou Asti para uma profusão de pontos de luz.

A pedido de Camil, todos os hóspedes acenderam as luzes de seus quartos. As duas estalajadeiras aguardavam Arjuna na praia, enquanto Camil, inquieta, esfregava as mãos no avental. Ao ver que Asti acompanhava o Ignis, Lis respirou aliviada, puxando a amiga para um canto, tão rápida e discreta que os dois Devas nem perceberam. Todos estavam mais preocupados com a manifestação incomum da névoa.

– Eu estava com medo de você estar perdi...

– Lis! Preciso fugir! E preciso levar minha mãe! Me ajude a soltá-la!

– O quê? Você ficou louca? Camil me mata se eu fizer isso! Não íamos bolar um plano antes?

– Mas é urgente! Lembra quando você me falou sobre o que a névoa fazia? Que ela era uma informante dos Apas?

– Lembro, inclusive todo mundo está achando que eles estão procurando alguém... Sério, eu nunca vi uma névoa assim antes.

– Eu ouvi vozes na névoa chamando por mim!

– Como?

Uma correria súbita entre os hóspedes as interrompeu.

– O que aconteceu? – perguntou Lis para um dos Alayas, que corria atrás de seu mestre.

– Nagas! Um exército deles! Estão vindo para cá!

A névoa se desfazia para a passagem dos Nagas, criando uma clareira ao seu redor.

– Arjuna, é melhor você sumir daqui! – disse Camil, empurrando-o para a escadaria da pousada antes que pudesse ser visto pelas cobras.

– Não! Não vou deixar você lidar sozinha com esses...

– Esses Gaias? Lembre-se que você é o Ignis destoante por aqui!

– Eu... não era o que eu ia dizer...

– Vá para a entrada da despensa. Logo estarei com você. É preciso levar Draupadi para a Torre dos Portais. Logo o Portal de Indraprashta se abrirá. Não se preocupe, eu consigo lidar com eles.

Relutante, Arjuna subiu até a pousada para buscar a prisioneira, mas preferiu misturar-se à multidão de hóspedes que, de uma sacada, observavam

o desenrolar dos acontecimentos. Lis e Asti se acotovelavam entre eles, segurando a respiração na expectativa.

– O que a Camil está pensando? Encarando as cobras assim, sozinha? – murmurou Lis, angustiada.

As ondas arrebatavam com força no rochedo da pousada, o barulho aumentava a tensão dos que assistiam à cena. Com uma expressão fria, Camil recebeu os Nagas de braços cruzados.

– Perdoem-me, mas estamos sem vagas – disse a Herbalista em voz alta, dirigindo-se a Naguendra. – Se desejarem, posso recomendar outras estalagens nos arredos...

– Ignis covarde! – gritou Naguendra, ignorando Camil. – Posso sentir seu cheiro! Vai se esconder atrás de uma estalajadeira?!

Arjuna se segurou para não atirar uma flecha pela goela do Naga, pois sua língua era um alvo demasiado atraente. Com um forte crepitar, os galhos da grande figueira, movidos pela orquídea-elemental de Camil, envolveram o rochedo como longos braços, e enormes espinhos surgiram deles.

– Peço que não perturbe meus hóspedes! – continuou ela, com voz inalterada, tomando a atenção do réptil. – Não há nenhum Ignis aqui. Caso não saiba, eles são orgulhosos demais para se misturar com Devas de outras guildas.

– Acha que tenho tempo para essa encenação, Herbalista? Sei que ele está aqui!

– Siga seu caminho, senhor. Está causando incômodos aos meus clientes!

Naguendra invocou seu elemental, desfazendo a união entre ele e Ulupi e tomando forma humana.

– Ulupi, tome conta desse empecilho, sim? – Naguendra acenou à gigantesca cobra enquanto dirigia-se à pousada. O animal saltou como um raio para cima de Camil, com suas presas à mostra cheias de veneno. O que abocanhou, entretanto, foi uma flecha de fogo que entrou por sua garganta, ferindo-a, o que fez Naguendra levar as mãos à cabeça em dor.

Camil olhou para trás e viu Arjuna levando a mão à testa, pois seu terceiro olho ainda latejava com o golpe dado por Draupadi. Entretanto, o

brilho fraco de Gandiva era inconfundível. Ele tentou se esconder entre os Devas ao seu redor, mas foi visto pelo Naga.

– Como ousa mentir de maneira tão descarada... E para defender um criminoso!

Camil correu em direção à pousada, enquanto os galhos da figueira destacavam-se do rochedo com um alto rangido.

– Trucidem-na! – berrou Naguendra, ajoelhando-se ao lado de sua elemental fumegante, tentando socorrê-la.

As Naguinis sacaram suas espadas e perseguiram a Herbalista. Na areia, elas se movimentavam muito mais rápido que o normal, mas Camil conseguiu alcançar a escada da pousada. Os galhos rechaçaram as Naguinis, jogando-as para longe.

– Arjuna, seu imbecil desmiolado! – exclamou irada.

– Eu salvei você! Que tal agradecer?

– Eu podia ter muito bem lidado com...

– Camil! – exclamou Lis, apontando para o Naga, que convulsionava com violência na areia.

– O quê...?

Seus músculos aumentavam para um tamanho grotesco, e sua pele se tingia de um tom avermelhado.

– Uma gota do veneno de Dvesha para entorpecer meu elemental... – entoou Naguendra, em uma voz sombria. – Uma gota do sangue do senhor das sombras para invocar o poder do deus esquecido. – Ulupi agora definhava, tornando-se uma cobra etérea de aspecto pútrido, e sua pele e ossos se decompunham no ar.

– Um... Varni... – disse Camil, estarecida, em um fio de voz.

– Quero o Cálice AQUI! Matem todos os outros! – ordenou o Naga. Parecia ter dobrado de tamanho, pois suas roupas estavam justas para o físico avantajado. Seu rosto estava irreconhecível, completamente bestial.

Naguendra liderou as cobras, arrebatando os galhos espinhentos, puxando-os do tronco como se fossem barbantes. Os espinhos feriam suas mãos e as encharcavam de sangue, mas os cortes se fechavam em segundos. O caminho estava aberto.

Enquanto o Regente procurava por Asti, as Naguinis atacavam os outros Devas com dardos envenenados. Surpresos com o ataque inesperado, não esboçavam qualquer reação. Os que não se tornavam estátuas de vidro eram feridos por lâminas também envenenadas. Alguns tentavam se defender em meio aos corpos estilhaçados de seus colegas, entretanto os mantras morriam em seus lábios.

Arjuna ouviu os gritos de humanos sendo chacinados. Era um guerreiro, acostumado a lutar, mas a visão do massacre de inocentes o paralisava. Que honra existia em matar Alayas indefesos? Chocado, observou Naguendra interromper sua busca por um breve momento, para lamber o sangue que vertia das veias de um Alaya morto. Arjuna disparou uma flecha contra a aberração, enojado com a cena. Contudo, sua mira estava cada vez pior, errando o alvo.

– Seus irmãos nem sequer irão encontrar seu corpo quando eu acabar com você, verme! Onde está a garota que fugiu com você?! – Naguendra agarrou seu braço e jogou o garoto contra uma parede com violência, fazendo-o ferir ainda mais a testa.

Levantando-se cambaleante e momentaneamente cego, o Ignis limpou o sangue que escorria da testa para seus olhos com as costas da mão. Tudo rodava, o mundo parecia ter se transformado em um redemoinho. Sem equilíbrio, ele tropeçou e caiu de joelhos. O arco... Onde estava seu arco? Camil interveio, conjurando uma paliçada de galhos que se pôs entre o Naga e Arjuna.

– Arjuna...? Acorde! – Camil tentou reanimar o amigo, até que decidiu carregá-lo nos ombros, enquanto puxava Lis para debaixo de uma mesa. – Corram para o porão! A despensa é o lugar mais seguro agora!

– Peguem-nos! – esbravejou Naguendra, furioso, enquanto tentava destruir a barreira criada pela Gaia. Nisso, avistou uma pequena humana se esgueirando pelos móveis destruídos, pegando o arco de Arjuna no chão. Era o Cálice! Naguendra sibilou ao vê-la, e suas pupilas de cobra estreitaram-se para focar melhor a presa que seguia Camil.

A Herbalista entregou Arjuna quase inconsciente às garotas, ordenando que o levassem até o alçapão que dava acesso à despensa. Enquanto isso, ela

derrubava estantes no caminho das Naguinis para retardar seu avanço. Tomada por uma súbita vertigem, começou a sentir as estantes cada vez mais pesadas. Percebeu que havia dardos envenenados em sua perna, que ela arrancou com uma imprecação. Arrastou-se para perto do trio antes que perdesse os sentidos e tentou empurrar as pesadas travas de madeira que fechavam o alçapão. Suas forças falhavam.

– Camil! Camil! – Lis correu para socorrer a mestra que desfalecia.

– Fuja, Lis... – sussurrou Camil, levantando-se com dificuldade e pondo-se em pé para lutar. Lis correu para o alçapão e, sacando sua varinha Herbalista, fez com que os galhos que travavam o alçapão se afastassem com um grande rangido.

– Asti...! Ajude-me! – a ruiva chamou a amiga, tentando erguer o alçapão com toda sua força. As duas meninas se esforçaram, mas foram incapazes de movê-lo.

– Encurralados como ratos! – exclamou Naguendra à frente de suas soldadas. – A brincadeira acabou!

Dardos zuniram na direção dos Devas. No mesmo instante, o alçapão foi atirado para o alto com um estrondo, chocando-se com violência contra o teto. Antes mesmo que caísse no chão, a figura radiante de Dawon preenchia todo o espaço, pulverizando cada dardo em pleno ar com suas garras luminosas.

Como um raio, Draupadi correu até Naguendra, forçando-o a sacar seu punhal e a se defender desajeitadamente da espada que mirava seu pescoço. A Ignis fazia amplos movimentos com a lâmina, forçando o Naga a recuar. Naguendra tropeçou em um dos móveis jogados no chão e só não foi cortado ao meio porque uma naguini jogou-se à sua frente, servindo como escudo. Uma avalanche de soldadas-cobras avançou contra Draupadi, que se movia como o vento. Dançava entre elas, decapitando-as com sua lâmina cintilante, imbuída do poder de Dawon.

Arjuna ergueu-se ainda trêmulo, hipnotizado pela dança da morte. Draupadi lutava como quem soubesse que essa luta seria a derradeira. Não pretendia se poupar em nada. As Naguinis recuaram aterrorizadas para longe do porão.

– Suas covardes! Ela é apenas uma! – berrou Naguendra, empunhando a espada de uma das soldadas caídas.

– Todos para baixo! – gritou Draupadi, enquanto defendia a entrada do alçapão, fazendo floreios com a espada.

Lis arrastou Camil para dentro e Asti tentou puxar Arjuna, mas o Ignis resistiu, queria presenciar a luta até o fim.

– Ainda viva, escultora de luz? – zombou Naguendra – Como conseguiu durar tanto? Agora entendo por que Lorde Raveni a tem em tão alta conta... Por que não morre logo e me entrega sua maldita filha?!

– Antes da minha morte, pouparei Asti do desprazer de vê-lo, traidor dos Devas!

– Espirituosa, mesmo diante da morte! – respondeu ele, percebendo que Dawon se desfazia no ar, e seus ossos luminosos estavam unidos por pura força de vontade. – Quanto tempo acha que conseguirá me manter longe do Cálice, moribunda?

– O suficiente!

Draupadi juntou as mãos e um feixe de luz cortante percorreu todo o salão. Naguendra se abaixou, enquanto vigas e colunas estremeciam. A Ignis agarrou Arjuna e com ele pulou para o buraco do alçapão, enquanto todo o piso acima do porão desabava sobre o Naga.



Capítulo 24

Falguni

Arjuna & Asti

Alguns minutos silenciosos se passaram na escuridão até Gandiva iluminar o apertado recinto encoberto por uma nuvem de poeira.

– Mãe! Cof! Cof!

– Pequena! Estou aqui! – Draupadi arfava, apoiando-se nas paredes da escadaria que levava à despensa. – Espero que isso os segure por um tempo...

Camil procurou por uma lamparina, mas logo deixou a tarefa para Lis. Sua perna havia vitrificado por completo.

– Mãe! – Asti se desesperou assim que Lis acendeu a lamparina. – Suas pernas! – O corpo de Draupadi havia se transformado em vidro negro da cintura para baixo. Os remédios de Camil já não detinham o avanço do veneno dos Nagas.

– Já é tarde para mim... Mas você, Herbalista, pegue isso, use como torniquete para impedir que o veneno se alastre pelo seu corpo.

Draupadi jogou-lhe a gargantilha de restrição. Havia dois espinhos encravados na fechadura da algema para Devas. A Ignis havia improvisado uma gazua.

– Como...?! – exclamou Arjuna, desconcertado.

– Que forjadora seria eu se não soubesse como funcionam minhas próprias criações?

O arqueiro mordeu os lábios de frustração, devia ter imaginado que o objeto mágico pudesse ser criação dela.

– Mãe! Aguenta! Camil, você pode ajudá-la, não pode? – Asti se virou para a Herbalista, que não estava em condições nem de salvar a si mesma.

– Asti! Não se preocupe comigo – disse Draupadi firme. Seu corpo passou a se vitrificar com rapidez, da ponta dos dedos aos ombros. – Não

tenho mais tempo... Você sabe o que fazer... Encontre Radha! Ela a guiará...

– Mãe! – Asti abraçou a Ignis. – Não me deixe sozinha!

Ela queria mexer os braços para enxugar as lágrimas da garota, mas não conseguia. Arjuna não sabia o que pensar do fim iminente daquela que havia lhe causado tanto rancor. Não esperava ser assim... tão insatisfatório.

– Você se arrepende da morte de Bhima...? – perguntou Arjuna, hesitante. No fim, era a única pergunta que queria fazer. Era para isso que a tinha perseguido por todo esse tempo.

– Sim, devia tê-lo impedido de me seguir... Mas é dever de um discípulo fiel seguir sua mestra até o inferno, mesmo ao custo de sua vida... E fui eu que ensinei isso a ele... Parece muito mais bonito dito... do que vivido... – Draupadi falava com esforço, seu pescoço já transformado em vidro. – Bhima teria orgulho de você... tornou-se um excelente mestre do fogo... tudo isso sem a minha ajuda... eu adoraria ter sido sua mestra... – Pronunciava suas palavras com lentidão, como se fosse uma brasa apagando. Fechou os olhos e tornou a abri-los decidida a deixar um último ensinamento. – Arjuna... Deixe de ser a criança que conheci há muito tempo, obcecada em cumprir as expectativas do irmão. Bhima nunca desejou por isso. Esse rancor pela sua perda... esse sentimento que o guia... é um veneno pior que este em minhas veias.

Arjuna se ajoelhou à sua frente, esforçando-se para ouvir os sussurros finais da escultora de luz.

– Por Bhima, por favor, não se destrua por minha causa...

Os lábios de Draupadi se congelaram em um triste sorriso. Era agora uma estátua diante dos soluços desconsolados de Asti. Era estranho... Arjuna percebeu que tinha os olhos umedecidos, sentia o coração apertado como se tivesse perdido um pedaço da alma.

O ruído de pedras sendo reviradas e gritos distantes indicavam que as Naguinis procuravam por seu líder.

– Arjuna... Precisamos alertar o Conselho sobre o surgimento dos Varnis... Agh! – gemeu a Herbalista, quando Lis apertou o torniquete improvisado em sua perna.

– Sim, você tem razão! Mas, antes, precisamos dar um jeito de sair desse lugar. – A dor em seu terceiro olho já era suportável e Gandiva, que antes iluminava o ambiente, dirigiu-se ao arco.

– Não é uma boa ideia abrir caminho usando fogo... A rocha é muito espessa, seríamos todos incinerados... – disse ela, tentando se concentrar. – Eu cuido desse problema.

O elemental-orquídea se manifestou, e suas pétalas se desfizeram com o efeito do veneno. As grandes raízes da figueira contornavam a despensa, algumas passando à mostra pelas paredes. Camil tocou a maior delas, que murchou rapidamente, deixando um estreito túnel no espaço que ocupava.

– Não é a saída mais confortável, mas deve funcionar. – Camil apoiou a cabeça na parede, exausta pelo esforço. Não podia ter gastado tanta magia no seu estado. – Você precisa falar com eles... Corra para a Torre.

Gandiva saltou no túnel e o percorreu, examinando sua largura ao longo do caminho. Havia uma saída, e Arjuna viu as ondas baterem no rochedo através da visão de seu elemental. Talvez fosse mesmo possível sair dali, mas não conseguiria levar Camil.

– Vá logo, Arjuna! – falou Lis impaciente, com sua costumeira falta de pudor ao dirigir-se a um Deva. – Camil vai morrer se você ficar aí enrolando! Não se preocupe com a gente. Eu vou ficar aqui e cuidar da minha mestra!

– Disse bem, aprendiz! Voltarei logo com ajuda: se não a do Conselho, a dos Pandavas! – disse Arjuna, entrando no túnel inclinado que mal comportava seu corpo. – E você, Asti, venha comigo!

– Eu? – voltou-se para o Ignis, enxugando as lágrimas do rosto.

– Quem mais? Você está mais envolvida nos segredos de Draupadi do que eu pensava. Precisamos conversar, mas não agora e não aqui. Vamos! – disse ele, estendendo a mão.

Era um desses momentos em que era preciso seguir os instintos. Arjuna poderia voltar com ajuda, mas logicamente a deixaria em Indraprashta, para ser interrogada. Ela seria executada quando os Ignis descobrissem sua maldição. Mas Asti viu nele mais que um mero agente da lei dos Pandavas... Era o irmão de Bhima, seu protetor. Suas dúvidas se dissiparam.

– Deseje-me sorte, mãe... – beijou a testa da estátua de vidro e levantou-se, seguindo Arjuna que já entrava no túnel.

Em vários momentos, Asti pensou estar entalada na estreita passagem, mas se Arjuna tinha passado, ela passaria também. Já podia sentir os respingos da água salgada. Por fim, os dois conseguiram sair pelo lado do rochedo que dava para o mar. Com água até o peito, o Ignis ajudou Asti a descer e os dois se dirigiram à areia seca, procurando não perder o equilíbrio com as ondas que quebravam com violência. Uma corrente de água mais forte quase levou a flauta no bolso de Asti, fazendo com que a menina a segurasse afobadamente. De súbito, foi tomada por uma inspiração. Procurou as cristas luminosas das ondas para banhar a flauta.

– O que você está fazendo? As Naguinis logo vão perceber que fugimos!

– “Ao banhar o pertence nas águas brilhantes, você terá vislumbres do dono dele. Por onde ele andou... Por onde está agora... Mesmo que seja a um mundo de distância.” Eu só vi você em sonhos, Radha, mas se puder me iluminar... Nos sonhos, a flauta era sua, não é? Foi você quem a deu para minha mãe... – Asti murmurou, esperançosa.

–Vamos! – Arjuna puxou-a pelo braço, impaciente.

– Espere! – Asti se desvencilhou dele com força. No mesmo instante, como um clarão, imagens surgiram-lhe à mente. A garota perdeu os sentidos e caiu na água.

Ao acordar, estava deitada próxima a uma grossa coluna de pedra. Arjuna parecia aliviado ao vê-la acordar. Asti se sentou em meio ao nevoeiro, enxergando uma plataforma de pedra acima dela. Estavam debaixo do Caminho Dourado.

– Bendito Yamuna! Ainda bem que acordou! O que foi aquilo na praia, Alaya idiota? – Arjuna a censurava, mas Asti se sentia grata pela preocupação dele.

– Eu precisava ter certeza de... Cof! ... uma coisa... Cof! Acho que as águas me odeiam. Toda hora me afogo em algum lugar. – Lembrando-se da flauta, procurou freneticamente por ela nos bolsos da sua calça.

– Aqui. – Arjuna entregou-lhe o objeto, enquanto continuava a vigiar os arredores. – Você quase morreu afogada, sabia? Tive de segurá-la pelos

calcanhares e sacudi-la para tirar a água que você engoliu...

Asti segurou um riso abafado imaginando a cena, apesar de agradecer por não estar acordada naquele momento. O Ignis parecia tão rústico para certas coisas.

– Obrigada – respondeu ela, segurando a flauta. – Onde... onde estamos?

– Veja por si mesma. – O rapaz apontou para o alto.

Estavam próximos da Torre dos Portais. Asti arregalou os olhos, sentindo-se minúscula diante da intimidadora visão. Não conseguia mais ver o céu. Todo o horizonte havia sido preenchido por um imenso e vagaroso redemoinho de vapor, alto como uma montanha, que girava ao redor da construção. Braços espiralados de nuvens estendiam-se por toda a cidade.

– Os Apas devem estar desesperados para encontrar você, visto a magnitude desse nevoeiro. – disse Arjuna, com um olhar significativo.

Asti se pôs em pé, alarmada com a lembrança da névoa. Precisavam sair de dentro dela e se esconder!

– Calma. – entendendo a preocupação da jovem, Arjuna a tranquilizou. Tinha erguido um bolsão de ar quente em volta deles, uma pequena região na qual a névoa não penetrava. Estavam invisíveis aos Apas, por enquanto. Um barulho de algo deslizando sobre pedra parou logo acima deles. Arjuna ouviu alguém farejando o ar. Colocou o indicador nos lábios.

– Isso é ridículo! Não consigo enxergar nem um palmo diante do nariz!

Uma Naguini. Asti e Arjuna colaram-se o mais que podiam à coluna de pedra.

– O Ignis e a garota não podem ter ido muito longe! Maldita seja a Herbalista que os ajudou a escapar – disse outra voz ofídica. – Teve o que merecia, vitrificada pelo Regente! Mas é melhor voltarmos. A névoa nos avisará se a garota for encontrada.

– Eu não volto para lá agora de jeito nenhum! O Regente deve estar espumando de ódio! Por todos os mantras! Estamos tendo muito azar desde que aquele Pandava resolveu se meter!

– Ele deve estar bem mais calmo depois de beber o sangue daquela menina que acompanhava a Herbalista!

– Tem razão... Vamos voltar! É inútil procurarmos às cegas...

Asti tapou a boca com as mãos, enquanto as Naguinis se retiravam. Conteve as lágrimas a duras penas. Lis e Camil! Arjuna socou a coluna revoltado, arrancando lascas de sua superfície.

– Vamos deixar de rodeios! Naguendra está atrás de você! Até demonstrou surpresa ao ver que Draupadi ainda estava viva e nem parecia se lembrar da joia roubada. O que os Nagas querem de você? O que Draupadi queria de você? O que você esconde de tão importante?

Asti hesitou por um momento, mas não queria ter o sangue de mais ninguém nas mãos. As mortes tinham de acabar.

– Eu... Eu contarei tudo o que sei se você prometer me ajudar a terminar o trabalho de minha mãe – Asti respondeu com a voz trêmula, com determinação em seu olhar.

– Não vou prometer nada até saber do que se trata. Por que eu a ajudaria assim, incondicionalmente?

– Porque é o que fez seu irmão. Ele deu a vida por mim e continuou a me proteger nos meus sonhos, mesmo depois de morto. Ele... Ele passou essa tarefa agora a você, de ser meu guarda-costas.

Arjuna arregalou os olhos com a menção de Bhima e ainda mais com a proposta descabida da garota.

– Isso é patético, Alaya. Não ouse invocar o nome do meu irmão em vão. Ele a protege em sonhos? Ridículo! Como vai provar isso? – disse Arjuna em tom frio.

– E se eu dissesse que Bhima me pediu para mandar lembranças para você, Falguni?



Capítulo 25

Tatuagem

Arjuna & Asti

Arjuna e Asti demoraram um pouco até encontrar o caminho para o templo de Radha. A Torre dos Portais era a única construção da cidade visível em meio à névoa, o único ponto de referência que a dupla tinha. Mesmo que o templo da Apa-mestra ficasse do lado da gigantesca construção, tinham de praticamente tatear o terreno até encontrar o pé da colina abandonada.

Asti estava exausta pela caminhada. O Ignis encontrou um lugar discreto para que ela descansasse entre as raízes expostas de uma grande árvore. Ainda não acreditava que havia se deixado convencer pela garota. Só porque ela o chamou de “Falguni”? Entretanto, como ela poderia saber disso? Somente Bhima o chamava assim. Nem Yudistira sabia desse apelido.

De qualquer forma, ir para o Portal de Indraprashta era algo fora de questão. A manifestação da névoa mostrava que os Apas de alguma maneira estavam trabalhando com os Nagas para encontrar Asti. Seria como entrar na toca do leão. Só contava consigo mesmo agora. E visto a matança promovida pelas Naguinis na pousada, tratava-se de uma caçada de vida ou morte para elas.

– Já descansou? – perguntou Arjuna, impaciente.

– Minhas pernas estão doendo! Ajudaria bastante se você tivesse me carregado um pouco! Não consigo andar rápido como você...

– Eu disse que a ajudaria, Alaya. Não que seria seu burro de carga. Aliás, o que estamos fazendo aqui? No topo dessa colina fica a residência da Apa-mestra, não?

– Sim... A mansão tem uma câmara secreta, que leva ao subterrâneo da Torre dos Portais. É nesse lugar, perdido nas profundezas, que está o Portal

para Samsara! Eu preciso encontrá-lo, a maldição em meu sangue só pode ser anulada no Templo de Samsara!

– Como você sabe dessa câmara secreta? – perguntou Arjuna, incrédulo.

– Radha... A Apa-mestra mostrou-me a câmara! A flauta que banhei no mar era um objeto dela. Com a magia do festival, eu tive os vislumbres de onde ela está agora. Vi corredores e escadarias que levam ao Portal...

O palco de seus sonhos.

– Você já me contou sobre a missão de Draupadi, sobre como você carrega o tal Varni que as Nagas estão atrás e sobre como ele só pode ser destruído no Templo de Samsara com um mantra especial. Mas... eu ainda não consigo acreditar em tudo isso. O que a torna tão especial assim? Como você poderia provar quem diz ser? Se me mostrar, eu a seguirei até os infernos, como Draupadi fez, como Bhima fez.

Asti assentiu com a cabeça, e seus grandes olhos azul-esverdeados brilharam. Era um pedido justo. Virando-se, afrouxou as vestes e mostrou-lhe o desenho de uma grande tatuagem de caveira que ocupava as costas inteiras. A caveira tinha caninos afiados e protuberantes, correntes partiam dela, envolvendo os braços da garota.

– Este é o sinal daqueles que são marcados por Hollow Varni... – Asti enrubesceu.

– Essa tatuagem! Lembro-me de uma criança tatuada que Draupadi carregava quando trouxe o corpo de Bhima! Então era você?!

– Sim... Pode... emprestar sua espada?

O Ignis a desembainhou e Asti deslizou o indicador pelo fio da lâmina. Um filete de sangue escorreu e transformou-se em uma massa amorfa que avançou para o Ignis. Arjuna quase caiu para trás, assustado. Era como se, de repente, o espaço ao redor dele tivesse se tornado noite. Sentiu todo seu sangue aflorar. Correntes flamejantes descolaram-se da pele de Asti e contiveram a manifestação da entidade Varni quando ela entoou o Mantra Radiante.

– Por Agni! O que foi isso!? – Gandiva fitava Asti com olhos arregalados, suas chamas crepitavam arrepiadas.

– É essa a minha maldição... – Asti sentou-se de frente para ele e cruzou os joelhos, pousando as mãos em cima deles.

Arjuna limpou o suor da testa, enquanto Asti lhe entregava um colar que tirava do pescoço. A “Chave de Samsara” surgiu como mágica na palma da mão do Ignis.

– De alguma maneira, sinto que a joia dos Nagas é a chave para abrir o Portal de Samsara. Mas não sei como... As mandalas de transporte precisam da água do local de destino para funcionar, não é?

– Esta é a joia dos Nagas? – Arjuna a observava de perto. Aproximando o colar de Asti ele sumia como ar em sua mão. Era por isso que não a encontrava ao revistar a Alaya... Ela emanava alguns mantras exóticos, mas ao menos um era familiar. – Draupadi já examinou essa joia?

– Acho que não... Ela não teve muito tempo de estudá-la... Não me disse nada também. Por quê? O que você vê? – perguntou a Alaya, descrente de que Arjuna pudesse ter descoberto algo que sua mãe não tivesse notado antes.

– Draupadi era uma forjadora incrível, mas não uma especialista em fogo como eu – disse Arjuna, em tom ofendido. – Tenho certeza de que já ouvi um dos mantras que essa joia canta, um mantra dos Mestres do Fogo.

Dito isso, sentou-se ao lado de Asti e cerrou a joia dentro do punho, e sua mão começou a brilhar. O bolsão de calor ao redor deles começava a se dissipar, dirigindo-se à joia. Com medo de ser detectada pela névoa, a garota agarrou o braço de Arjuna. O Deva recitava números, parecendo seguir uma escala de temperatura interminável. O ar em sua volta ficou muito quente, fazendo Asti afastar-se dele. O Ignis abriu a mão e, para sua decepção, a joia continuava igual.

– O que foi isso?! – Asti perguntou assustada, dessa vez de detrás do tronco da árvore.

– Estranho! Podia jurar que a joia se fundiria!

– Fundiria? Derreteria, você quer dizer? – Asti se aproximou com cautela do Ignis. O bolsão de calor voltava ao que era antes.

– Sim, esse cristal na realidade é gelo! Gelo de água alterada magicamente por um mantra de fusão. Já vi forjadores usarem esse mantra

para alterar o “ponto de fusão” dos materiais, a temperatura necessária para um sólido se tornar líquido. Para derreter metal à temperatura ambiente, por exemplo.

– Quer dizer que a joia é água? – Asti abriu um sorriso de compreensão.
– Água vinda do Templo de Samsara?

– Sim, do rio do Sofrimento Infinito, muito provavelmente. – disse Arjuna lembrando-se do que Camil havia lhe dito. – O Templo de Samsara ficava às margens desse rio de nome peculiar. Mas quem quer que tenha incorporado tal mantra à joia, o fez para que ela derretesse a uma temperatura absurda! O calor em minha mão era suficiente para derreter ferro!

Arjuna devolveu o colar para Asti, mas a garota pediu para que ele ficasse com a joia. Pensariam melhor no que fazer assim que estivessem diante do Portal de Samsara.

– Bom, é você que sabe o caminho, Asti! – disse Arjuna, levantando-se e dando a mão para ela.

– Você poderia me dar a outra mão? Essa ainda está meio fumegante... – disse ela, feliz por ter enfim se entendido com o arqueiro.

Estavam diante da muralha de galhos espinhentos da mansão de Radha. Arjuna queria abrir passagem com uma flecha de fogo, mas Asti o deteve. O serviçal da casa ficaria bravo se eles comessem a destruir a propriedade da Apa-mestra. Arjuna suspirou e, segurando a Alaya nos braços, apenas tomou distância e saltou sobre a cerca.

Como da outra vez, a porta da casa estava aberta e Asti adentrou a mansão, tentando guiar-se por suas visões. Onde seria a entrada para a câmara secreta? Seguindo um palpite, ela subiu as escadas, em direção ao quarto da Apa-mestra, o único cômodo um pouco diferente dos demais. Asti correu as paredes do cômodo com as mãos, buscando encontrar alguma pedra diferente ou mais saltada, que pudesse indicar uma passagem secreta.

– Você novamente, menina? O que pensa que está fazendo? – disse-lhe uma voz familiar. Era o serviçal Gopala.

– Desculpe...! Eu estou procurando por algo! É importante!

– Saia daqui já, Alaya! Ou serei forçado a...

– A o quê, Apa? – disse Arjuna, sem paciência. – Sou o príncipe Arjuna Pandava da guilda dos Ignis e a Alaya está comigo. Estamos conduzindo uma investigação.

– Um Ignis! Há muito tempo não recepcionamos Ignis nesta casa! – disse o serviçal, surpreso. – O que vocês estão procurando?

– Não é da sua co...

– Estamos procurando uma passagem! A Apa-mestra tinha uma oficina secreta, não é? Um lugar no qual ela conduzia experimentos, estudava mantras proibidos... – disse Asti, atropelando Arjuna.

– Estudar mantras proibidos? O que está insinuando, garotinha? Que mestra Radha se envolvia com algo ilícito? – perguntou o serviçal, ofendido.

Asti estava muito focada em encontrar a câmara secreta para tomar cuidado com o que falava. Deu as costas para o serviçal, cerrando as mãos com força no corrimão do mezanino.

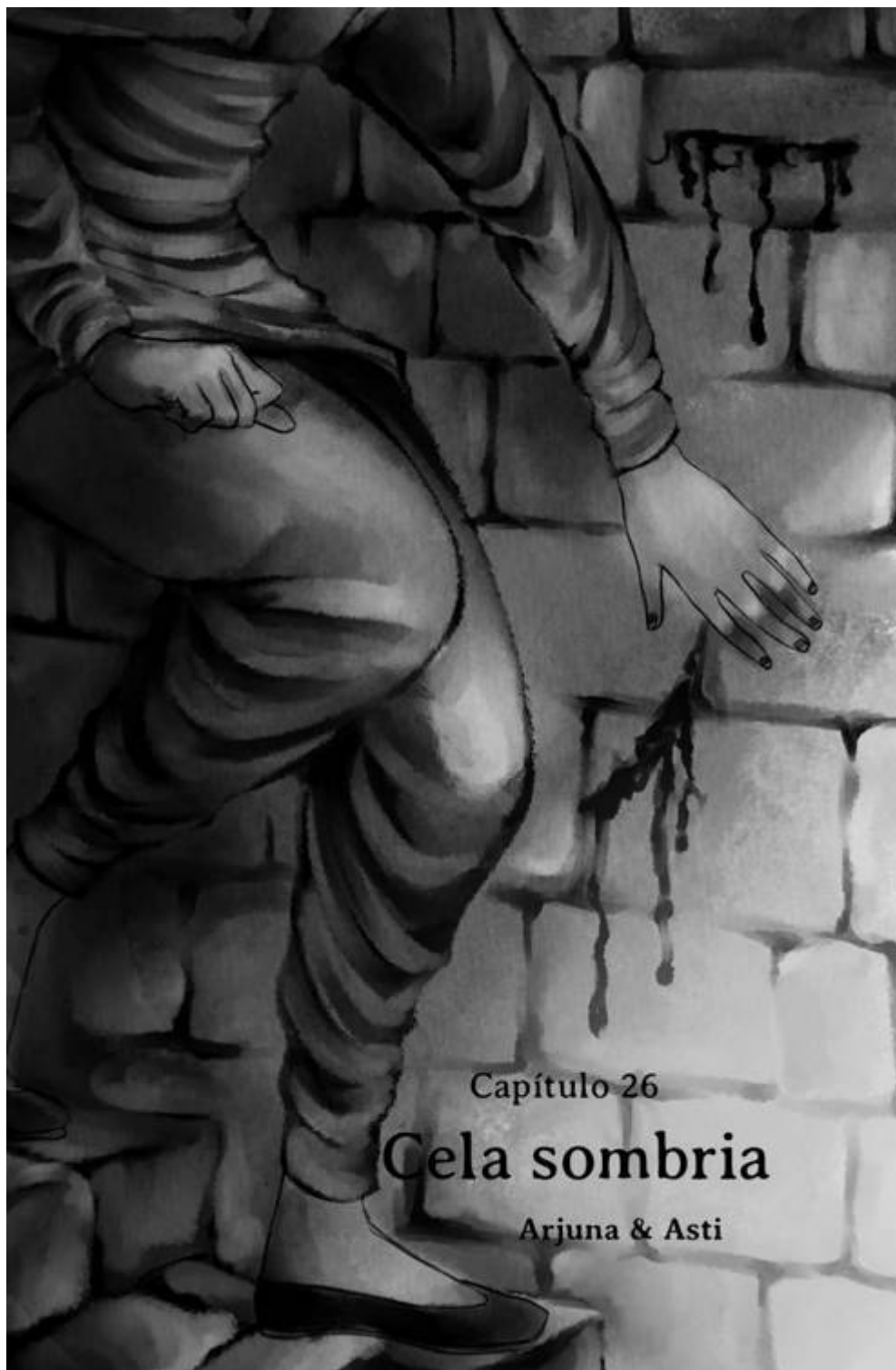
– Ignis ou não, tenham respeito! Não podem invadir a residência da mestra assim! – Gopala dirigiu-se a Arjuna que, com um clarão flamejante de Gandiva, manifestou sua irritação diante da insistência do empregado.

Em um relance, Asti enxergou um brilho metálico no fundo do espelho d'água iluminado pela chama.

– O desenho que Radha fez para mim!

Era a figura do círculo dividido em seis partes. Estava engastada em um ladrilho, bem no centro do espelho d'água. Asti desceu as escadas, ansiosa, e Arjuna juntou-se a ela. A jovem entrou na água, dirigindo-se à pedra com o símbolo. Ao pisar nela, um estranho efeito aconteceu. As ondulações caóticas da água se organizaram em linhas paralelas brilhantes. Asti respirou fundo e pisou na linha mais próxima dela. Seu corpo inclinou-se para baixo. Era um degrau! As linhas formavam uma espécie de escadaria que a Alaya desceu, acenando para Arjuna segui-la.

Asti havia descido as escadarias incontáveis vezes em seus sonhos, mas era a primeira vez que o fazia de verdade. Ela tentou controlar o medo. Rodeando-a estavam os corredores sangrentos e, à frente, ela sabia que encontraria a cela de Raveni.



Capítulo 26

Cela sombria

Arjuna & Asti

Que... lugar é esse? Quer dizer que a mestra tinha mesmo uma entrada secreta? – Gopala desceu a escada com passos medrosos, seguindo Asti e Arjuna.

De repente, tudo escureceu. Gandiva brilhou na ponta do arco de Arjuna, iluminando um pouco o corredor.

– O que você fez, Apa?! – Arjuna, irritado, aproximou-se de maneira ameaçadora do serviçal, que se contraiu esperando por punição. Mas o Ignis apenas bateu o lugar onde estava a escada, procurando-a.

– Não fiz nada, milorde. Apenas os segui!

– Idiota! Como sairemos daqui agora?

– Shh...! – Asti pediu silêncio. – As paredes... estão sussurrando coisas!

– Eu diria que você é propensa a ouvir coisas... mas estou ouvindo também!

Asti tapou os ouvidos, trêmula. Arjuna notou seu desconforto e, completamente sem jeito, trouxe-a mais para perto, pousando a mão em seu ombro. Não deixaria que o pânico a consumisse. Ele levou o arco iluminado para perto de uma das paredes e enxergou uma série de mandalas. Pareciam escritas em sangue. Pulsavam na rocha onde estavam, como se fizessem parte de algo vivo.

– O que são essas obscenidades? – disse Arjuna, perplexo, enquanto examinava os desenhos rodeados de inscrições em sânscrito. – “Transmutação bestial”, “Mergulho dos sentidos”, “Panaceia sanguínea”, “Alma sombria”... Parecem fórmulas... de poderes Varnis!

– Foram feitos pela mestra Radha! Reconheço seu traço! – exclamou Gopala, horrorizado.

– Quer dizer que ela estava estudando magias Varnis? Ela é cúmplice deles? – perguntou Arjuna.

– Não! Não! Radha devia estudar essas magias para compreender melhor minha maldição. Lembro de vir aqui. E não só em sonhos.

Asti se lembrou de Radha e Draupadi estudando juntas, rabiscando mandalas nessas paredes-lousas. A garota dirigiu-se a uma estante com pergaminhos, provavelmente usados como material de referência. Arjuna reconheceu o selo restrito dos Pandavas em alguns deles.

– Esses pergaminhos vieram da nossa biblioteca! – O Ignis leu alguns dos títulos: “Os Grandes Elementais”, “O Oráculo Mímir”, “Dririmancia e Possessão”. – Pouquíssimas pessoas têm acesso a esses documentos. Yudistira e talvez um ou outro grande sacerdote. Draupadi com certeza foi uma delas, quando era a forjadora-mestra. Nem mesmo eu, como príncipe, posso ler um pergaminho de selo restrito.

– Foi essa a traição que levou minha mãe a ser condenada? – questionou Asti. Draupadi nunca havia esclarecido a ela quais crimes havia cometido contra os Pandavas.

– Sim... Vazamento de informações proibidas a membros de outras guildas. No caso, a guilda Gaia. – respondeu Arjuna.

– Não era somente com os pergaminhos que as duas estudavam minha maldição... Todas as mandalas sangrentas... Seus conhecimentos eram extraídos de Hollow Varni dentro de mim. Havia alguém que Radha e minha mãe consultavam. Um... intérprete. Alguém que conseguia ouvir os chamados do seu sangue.

Lembrou-se dos olhos vermelhos dele. No mesmo instante, avançou em direção ao fim do corredor, onde havia uma cela. Gandiva apertou suas garras no ombro da Alaya em posição defensiva, parecendo mais assustado que ela. O fogo do elemental não a queimava, mas seu calor a confortava; sentia-se protegida por ele. A luz de Gandiva iluminou pouco a pouco o interior da cela.

Havia desenhos macabros feitos em sangue. Gandiva inflamou com mais força, iluminando todo o lugar. As paredes estavam repletas de figuras de cálices e inscrições.

“Cálice.”

“Moha.”

“Lohba.”

“Dvesha.”

Pareciam frases escritas por um louco. Asti se deteve em uma delas, empalidecendo.

“Eu me torno Raveni.”

Arjuna e Gopala estavam em pé, na entrada da cela. O serviçal tinha uma expressão sombria.

– Aqui era a cela do Lorde Raveni... – Asti balbuciou para si.

– Quem? – Arjuna não entendeu.

– Era ele que atormentava meus sonhos, que queria libertar Varni de mim, a “prisão de carne”. Quando eu comecei a sonhar com ele, alguns anos atrás, um Deva arqueiro passou a me proteger. Eu contei tudo para minha mãe, e ela quase chorou; disse que o arqueiro era Bhima, seu discípulo, que tinha morrido para me salvar das garras de Raveni.

– O quê!? Quer dizer que esse tal Raveni é o assassino de Bhima? – espantou-se Arjuna.

– Acho que sim... Minha mãe nunca quis me contar essa história. É algo que ficou entre ela, Bhima e Radha. – disse Asti.

– Pois agora eu também quero encontrar a tal Apa-mestra! Tenho muitas perguntas a fazer a ela. É a única ainda viva nessa grande confusão.

Asti olhou chocada para Arjuna. Ela não havia assimilado ainda a morte da mãe. Demorou alguns instantes para que concordasse com a afirmação.

Em silêncio, o trio percorreu um longo corredor até uma escadaria que os levava cada vez mais para baixo. Os degraus eram altos e estreitos, pareciam não ter fim. Arjuna ia à frente. Dessa vez, o Ignis deixou a garota subir em suas costas. Pela distância que percorriam, calculou que deviam estar cruzando a distância entre a mansão de Radha e a Torre dos Portais. As duas construções eram unidas por essa passagem subterrânea.

“Que prático para Radha dirigir-se à Torre sem ser incomodada.”, a jovem pensou. Pela inclinação, a rampa às vezes se tornava uma parede a ser

escalada, e eles deveriam estar descendo para as próprias fundações da Torre. Gopala coçava a mão mumificada e tremia. Parecia cada vez mais cansado.

– Você está bem? – Asti perguntou solidária.

– Minha saúde não é das melhores, pequena Alaya. E não ajuda nada aos meus nervos saber que estamos indo para o Portal Agourento!

– Você não é obrigado a nos seguir, Apa. Se quiser, espere lá em cima – retrucou Arjuna.

– Sozinho, no escuro, entre mandalas amaldiçoadas e uma cela abandonada? Não, obrigado milorde! E apesar de tudo, quero saber que fim levou a mestra...

Uma luz azulada indicava o fim da escadaria. Diante deles, sob uma gigantesca gruta, erguia-se um castelo em ruínas, parcialmente submerso em um lago de águas azuis cristalinas. O brilho que iluminava de maneira fantasmagórica o lugar vinha do fundo de suas águas.

Continuaram até as margens do lago. Asti tinha certeza de que nunca tinha estado ali na vida, mas o castelo lhe evocava sentimentos melancólicos. Era como se ela retornasse ao lar. Um ligeiro tremor vindo da construção gerou ondas que molharam preguiçosamente seus pés. O castelo parecia um velho tentando sair do leito. Paredes mudavam de lugar, erguendo-se em alguns pontos, desfazendo-se em outros, tudo para tentar cobrir os extensos danos em sua estrutura. Era um esforço vão, mas a magia reparadora não tinha sido projetada para julgar a futilidade de suas ações.

Arjuna observava quase hipnotizado os corredores e salões do castelo sendo expostos e escondidos, como o movimento intrincado de um grande mecanismo. Altos-relevos e esculturas que ornavam as paredes da construção pareciam vivas. Eram representações das mais diversas: os castigos do inferno, fantasmas em meio a florestas atormentando animais e aldeões, deuses em luta empunhando armas mágicas contra grandes bestas. Foi quando ele se deu conta do que estava realmente vendo.

– Os seis reinos da existência! – disse Arjuna, arregalando os olhos.

– Os seis reinos...?

– Dizem que todos os seres nascem e reencarnam em seis tipos de existência, de acordo com seu carma: os pecadores nos infernos, as almas

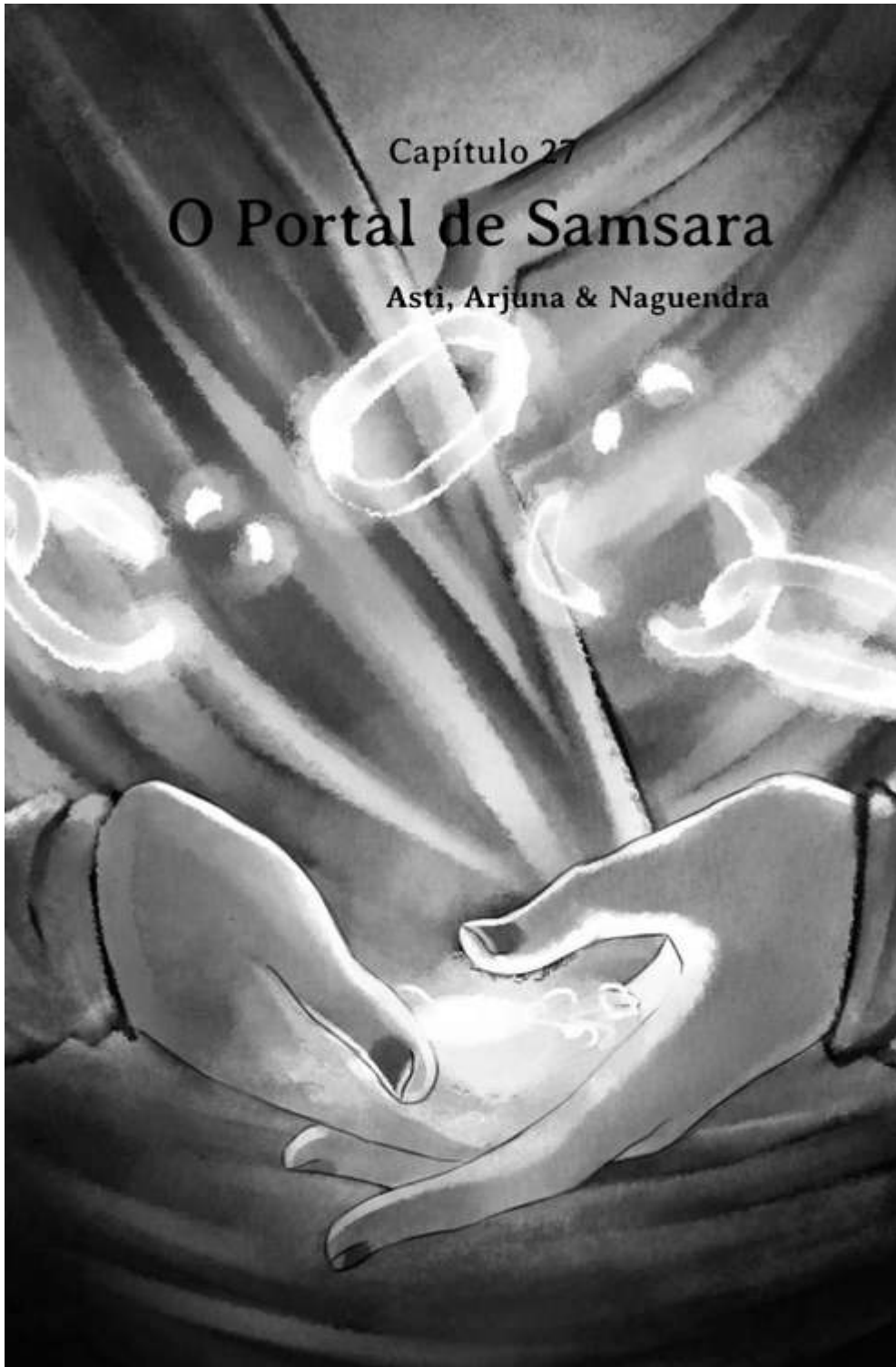
famintas, os animais, os Alayas, os deuses desvirtuados e os Devas. Nunca havia parado para pensar nos “deuses desvirtuados”, mas à luz do que aprendi nesses dias, eles bem que podem ser os Varnis.

– Então esse castelo... Ele é o próprio círculo dividido em seis! – exclamou Asti.

Capítulo 27

O Portal de Samsara

Asti, Arjuna & Naguendra



— **V**ocê tem certeza que sabe o que está fazendo?! — disse Arjuna, segurando a mão de Asti.

Apesar de seu físico sobre-humano, as paredes em movimento não distinguiriam Devas de Alayas ao esmagá-los. Asti não respondeu, olhando com desafio para o labirinto. Concentrada, esperava a configuração das paredes coincidir com a imagem que tinha em mente.

— Agora!

Uma fenda se abriu em uma parede com um forte rangido. Asti saltou para dentro do buraco, puxando Arjuna consigo e caindo em um corredor. Gopala os seguiu de forma desajeitada, quase sendo prensado na fenda que se fechava, se não fosse Arjuna a puxá-lo pela roupa. A cada corredor que venciam estavam mais próximos do Portal de Samsara. Será que Radha a esperava ali, como havia dito em seu sonho? Até agora, as visões do festival se mostravam certas.

— Acho que temos de esperar um pouco até o castelo voltar a se mexer... — disse Asti, andando até o fim do corredor perigosamente inclinado, procurando antecipar onde as paredes se abririam. Tentava se localizar com a pouca luz que vinha de pequenas rachaduras na parede. — Acho que estamos perto agora!

Arjuna sentou-se de cócoras contra a parede. Há algumas horas, nunca se imaginaria seguindo ordens malucas de uma Alaya.

— Por que será que há um castelo nas fundações da Torre dos Portais? — perguntou, sem muita expectativa de resposta.

— Existem lendas a respeito... — murmurou Gopala, pálido. — Uma delas é a minha favorita, pois começa com uma história de amor. Dizem que a Torre

foi construída sobre um antigo castelo, a morada de Satrupa.

– Satrupa? – ouviu Asti, interessada.

– Ela foi a primeira Alaya, a esposa de Hollow Deva. Os maiores festivais de Dwaraka são feitos em homenagem a ela e seu trágico...

Um rangido na parede fez com que todos se levantassem.

– Agora! – gritou Asti.

Dessa vez, não era a parede que deslizava, mas o chão. Estava completamente escuro abaixo deles, mas a garota pareceu enxergar de relance o brilho azulado de uma mandala. Poderia ser o Portal de Samsara flutuando sobre a água, mas se não fosse... Seria uma queda considerável, até mesmo para um Deva.

Por instinto, Asti recuou; logo não haveria mais onde pisar. Seus olhos e os de Arjuna se cruzaram. O Ignis cerrou os dentes em um sorriso desafiador e, segurando Asti nos braços, pulou no nada, na direção da luz azul.

– Arjuna! Arjuna! – Asti dava leves tapas no rosto do Deva.

– Hum? Estou em casa? – Arjuna esfregou os olhos. Asti observava-o com olhos arregalados, parecendo aliviada. Seus cabelos molhados e soltos lhe conferiam um ar mais adulto.

– Dessa vez não fui eu quem precisou ser acordada depois de cair na água!

– E o serviçal...? – Arjuna perguntou, sentando-se ainda desorientado por ter absorvido todo o impacto da queda.

– Está ali. – Asti apontou para o Apa desacordado, que estava um pouco afastado deles. Estavam às margens de um lago.

– O Portal de Samsara! Estamos na câmara do Portal, não é? – enfim Arjuna lembrou-se do que procuravam.

– Sim! Melhor que isso! Veja!

Uma gigantesca mandala de transporte flutuava acima do lago. Palavras em sânscrito moviam-se em suas bordas, interagindo com as palavras ao redor, tornando-se outras. Cada interação emanava uma suave nota musical, fazendo o Portal cantar.

Arjuna entrou no lago, seguido por Asti. Não era muito profundo, molhando apenas até seus joelhos. O Deva examinou a mandala dirigindo-se

ao seu centro e reparou que, apesar de ela se estender por uma extensa área, sua capacidade de transportar pessoas era pequena. A área de transporte comportava apenas uma pessoa. Ele depositou a joia nas mãos de Asti.

– Mas... Eu não sou uma Ignis como você! O gelo não vai derreter!

– Eu imagino que isso não é uma questão de magia, mas de destino. Você nasceu para isso. Vá até o Templo de Samsara e salve os Devas desse demônio de sangue – disse ele, surpreso com as próprias palavras.

– Eu... Obrigada por...

Arjuna sorriu e lhe deu as costas, saindo da área da mandala para juntar-se ao serviçal na margem. Sozinha no centro da mandala, Asti abriu as mãos. A joia parecia fumegar, em expectativa.

– Será que eu preciso pedir para que você faça o Portal funcionar? – sussurrou ela à joia.

Como se atendesse ao seu pedido, as correntes de sua tatuagem moveram-se em direção à palma de sua mão. Alguns elos da corrente deixaram sua pele e envolveram por completo a joia, que brilhou como se fosse o próprio sol. Uma violenta corrente de ar quente jogou Arjuna para a margem do lago. Ele não conseguia enxergar a Alaya; um intenso clarão partia dela e ofuscava tudo.

– Piedoso Yamuna! A temperatura ali deve estar em milhares de graus! – exclamou o Ignis, cobrindo os olhos. Não fossem as correntes envolvendo a joia, a garota seria vaporizada.

– Milhões de graus, como no centro do sol – o serviçal explicou, bastante alerta para alguém que estava inconsciente havia alguns instantes apenas.

Arjuna sentiu um golpe gelado do punhal em seu estômago. O veneno Dvesha vitrificou com rapidez os chakras próximos ao corte. Ele caiu sobre os joelhos, sentindo cada vez menos a presença de Gandiva. A câmara do Portal mergulhou na escuridão. O tênue brilho azulado da mandala eventualmente voltou a iluminar o lugar, e Arjuna se viu diante de Gopala, que o encarava com uma expressão demoníaca, realçada pelos seus olhos vermelho-brilhantes. Uma estranha névoa negra o envolvia, como se sua sombra estivesse evaporando.

– Tsc, tsc! Ingênuo... Como o irmão...

– Que-quem é você, afinal? – Arjuna gemeu, arregalando os olhos com a súbita constatação. – Você é o...!

– Lorde Raveni? – disse uma voz sibilante atrás de Arjuna.

– Você demorou, Naga...

Tudo não podia ficar pior.

– Mesmo que você estivesse se comunicando conosco pelas sombras, suas indicações eram difíceis de entender! – justificou-se Naguendra. Estava coberto de hematomas, reduzido ao seu físico de Deva, com algumas partes de seu corpo vitrificadas. O efeito do preparado Varni havia passado, como sempre.

– Cuidem do Ignis, sim? – disse Raveni às Naguinis. Em instantes, Arjuna era subjugado por vários braços escamosos. Raveni lambeu o sangue do arqueiro em seu punhal e se dirigiu para a mandala, acompanhado por Naguendra.

Asti não havia sido transportada, mas continuava em pé no centro do mecanismo. Entretanto, seus olhos vidrados denunciavam que sua mente não estava lá. Seus lábios pareciam balbuciar algo, mas era quase impossível escutar qualquer som.

– Finalmente, depois de tantos anos, encontro-a novamente Cálice... A última vez em que a vi, você era uma criança, e sua maldita mãe adotiva traía os Ignis entregando à Radha vários de seus pergaminhos restritos... – Raveni sorriu, alisando o rosto da garota com a face do seu punhal. – O que foi feito da Mariposa, cobra?

– Teve o fim que merecia, vitrificada na pousada da Herbalista. É uma pena que ela tivesse de morrer... um recurso tão eficiente, mas tão imprevisível!

O serviçal aproximou o ouvido nos lábios de Asti que murmurava palavras – ou sílabas – de uma língua primordial.

O mantra Brahmadanda.

A cada sílaba do mantra, um elo da corrente-tatuagem de Asti se partia. Eles se desprendiam do corpo da Alaya, caindo como faíscas no chão.

– Gostaria de ver o que você está vendo, Cálice... A visão do Templo de Samsara deve ser impressionante, não é mesmo? Pena que só sua alma possa fazer a viagem...

Raveni apunhalou o coração de Asti, que engasgou ao terminar de entoar o mantra. O corpo inerte da Alaya desabou, sem um espasmo sequer, aos pés de Raveni. O sangue liberto correu da ferida em seu peito e, à medida que deixava seu corpo, a tatuagem desvanecia até não mais macular suas costas, desaparecendo por completo.

– Mestre!... Enfim... Sua Divindade... livre! – exclamou Raveni, eufórico. O punhal do serviçal de Hollow Varni havia se tornado a chave para libertá-lo de sua prisão de carne.

A água tingida pelo sangue amaldiçoado agitou-se por conta própria. Os delicados símbolos do Portal se desfizeram e toda a água do lago se contraiu em um grande espasmo. No centro do que era o Portal de Samsara, surgiu o Cálice profano: um crânio com o topo cortado, de forma ovalada, exibindo enormes presas. Parecia feito de um cristal intensamente avermelhado. Naguendra e as Naguinis quase se esqueceram de Arjuna, boquiabertas com a concretização da Profecia.

– “O Cálice de carne se tornará joia preciosa” – balbuciou Naguendra, com um sorriso formando-se em seu rosto ao testemunhar o momento tão esperado.

Raveni segurou a taça com as mãos trêmulas de emoção. Ao aproximar o objeto dos lábios, sangue surgiu de forma mágica em seu interior. O aroma era inebriante e eriçava todos os sentidos de seu corpo. Ele tomou o líquido com reverência e sentiu como se nascesse outra vez e se tornasse perfeito. Seu corpo desapareceu como se fosse fumaça ao vento.

As Naguinis se dirigiram para onde estava Raveni, confusas.

– Lorde? – gritou Naguendra para a ampla câmara ao seu redor.

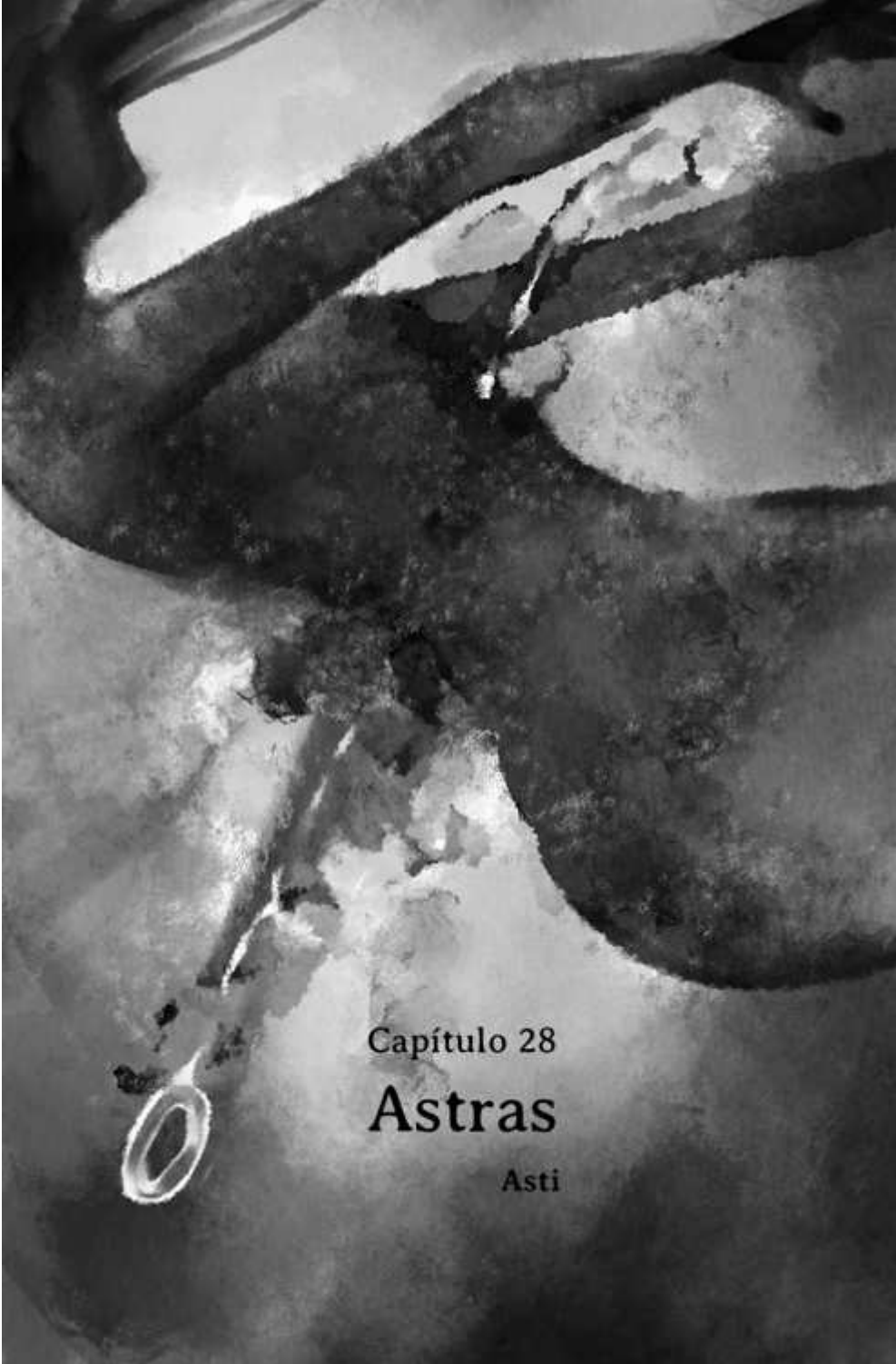
– Eu... estou... aqui... réptil!

Lorde Raveni envolvia toda a câmara, sua sombra, como viva, lembrava um imenso corvo, cujas asas tocavam as sombras de todos.

– Como é... grandioso... Eu enxergo... Eu sinto... tudo...

Como um fantasma negro, Raveni flutuou ao redor de Naguendra e se materializou com o Cálice em suas mãos.

– Eu sou a... ave. Você é a... serpente. Chegou a hora... do renascimento. Você e suas irmãs Naguinis... Seremos... Varnis!



Capítulo 28

Astras

Asti

Na viagem pelos caminhos da alma, Asti chegou ao Templo às margens do rio do Sofrimento Infinito. Estava no saguão de uma construção feita de desígnio e vazio, imersa em meio a uma tempestade de areia que cobria todo o horizonte. Era um espaço sóbrio, de proporções rigorosamente quadradas, desprovido de qualquer ornamento. As superfícies das paredes pareciam mover-se, como água turbulenta por trás de um aquário.

Asti percebeu que se tratava de areia da tempestade, ainda cheia de velocidade. O vazio construía o espaço. Era como se o templo fosse uma “bolha”, só que mais complexa, cheia de reentrâncias, um oco dentro da tempestade.

– Alguém? – sondou hesitante os corredores silenciosos, até chegar a uma antessala repleta de portas, todas trancadas com grossas travas de metal. Então, era este o Templo de Samsara?

O mantra Brahmadanda!

Era para isso que estava ali. Exploraria o local depois. O importante agora era entoar as 108 sílabas que Draupadi havia lhe ensinado: o mantra para destruir um deus. Ela se sentou ali mesmo e o Templo pareceu reverberar quando entoou a primeira delas.

A cada sílaba, sentia um formigamento na pele, como se sua tatuagem ardesse. Seu corpo parecia algo distante, um incômodo, de certa maneira. A garota percebeu elos de correntes desfazendo-se sob seus pés, trincando e sumindo em faíscas no chão. A magia surtia efeito! A tatuagem maldita se desfazia! E, então, alguém tocou-lhe as costas.

Era uma Deva pálida, magra e de cabelos curtos prateados. Usava uma delicada manta e uma tiara com enfeites que, curiosamente, lembravam

chifres de boi, remanescentes de sua origem Gopi.

– Você veio, minha querida menina!

– Radha! – exclamou Asti, interrompendo o mantra em sua última sílaba. Uma dor aguda surgiu em seu peito. Um elo dourado de corrente caiu intacto próximo a ela, com um tilintar metálico. Asti teve a sensação de um enorme peso subtraído de dentro de si. Era como se ela fosse metal separado da escória. Não sentia mais a tatuagem em suas costas ou as correntes em torno de seu corpo. Assustou-se ao ver que tinha um grande corte em seu coração, sem nenhuma dor. Mas o que a afligia era não saber se a maldição havia, por fim, terminado.

– Fiquei com medo de não encontrar você! – disse docemente Asti.

A Apa-mestra devolveu-lhe um largo sorriso e sentou-se com a protegida no chão, pousando a mão na sua cabeça.

– Também fiquei com medo de não chegar a tempo, minha querida.

– A tempo de quê? – perguntou a jovem.

– De fazer diferença.

O elo dourado parecia refletir o brilho de chamas, mas não havia fogo por perto. Sem saber o porquê, Asti tomou o objeto em suas mãos. Radha observou o gesto satisfeita e quebrou o silêncio, apontando para as portas à frente delas.

– Antigamente, este lugar não pertencia aos Varnis. Antes de ser um Templo para suas pesquisas profanas, era um complexo de observatórios dos primeiros Devas.

– Observatórios? Para ver estrelas? – perguntou Asti, sem entender.

– Algo parecido. Para estudar um tipo de cosmos, como o universo das estrelas, sabe? Porém de outra natureza – respondeu da mesma forma vaga. – Por trás de cada porta há um observatório diferente. Os Varnis trancaram todas as Câmaras de Samsara, e eu tenho me dedicado a tentar abri-las. Tive sucesso com pelo menos uma: a Câmara Ancestral. É lá que você encontrará as respostas para a maldição que deixou seu corpo para se espalhar pelo mundo inteiro.

– O quê? Quer dizer que Hollow Varni... não morreu? O mantra Brahmadanda falhou? – disse Asti, angustiada.

– Pelo contrário! Ele funcionou com perfeição!

– Então... eu não entendo...

As palavras de Asti foram dirigidas ao vazio. Sem que se desse conta, estava sozinha na antessala das portas. Hesitante, entrou na Câmara Ancestral.

Era uma sala feita de paredes de areia, como o resto do Templo, mas ali o chão também era de areia em movimento, o que a fazia sentir um pouco abrasivo nos pés. A sensação era a de se arrastar sobre lixa, e a percepção era persistente mesmo quando parava de andar. Não que fosse dolorido ou incômodo. A informação transmitida para sua mente era um lembrete.

Sangue foi vertido dos pés de Asti, sendo absorvido e carregado pela areia, misturando-se ao chão e às paredes da câmara. A areia tingida formou padrões na parede à frente dela. Redemoinhos transformaram-se em um corpo feminino, com cabelos esvoaçantes e um rosto familiar. A garota teve a impressão de estar em frente a um espelho grosseiro. A imagem refletida, com certeza, era a dela... ou não? A mulher feita de areia moveu-se e observou Asti levando as mãos ao peito. Parecia uma versão mais adulta da Alaya.

– Mãe? – Asti soluçou.

Não era Draupadi, mas aquela que lhe deu à luz. A mãe que nunca havia conhecido.

Asti ajoelhou-se em frente à parede. Tocou a palma da mão na areia, gesto que foi repetido pela figura. Mais sangue verteu dali, formando outras figuras nas paredes ao redor. Asti compreendeu.

– Vocês são as Astras... Minhas ancestrais! – disse, irrompendo em choro.

A mãe de Asti acenou a cabeça. Levantou-se e deu as mãos para as outras Astras. A garota correu os olhos pelas paredes, querendo fixar na mente cada vulto de sua família. Havia um deles, no entanto, afastado dos demais, uma sombra proscrita.

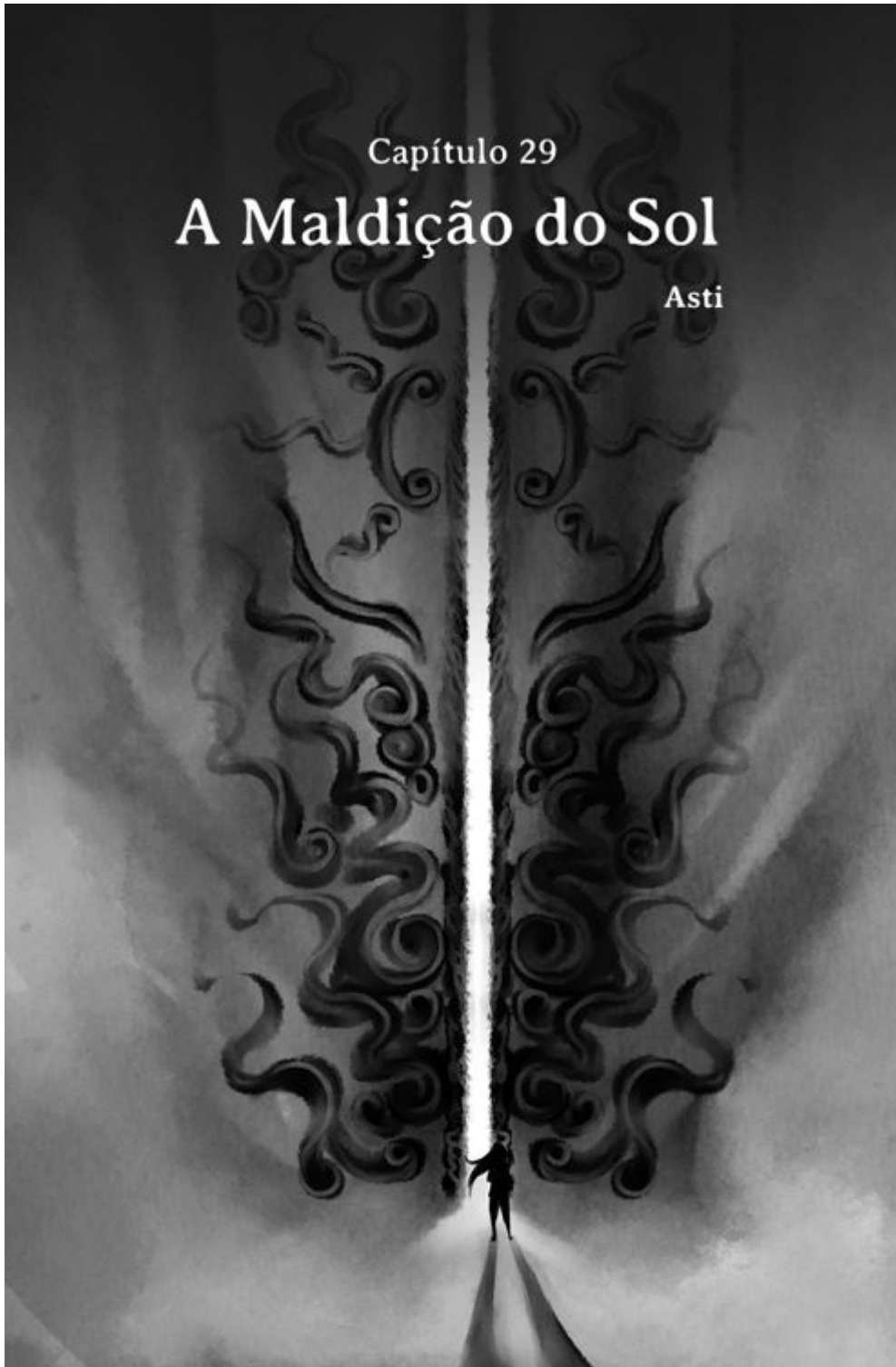
O último elo de corrente que estava com Asti agitou-se e, como se fosse um projétil, soltou-se de sua mão atingindo o vulto solitário. Tamanho foi o impacto que chegou a furar a parede. Com rapidez, a areia cobriu o buraco, mas o elo dourado se debatia, como que movido por ódio, impedindo que a figura do vulto voltasse a se formar.

Asti agarrou o elo com força, tirando-o da parede com muito custo. Novamente, a imagem do vulto proscrito se formou, com o rosto bem mais definido do que as outras Astras. Asti sentiu uma estranha urgência em aproximar-se dela. Subitamente, os braços do vulto saltaram da parede e envolveram a Alaya. Areia vermelha cobriu-a por completo, entrando em sua boca e narinas, sufocando-a até tudo se tornar negro.

Capítulo 29

A Maldição do Sol

Asti



Asti protegeu os olhos do sol ofuscante em seu rosto. Era estranho. O sol parecia muito maior do que costumava ser. E tinha feições animais, como as de um tigre.

– TRAI DORA!

O sol rugiu para Asti, que se encolheu e caiu para trás com o susto. Bem ao longe, um estrondo vindo do que só poderia ser um terremoto desviou a atenção da estrela-tigre. Asti não acreditava: era uma montanha que desabava, causando uma gigantesca nuvem de poeira.

A montanha viva retorcia-se em dor! Acima das nuvens de poeira, que chegavam de forma ameaçadora ao local onde estava, Asti via a cabeça de um imenso elemental de pedra. Parecia testemunhar o fim do mundo.

– NAZCA! – urrou o sol, movendo-se para a montanha agonizante.

Só então Asti percebeu que o sol era um felino alado, com suas chamas quase brancas de tão intensas e com suas asas crepitantes capazes de evaporar oceanos. Uma sombra escureceu o espaço ao redor da garota. Ao virar-se, paralisou-se de terror.

Uma quimera alta como um elefante estava atrás dela. Suas três cabeças (uma de corvo, uma de porco e outra de cobra) sorriam malevolamente, inebriadas pelo espetáculo de destruição. A entidade tinha pele vermelha, e Asti de imediato soube quem, ou o que, era: Hollow Varni.

A cabeça de cobra voltou-se para ela e a criatura estendeu-lhe a mão. Em vez de fugir dali, Asti sentiu que seu corpo não lhe obedecia. Saltou para a mão de Varni, acomodando-se em seu ombro. A garota segurou-se às escamas brilhantes da cobra, e, horrorizada, enxergou o próprio reflexo: não era seu rosto, e sim o do vulto proscrito da Câmara Ancestral.

– Renda-se, Bramastra! – Asti surpreendeu-se com o próprio tom da voz, impiedoso e autoritário, e mais ainda por ser ouvida de tamanha distância pelo tigre solar. – Seu irmão Sahara já caiu, Nazca também! É uma questão de tempo para o veneno Dvesha dar cabo de você! Quanto mais resistir, mais agonizará!

– Parricida! Envenenadora! Como pode trair o rei dos elementais em favor desse monstro? – vociferou Bramastra, pousando desajeitadamente aos pés do monstro de três cabeças. Podia sentir seus chakras desfazendo-se no ar.

Hollow Varni agarrou a cabeça de Bramastra e segurou-o pelo pescoço. Não pretendia asfixiá-lo, queria logo arrancar-lhe a cabeça, destruí-lo.

O felino podia apenas desejar que seus irmãos reencarnassem bem. Seria improvável que se agrupassem de novo, como elementais de um único deus, a exemplo de Hollow Deva. Talvez nem se encontrassem em uma mesma época. A despedida soava amarga à Bramastra. Mas a filha desnaturada de Deva, aquela que acolhia em sua carne a entidade de sangue, pagaria caro.

– Eu a amaldiçoo, Astra! Você e suas filhas! – gritou, desvencilhando-se da quimera com as forças restantes. Bramastra estendeu suas asas com o brilho de mil sóis e, entoando o mantra dos 108 elos, transformou-se em uma corrente flamejante que enclausurou Hollow Varni dentro da única filha de Hollow Deva.

Arfando, Asti viu-se novamente em meio à Câmara Ancestral.

Então, havia não somente uma entidade vivendo em seu corpo, mas duas? As correntes de sua tatuagem eram um elemental? E se Bramastra era a barreira que prendia Hollow Varni a ela, isso significava...

Asti empalideceu. Draupadi estava errada. O mantra capaz de destruir um deus acabaria primeiro com Bramastra, que envolvia Hollow Varni. E agora, a entidade de sangue havia se libertado. Estaria ela talvez... morta?

A ideia de que não estava em seu corpo e que morria em um plano longe dali pegou-a de surpresa. Porém, não ficou triste ou com medo da morte. Se pudesse reencontrar Draupadi, ou Lis e Camil, ou até aquela jovem ladra... Ela tinha muito mais entes queridos no mundo dos mortos do que no dos vivos. Seu coração, entretanto, oprimiu-se com o pensamento de que ela

era o fim da linhagem das Astras. Jogava fora o sacrifício de gerações que passaram a vida contendo o mal dentro de si.

– Perdoem-me, ancestrais! – lamentou Asti, caindo de joelhos no chão. Não havia mais figuras de areia nas paredes. Estava sozinha.

Seu olhar bateu no elo dourado, o último resquício de Bramastra, no chão da câmara. Asti o segurou contra o peito: era quente como o calor emanado de uma pessoa. As paredes do Templo de Samsara tornaram-se fogo e, de repente, a garota se viu em outro lugar. Estava de frente a um Portal, como os Portais que viu emanando dos Alayas. Entretanto, aquele era muito maior que qualquer outro existente, e suas proporções estranhas ao senso comum: largo como uma porta, alto como uma montanha, lembrava mais um risco metálico no nada. O seu próprio Portal para Maan.

– Então, você é Asti...– disse uma voz vinda do outro lado do Portal. – Eu me perguntava sempre como você seria.

Asti fitou o Portal e cobriu os olhos. Diante de si, um mar de chamas como a própria superfície do sol. Não tinha certeza, mas podia jurar que via a silhueta vaga de um gato brilhante deitado sobre o plasma incandescente. Tinha a voz profunda, que não combinava em nada com seu corpo de animalzinho, de longas orelhas e asas, em cujas penas crepitavam débeis chamas.

– Quem é você? – perguntou, fascinada pelos olhos cristalinos do felino. Poderia ser...

– Sou Bramastra, ou o que restou dele – disse o elemental, lendo os pensamentos da jovem e compartilhando os seus com ela. O gato levantou o rosto, mas logo o abaixou de novo, como se estivesse cansado.

Asti sentia nele uma solidão ainda maior que a dela própria. Ciclos intermináveis de reencarnações, contendo o mal dentro dele. O fim seria breve. Quando o corpo de Asti esfriasse sem vida, sua existência cessaria também.

– Bramastra... Perdoe-me... Eu e Draupadi... Nós pensamos que destruiríamos Varni com o Mantra Brahmadanda! Eu não queria ferir você. Nem sabia de sua existência – disse ela, olhando para baixo.

– Não é a pior coisa que você já fez, descendente de Astra. E o que lhe importa se a perdoo ou não? Morreremos de qualquer forma – disse conformado, descansando a cabeça sobre as patas.

– Não! Não é nosso fim ainda!

Bramastra ergueu os olhos, intrigado.

– Você me aceitaria? – Asti perguntou timidamente, com o respeito que sentia ser necessário. – Meu corpo seria seu lar. Serei sua parceira e não mais só um receptáculo para conter uma maldição. Não sei por que Astra traiu você e seus irmãos, mas eu não sou ela. Pessoas importantes para mim sofreram com o demônio em meu sangue.

Bramastra pareceu hesitar perante a confissão sincera de Asti. Ela se levantou decidida, abrindo os braços.

– Venha! Não podemos acabar assim! Juntos somos um Deva! O sol que afasta as sombras! Esqueceu que tem uma missão? É a mesma que a minha: eliminar Hollow Varni da face do mundo. Eu não quero desistir! Não podemos desistir!

Era certo que Asti lembrava-lhe Astra. Não a traidora, mas a garota que chamava de filha, pois Bramastra, Sahara e Nazca, sendo elementais de Hollow Deva, eram também seus pais. Um ciclo poderia estar se repetindo? A redenção depois da decepção?

Bramastra levantou-se com esforço e rugiu. O símbolo do sol brilhou em sua testa, e ele cruzou o Portal que o separava de sua nova parceira. De maneira irreversível, o Portal se estilhaçou, enquanto o elemental crescia, tornando-se um imenso tigre de fogo.

Asti o acolheu com um terno abraço e sentiu uma chuva de memórias ancestrais preencher sua mente, expandindo-lhe a percepção, como um botão de lótus desabrochando. E na medida em que Bramastra tornava o corpo de Asti o seu lar, a pele da garota se tornava arroxeadada.

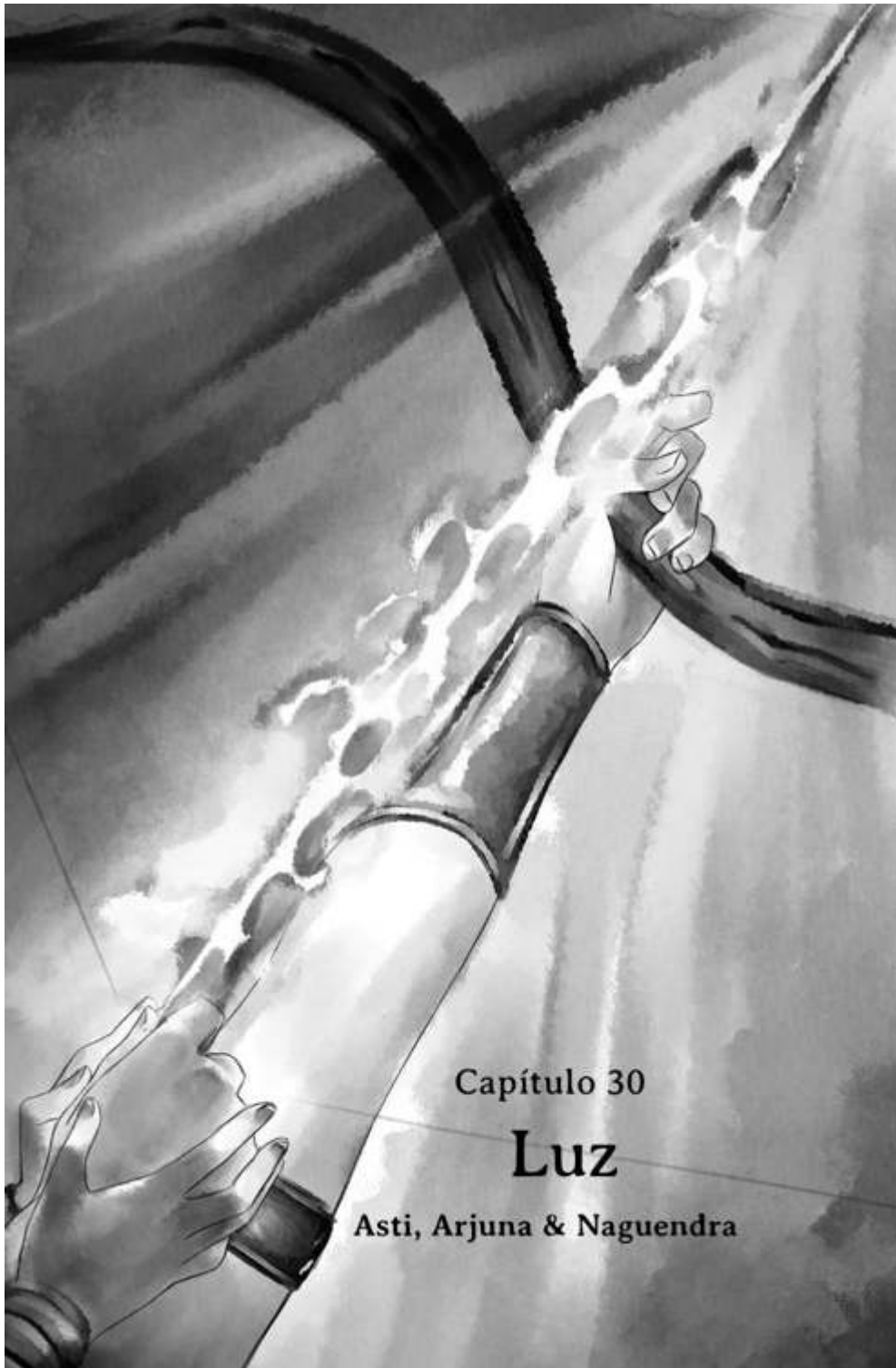
Estava novamente na Câmara Ancestral. As paredes que mostravam os vultos das Astras estavam vazias, com exceção da sombra proscrita, a Astra original, que se manteve em pé. Parecia sorrir para a sua última descendente. Asti devolveu-lhe o sorriso, sabendo que Bramastra em seu interior fazia o mesmo.

A garota Deva se deu conta que ainda tinha a Chave de Samsara em seu pescoço, ainda que apenas parte da joia, pois boa parte de sua água tinha sido usada para chegar até o Templo. Um pensamento fugidio iluminou a mente de Asti.

– A água do rio do Sofrimento Infinito são suas lágrimas, não são, Astra? A joia foi criada a partir dessa água e só o calor de Bramastra poderia derreter o gelo. – disse feliz por compreender a natureza do objeto mágico.

O restante da joia sublimou, desaparecendo no ar.

Asti precisava voltar para Dwaraka, para Arjuna. Esperava poder salvá-lo, o que não tinha conseguido fazer por seus amigos ou por sua mãe. Queria voltar à vida. Era a única coisa em que conseguia pensar.



Capítulo 30

Luz

Asti, Arjuna & Naguendra

Sem comparações, o sangue da Cálice era melhor que o preparado improvisado usado por Naguendra para se tornar um Varni. Não só a mudança era permanente, como permitia destrancar em seu corpo poderes até então desconhecidos.

As Naguinis entregavam-se à Naguendra, que, como um dos novos príncipes Varnis, transformava-as em magas do sangue. Por instinto, ele sugava o sangue de suas jugulares, um ritual de conversão esquecido havia eras.

Eram guerreiras enormes, com pele escamosa e avermelhada protuberando com músculos. Algumas experimentavam seus poderes transmorfos, tornando-se cobras gigantescas, como a finada Ulupi. Pareciam dominadas pelos instintos nessa forma, chegando a morder umas às outras em brigas sem o menor motivo.

– Agora posso dar-lhe a devida atenção, meu amigo! – disse Naguendra, aproximando-se de Arjuna. De seu rosto escorria uma satisfação brutal. Raveni sentou-se, acariciando o Cálice, curioso com o espetáculo que viria a seguir.

O Naga-Varni levantou Arjuna pelo pescoço. O estômago do arqueiro estava rígido pelo processo de vitrificação e qualquer movimento causava dores excruciantes. Ele jogou o Deva para o centro do lago seco e, provocando-o, arremessou-lhe o arco de Bhima.

– Vamos ser justos e dar uma chance de luta ao nosso príncipezinho! Ele mereceu, por sua insistência! Vamos, atire em mim, Pandava!

O réptil se arrependeria por ter dado essa chance. Arjuna empunhava o arco rangendo os dentes. Entretanto, a débil flecha formada em seus dedos não causaria o menor dano. Insistente, Arjuna mirou o Naga e, para sua

surpresa, de suas costas irrompeu um jato de plasma incandescente, que quase acertou o Varni. Naguendra desviou-se por puro instinto, não escapando, porém, de sair um pouco chamuscado. O disparo acertou Raveni, logo atrás dele, com tudo.

– O quê...?

Arjuna virou-se para trás. Asti estava em pé, andando em sua direção. Sua pele tinha o tom arroxeadado dos Devas, em uma cor mais intensa. Seus longos cabelos pareciam ainda mais compridos, agitando-se enquanto ela flutuava no ar, sustentada por suas asas de plasma incandescente. Tatuagens como mandalas brilhavam em seu rosto e nas mãos, embora não lembrassem em nada as tatuagens sangrentas que carregava antes. Eram magias de ataque. Asti tocou com as mãos flamejantes os ferimentos vítreos do Ignis, que desapareceram do corpo, curando-o por completo.

– Asti! É... você? – Arjuna quase não reconheceu a garota.

As asas de Asti se fecharam, mas não antes de jogar para longe os Varnis com uma onda de choque de calor. Ela se ajoelhou exausta ao lado de Arjuna, que a abraçou aliviado.

– Eu acho que gastei tudo o que tinha para voltar viva – disse Asti, sorrindo.

– Não sei o que aconteceu, mas não estou reclamando! Asti... você ascendeu, virou Deva! E você é uma Ignis! – disse ele, estupefato.

– Parece que sim... – respondeu com uma risada fraca.

Recuperadas do golpe de Asti, as Naguinis transformadas avançaram em direção aos dois Devas, vindas de todos os lados.

– Fique atrás de mim! – exclamou Arjuna, atirando flechas de fogo que acertavam os alvos, mas causavam pouco dano aos corpos dos Varnis.

– Bramastra! O que eu faço? – murmurou a garota, desesperada.

Instruções lhe vieram à cabeça e Asti não soube se vindas de Bramastra ou das memórias ancestrais que havia recebido. Gesticulando, criou uma aura de chamas fortíssimas ao redor dela, sem, entretanto, atingir as oponentes.

– E agora? Isso nos faz ganhar tempo, mas não acho que consigo atacar todas antes da sua magia acabar.

Uma ideia surgiu em sua mente. Ela colocou sua mão sobre a de Arjuna que esticava a corda do arco.

– Mire, Arjuna! Você é o arco e eu, suas flechas! – exclamou, fechando os olhos com força, concentrada em queimar o máximo que podia.

Arjuna consentiu com a cabeça, mirando impecavelmente cada Naguini. As flechas de Asti pareciam pequenas erupções vulcânicas que não davam às suas inimigas a menor chance de recuperação.

Vendo Naguendra no canto do olho, Arjuna virou-se com rapidez e mirou com gosto, atirando-lhe uma flecha que o reduziria a um esqueleto, se Lorde Raveni, ainda se recuperando, não o envolvesse em suas sombras e o transportasse a tempo dali.

Para a surpresa de Arjuna, Naguendra ressurgiu à sua frente e, sacando um punhal, cortou com violência o arco de Bhima ao meio. O arqueiro tentou se defender da lâmina do Naga, lutando com as metades da arma que ainda segurava.

– Asti! Fuja daqui! – gritou, tentando bloquear qualquer ângulo que Naguendra pudesse atacá-la.

No entanto, antes que Asti tivesse qualquer reação, Lorde Raveni materializou-se às suas costas, envolvendo-a em seu manto de sombras. Apavorada, lembrou-se de imediato dos seus sonhos, mas lembrou também que não era mais uma garota indefesa. Com um gesto, invocou um disco serrilhado de chamas em torno de sua cintura, expandindo-o dentro de Raveni, que se transformou em sombras a tempo de não ser fatiado em dois.

Livre da ameaça, Asti expandiu suas asas etéreas, brilhantes como o sol, destruindo grandes porções da própria Torre dos Portais. As asas do Grande Elemental abraçaram toda a cidade, dissipando a névoa dos Apas e fazendo surgir raios de sol na Câmara, mas o esforço foi demais para a recém-ascendida, que desabou no chão.

Arjuna correu para ampará-la, enquanto Raveni e Naguendra eram pegos pela luz, que tinha o efeito de ácido sobre suas peles. Pareciam surpresos com essa fraqueza inesperada. Sem encontrar um abrigo fácil, as Naguinis transformadas queimaram agonizantes até virarem cinzas. Seus gritos desencorajaram os dois líderes Varnis a continuar lutando. Raveni

envolveu Naguendra com seu manto e seus olhos vermelhos, cheios de ódio, encararam os de Arjuna.

– A Profecia não pode ser evitada, príncipe infeliz. Se não agora, séculos adiante. Mas há de acontecer.

Como se tornassem um redemoinho de fumaça negra, os dois desapareceram nas sombras.



Epilogo

Asti se viu ao lado de Bramastra. O tigre tinha os olhos cerrados e voltados para o céu, como se prestasse atenção ao flamejar das chamas distantes. Devas... tantos deles, e em tantas variedades ao redor do mundo...

Asti viu brilho em seus olhos e foi inundada por um sentimento de orgulho. O sussurrar de algumas das chamas mais próximas chamou sua atenção. Débeis como uma vela ao vento, podiam apagar-se a qualquer instante. Algumas estavam além de qualquer salvação, outras não. Eram uma Ignis e uma Gaia drenadas de magia, e um elemental Gaia que lutava para existir antes que sua parceira se esvaísse em sangue.

Asti, surpresa, encarou o tigre solar. Salvá-los... será que isso estava em seu poder? Bramastra rosnou com despeito, ofendido pela ideia de que preencher seus filhos de magia fosse difícil para um elemental do soberano de Maan.

– Asti! Asti! Acorde!

Arjuna tentava chamar de volta à consciência a jovem desacordada, torcendo para que a vida não tivesse se esvaído do corpo da garota novamente. A cabeça de Asti estava apoiada no colo de uma pessoa que acariciava seus cabelos. A realidade demorou um pouco para atingi-la. Quando abriu os olhos, não conseguiu acreditar.

– Mãe? Mãe!!! Você está viva mesmo?! – Asti abraçou Draupadi com força. Lágrimas não pararam de escorrer dos olhos de ambas.

– Quem diria que você iria me salvar de forma tão gloriosa? Foi graças ao seu elemental. Nunca vi um desses, só nas lendas!

– Bramastra... Obrigada. – disse Asti sorrindo e acariciando o focinho do elemental ao seu lado com afeição.

– Parece que não salvou somente ela... – disse Arjuna.

Ao seu lado, estavam Camil e uma outra Deva, com cabelos de folhagem alaranjada.

– Lis...?

Era a vez de Asti ser abraçada pela amiga Herbalista, despertada pela luz de Bramastra.

– Eu disse que você era uma pessoa maravilhosa... – disse a garota, escondendo o rosto choroso no ombro da amiga.

– Obrigada por ter acreditado em mim... – disse Asti, retribuindo o abraço.

Então Asti viu Arjuna se afastar até a beira das ruínas da Torre. Ela se levantou e o seguiu. Lá de cima, o príncipe contemplava o amanhecer em Dwaraka. Era a primeira vez que via a Cidade Dourada despida de seu manto de névoa. Apesar da bela visão, Asti percebeu que o Ignis não conseguia deixar de se sentir inquieto. Os Devas não eram entusiastas das mudanças e ambos sabiam que algo estava por vir.

A mão delicada de Asti segurou as mãos de Arjuna, tranquilizando-o.

– Nós estaremos preparados para quando eles voltarem! – disse ela, sorrindo. – Mas não vai ser fácil...

– Será, se você estiver ao meu lado. – respondeu Arjuna, mantendo a pequena mão entre as suas.

Longe de testemunhas, ele abaixou-se, encostando seus lábios nos de Asti, e seu gesto foi correspondido em um abraço terno.

E ele sabia que, de algum lugar, Bhima sorria para eles.